

Camilo Castello Branco

Obras



LELLO & IRMÃO

EDITORES

PORTO





Obras de CAMILLO CASTELLO BRANCO

(ORIGINAES E TRADUÇÕES)

Edições da LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão—PORTO

Todos os volumes com o retrato do auctor, e lindas cartongens

Amor de Salvação, cart.	700	Espada de Alexandre, cart.	300
Amor de Perdição, cart.	700	Echos humoristicos, cart.	500
Amor de Perdição, edição de luxo, cart.	4\$500	Eusebio Macario, cart.	700
D. Antonio Alves Martins, cart.	300	Freira no subterraneo, cart.	700 ^P
Assassino de Macario, cart.	700	Genio do Christianismo, 2 vol., cart.	1\$700
Amores do Diabo, cart.	700	General Carlos Ribeiro, cart.	400
Brazileira de Prazins, cart.	700	Immortalidade, cart.	800
Bom Jesus (No) do Monte, cart.	700	Jesus Christo perante o seculo, cart.	800
Bohemia do Espirito.	1\$000	Livro de consolação, cart.	700
Bibliographia portugueza e estrangeira, 4 volumes, cart.	2\$800	Luiz de Camões, cart.	300
Corja, cart.	700	D. Luiz de Portugal, cart.	500
Cancioneiro alegre, 2 vol., cart.	1\$400	Memorias de D. Frei João de S. Joseph de Queiroz, cart.	700
Carta de guia de caçados, cart.	500	Maria da Fonte, cart.	700
Compendio da vida e feitos de José Balsamo, cart.	700	Mata-a ou ella te marará, cart.	300
Carrasco de Victor Hugo José Alves, cart.	700	Mosaico e Sylva, cart.	700
Criticos do Cancioneiro, cart.	300	Noites de insomnia, 12 vol. em 4. cart.	3\$200
Diccionario de Educação e Ensino, 3 grossos vol., euc. em carneira	11\$000	Othello, o Mouro de Veneza, cart.	400
		Poesias e prosas de Seropita, cart.	700
		Questão da Sebenta, cart.	700
		Riquezas do pobre, cart.	700
		Ratos da Inquisição, cart.	800

Senhora Rattazi, cart.	300	Vaidades irritadas o irri-	
Scroens do S. Miguel do		ritantes, cart.	300
Seido, 6 vol. em 2, cart. 1\$600		Voltareis ó Christo, cart.	300
Sá de Miranda, cart.	300	Volcoens de Lama, cart.	700
raça Vinho do Porto, cart.	300	Vida do D. Affonso vi,	
Visconde de Onguella,		cart.	600
cart.	500		

**Obras de fundo impressas ainda
em vida do grande romancista, á venda na mesma Livraria**

Mysterios de Lisboa, 2		Horas de Paz, broch.	600
vol. broch.	1\$000	Cart.	800
Cart.	1\$400	Lagrimas abençoadas,	
Onde está a felicidade,		broch.	400
broch.	500	Cart.	600
Cart.	700	Duas horas do leitura,	
Scenas da Foz, broch.	400	broch.	400
Cart.	600	Cart.	600
Romance d'um homem		Agostinho de Ceuta, dra-	
rico, broch.	500	ma, broch.	240
Cart.	700	Poesia ou dinheiro, dra-	
Anathema, broch.	500	ma, broch.	200
Cart.	700	Justiça, drama, broch.	200
Neta do arcediago, br.	400	Purgatorio o Paraizo,	
Cart.	600	drama, broch.	200
Sercia, broch.	500	Espinhos e flôres, drama,	
Cart.	700	broch.	300
Carlota Angela, broch.	500		
Cart.	700		

**Camillo Castello Branco, sua vida
e obras por J. C. Vieira de Castro, br. 600. Cart. 800**





VRARIA "ASTRÉIA"
EDITORA LTDA.

Caixa Ramos de Azevedo, 209
1.ª Sobre-loja
SÃO PAULO

VOLCOENS DE LAMA



DO MESMO AUCTOR

No Bom Jesus do Monte	500
José Balsamo	400
Cancioneiro alegre, 2 vol.	1\$000
Noites de Insomnia, 12 vol.	2\$400
Serões de S. Miguel de Seide, 6 vol.	1\$200
Bibliographia portugueza e estrangeira, 4 vol.	2\$000
Genio do Christianismo, 2 vol.	1\$200
Eusebio Macario	500
Corja	800
Brazileira de Prazins	500
Horas de Paz	600
Carrasco de Victor Hugo José Alves	500
Marquez de Torres Novas.	400
Os amores do Diabo.	500
Carta de guia de casados.	300
Vida de D. Affonso vi.	400
Luiz de Camões	400
D. Luiz de Portugal.	300
O general Carlos Ribeiro.	400
Othelo, o mouro de Veneza	300
O vinho do Porto.	300
Riquezas do Pobre	400
Maria da Fonte	500
Bohemia do espirito.	1\$200
Livro de consolação.	500
Voltareis, ó Christo?	200
Vaidades irritadas e irritantes.	200
Ratos da inquisição.	600
Questão da Sebenta.	500
D. Antonio Alves Martins	200
A Sercia	500
A espada de Alexandre.	200
Agostinho de Ceuta.	240
Amor de salvação	500
Assassino de Macario	500
Diccionario de educação, 3 vol.	9\$000



CAMILLO CASTELLO BRANCO

Volcoens de lama

(ROMANCE)

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

Todos os direitos reservados.

4084



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/9/81
Tombo	B/81/16
4084	lun

869 3

869.8
B 8160
V. L. P.
1.098

Porto — Imprensa Moderna





RASÃO DO TITULO



ORDINARIAMENTE quando, em estylo metaphorico usamos comparar as fêrvidas paixoens de alguns homens aos vulcoens, a comparação vac buscar o simile ás crateras do Etna, do Hecla e do Vesuvio. Presume-se pois que os antros do coração humano resfolgam fogo de paixoens assoladoras como os intestinos do nosso globo jorram, arroios de lava candente que subvertem, devastam, devoram, pulverisam ou petrificam toda a



natureza viva e morta que abrangem nos seus braços de lavaredas.

✓ Todavia, ha ali na casa do planeta paixoens humanas cujo simile não o dá o Vesuvio, o Hecla nem o Etna. É de Java que elle vem — de Java onde estuam convulsionados uns vulcoens de lama que ex-pluem o seu lôdo sobre as coisas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asphixiando-as na sua esterqueira espaçada.

N'este romance estão em actividade permanente, sempre accesas, as eratóras das paixoens da aldeia, tambem volcanicas, exterminadoras; mas sujas de uma porcaria nauseabunda — *volcoens de lama*, em fim.

Tal é a rasão do titulo.





I



PODEROSA rasão que o lavrador Roberto Rodrigues oppunha para não mandar ensinar a lêr o filho, era — que elle pai tambem não sabia lêr, e mais arranjava lindamente a sua vida. Esta vinha a ser a rasão capital, reforçada por outras subalternas e praticamente bastante persuasivas.

—Se o rapaz souber lêr — argumentava triumphantemente o idiota — assim que chegar á idade, ás duas por tres, fa-



zem-no jurado, regedor, camarista, juiz ordinario, juiz de paz, juiz eleito. São favas contadas. Depois, em quanto elle vae á audiencia ou á camara, a Cabeças, d'aqui uma legua, os creados e os jornaleiros feram-se a dormir a sesta de cangalhas á sombra dos carvalhos, e o arado fica tambem a dormir no rêgo. E a demais, isto de saber lêr é meião caminho andado para asno e vadio.

E citava exemplos, personalizando meia dizia de bregeiros que sabiam lêr e eram mais asnos e vadios que os analphabetos.

Quem a tal respeito questionava muito com o Roberto Rodrigues, de Val-Rondono, era o seu compadre, um reitor do concelho de Gaya, padrinho do rapaz. A calunnia malsinava este clerigo, mordiscando-lhe a reputação com o proloquio — *fazel-os e baptisal-os*; e, valha a verdade, nunca o anjo da innocencia se viu tão em panecas para desmentir um accidente



cazual que parecia rico trabalho da natureza, um exemplar perfeitissimo de hereditariedade morphologica; e não desmentia nada — que é o peor — quando o anjo candidissimo da pureza conspuea as suas azas em immundicies das alcovas conjugaes.

O menino Arthur parecia-se tanto com o padrinho que até, n'uns mexericos protervos, as linguas naturalistas da freguezia lhe chamavam o *padre-pequeno*, e ao pai legitimo chamavam-lhe o *cuco-grande*. Chalaças brutas d'aldeia que, transplantadas para a cidade e rendilhadas de estylo figurado, podiam ser citadas como exemplos de *humorismo* portuguez — uma especialidade que se dá na nossa terra como as batatas; e nós, em vez de exportarmos, importamos batatas do Val de la Mula e espirito do *Figaro* e do *Chat Noir*.

O vigario era d'aquelles sitios, bacha-



rel em theologia, prégador romantico, com bastantes lettras e temperamento calidamente sanguineo. Um volcão. Contavam-se explosoens d'esse temperamento vesuviano, que reperentiram outras explosoens, precedidas de phenomenos que a obstetricia não desconhece e nos dispensam de aereeditar nas geraçoens espontaneas. Creio que n'estes dizeres transpuz os limites da candura nas azas do Pudor,—o moderno pudor alado com *p* grande, que pertence á volateria rara, de arribação, como as garças reaes e os mergulhoens do norte.

O certo é que, a final, explosiram também contra o padre dons ou tres lavradores de uma intransigencia bestial; e então o theologo, Hilario Tavares, aliando a prudencia á sabedoria, sahiu da terra e foi apascentar um rendoso rebanho nas cercanias do Porto.

O lavrador Rodrigues de Val-Redondo não foi um dos dois ou tres refractarios á



civilisação das aldeias. Permaneceu leal amigo do padrinho de seu filho; e, todos os annos, por occasião da festividade do orago, hospedava quinze dias o compadre que prégava gratuitamente o sermão; e assim, no decurso de dez annos, graças ao desinteresse do seu talento parenetico, grangeára o prégador rehabilitado a bem-querença dos seus conterraneos.

Dez annos contava tambem o Arthurzinho, filho unico do lavrador abastado, e não ia ainda á eschola. Contra o costume dos rapazes, era elle quem pedia ao pai que o deixasse aprender, por que tinha vergonha dos outros môços que estudavam a doutrina ehristan pela *Cartilha*.

Não onsava o pai refutar impiamente a convenienciã da doutrina ehristan; mas allegava que bom catholico era elle, e mais nunca aprendêra a doutrina pela *Cartilha*. E, com uma grande jaetancia, desenrolava torrencialmente tudo o que sa-



bia, misturando os *Peeçados mortaes* com as *Obras de Misericordia*, e os *Inimigos d'alma* com as *Virtudes theologaes*. Ainda assim sabia muito mais do christianismo do que ali qualquer bacharel-formado capaz de inventar uma religião.

Acolhia-se o rapaz ao padrinho como empenho para o pai. A lucta durou tres annos, até que enfim o lavrador consentiu que o filho fosse aprender a lêr na companhia do compadre.

O discipulo era habil, e o mestre educava-o com amorosa vigilancia, um zelo extremoso, aligeirando-lhe a tarefa das liçoens com palestras pedagogicas adequadas a facilitarem ao môço a intelligencia dos pontos difficeis. Assim lhe ensinou portuguez, latim e francez no espaço de oito annos, ao fim dos quaes o padre Hilario morreu no vigor da idade.

Tencionava o reitor mandar o afilhado para Coimbra e formal-o em direito á



sua custa, visto que o lavrador se recusava pertinazmente a dar as mezadas.— Quero em casa o rapaz; (dizia nas cartas) doutores que os leve o diabo!

O Padriulho não podéra legar-lhe o patrimonio, porque era vitalicio e reversivo a sobrinhos; deixou-lhe, porém, tudo quanto podia: algumas duzias de moedas em cruzados novos, a egua, muito boa estampa, um colmeal com 55 cortiços, os aparelhos de pesca e caça, muito valiosos, e a sua livraria composta de classicos latinos e portuguezes, alguns sermonarios francezes, e as obras completas de Eugene Sue e A. Dumas. Tambem tinha o *Cavalheiro de Faublas*, e o *Victor ou o Menino da Selva*, obras de sensação, impressionistas.

Foi Arthur Rodrigues para a companhia dos pais. A mãe revia-se pasmada nos geitos afidalgados do filho, a bizzarria da sua roupa feita no Porto e na ultima moda, a lindeza das suas fallas, as graves ma-



neiras que impunham respeito aos rapazes da sua criação. O pai achava-o assim a modo de *pronostico*, muito patarata com as raparigas, não se importando com as cousas da casa, rindo-se das palavras grosseiras d'elle, chamando bêsta a toda a gente; que não dava importancia aos parentes, e olhava de revez e com engulho para os velhos trastes da casa. Que, um dia sim outro não,—queixava-se o pai—montava a egua que lhe deixára o padrinho, e ia para a Villa da Feira ou para o Porto sem pedir licença. Que das 60 moedas que herdára ninguem em casa lhe vira as cruces de doze vintens, e que lá as andava derretendo bem sabia o diabo por onde.—Não t'ò disse eu? —apostrophava á mulher— não te disse eu, Balbina, que o rapaz se faria bregeiro e vadio assim que aprendesse a lêr? Agora ali o tens; péga-lhe c'um trapo quente. Aquelle está prompto, sim, senhores! Um malandro acabado! Elle faz de conta que



en cá eston a trabalhar como burro para lhe augmentar a casa. Anda por lá na gandaia; mas quando se lhe acabar o arame do padrinho, que venha cá. Está servido o tal janota de... — E fallava estercorosamente como Victor Hugo escrevia em certo livro.

A mãe do janota limpava os olhos no avental, e sentia-se por dentro roída de certos remorsos. Receava grande tormenta eminente na sua vida como castigo de qualquer delicto que as vizinhas sabiam melhor do que nós. Andava scismatica, a pensar em fazer uma confissão geral, peniteneiar-se para desarmar as coleras divinas.

*

Ora, as 60 moedas do defunto reitor esgotaram-se no fim de seis mezes.

No decurso d'este meio anno, Arthur Rodrigues Tavares (appellidava-se *Tavares*, em memoria de seu sandoso padrinho) namorára-se de sua prima Dorothea,



do Crasto, uma rapariga esvelta, alva de neve, com o rosto rozado que parecia uma taça de ereme em que boiasse uma roman aberta. Era a flôr dos concelhos de Femedo e Arouca, amada a um tempo por lavradores ricos, pelo juiz eleito, por varias auctoridades, pela junta de parochia—amavam-na todos, incluindo bachareis formados. Mas o juiz eleito, o José da Silva Rato Junior, era o mais resistente rival que se antepunha ao Arthur Tavares.

Rato Junior havia sido o predilecto de Dorothea até ao momento em que ella viu o primo Arthur de luzentes botas d'agua com pratelleira, cavalgando a nervosa egua que fazia *piaffés* e curvetas, obedecendo á pressão dos joelhos do cavalleiro. Um deslumbramento!... um fulminante corisco d'amor, afogueado na forja da sciencia; porque Dorothea sabia lèr, e relia pela quarta vez com muitos suspiros



os *Amantes desgraçados*, traduzidos do francez por *Altina*, e *Arminda* e *Theo-tonio*, novella portugueza por *Eliano Aonio*. Não obstante a corrupção alastrada por estas leituras, a infeitiçada môça chegou a fazer promessas importantes á Senhora dos Remedios, se a curasse da sua paixão pelo primo. O Rato fazia-lhe uma pena que era mesmo despedaçar-se-lhe o coração. Elle já a tinha pedido ao pai, o João Canastreiro, que prometteu dotal-a com 200\$000 réis e mais os cordoens da mãe que pesavam 25 moedas. O juiz eleito não era rico; mas tinha uma tia amigada com um juiz do Supremo tribunal, muito velho, e esperava herdar d'ella quinze mil cruzados, para cima que não para baixo, em terras no concelho de Fervedo que o desembargador lhe deixava em testamento á tia. Além d'isso tinha um irmão administrador do correio, outro era tabellião, um primo vereador; e outro primo, que estudá-



ra no Porto para architecto, era substituto do juiz de direito e despachava autos.—Boa familia a do José Rato; e elle tão relaciodo que um governador civil de Aveiro, pernoidando em Arouca, o mandára chamar para a cavaqueira.

E um noivo, n'estas circumstancias excepcionaes, bastou um relance magico d'olhos, uma negação e talvez um beijo perturbador para o volatilisar do intimo de Dorothea, e inlouquecê-la tão sem remedio que a pobre rapariga imaginava-se victima de bruxêdos.

Ora o primo Arthur tinha 18 annos e era um guapo rapaz.

—Parece-se muito com o pai—dizia a Rosa do Bentes, no adro, quando elle sahia da missa.

— Com qual pai?—perguntava a Josefa do Tamanqueiro.

—Com qual pai ha-de ser? com o padre Hilario, que eu cõheci quando era



novo como agora é o filho. E' o padre escarrado—tal qual, e não lhe conheço outro pai que eu saiba.

N'um grupo á beira, cochichava a Maria Leitôa :

—A Rosa do Bentes está alanzuando que conhecer o padre quando elle era novo . . . Ora se conhecer . . .

—E de mais . . .—confirmava a Brigida Ruiva—reparem vocês na cara da filha d'ella, na Apolinaira, a cara do sr. Arthuriinho e do padre João como quem a pintou.

—Calaide-vos, calaide-vos!—interveio a tia Luiza da Loja-nova—O padre já lá está a contas com Deus, e vós aqui á má lingua! E' um grande peccado mexer nas eizas dos mortos, ouviram, suas desbocadas?

Não foi baldada a admoestação da tia Luiza. O grupo das más linguas amnistiou o morto, e desforrou-se nos vivos. Contaram então que o José Rato andava como a cobra que perden a peçonha; que o casa-



mento estava desfeito, por que a Dorothea, desde que o primo lá fôra de visita, aquillo foi como a doninha com o sapo; que parecia mesmô uma cabra doida de cio; não fallava senão no seu priminho, e tivera o ousio de dizer á mãe que não queria o Rato, e seria mais facil malhar a um poço que casar com elle. O juiz eleito, quando soubera isto, esteve muito mal da maquina interior, com flatos; depois, botára as unhas a uma espingarda para ir matar o Arthur, de Val-Redondo; que eustára muito a ter mão n'elle; e que, afinal de contas, lhe pegára uma febre que o tivera de cama; agora já andava por seu pé, mas estava muito escanifrado, um *escalêto*, e não ia longe.

No grupo houve quem esclarecesse pontos menos lucidos da noticia. Uma visinha e amiga da Dorothea affirmou que o Arthur entrava, noite morta, por uma janelha em casa do Cauastreiro, e sahia ao romper do dia com espingarda e cinturão de caçador.



Foi a primeira vez que d'um grupo d'aquella especie não explosiu calumnia. Tinham dito verdade, extrema, crystalina, sem nódoa de detracção aleivosa. O afilhado do padre, com effeito, entrava por 11 da noite, e ao raiar da aurora, quando os negros melros assobiavam, sahia de casa do Canastreiro, com o dedo no gatilho da clavina, olho perspicuo, e o dorso derreado, rente com as paredes altas para defender a cabeça da pontaria traiçoeira do juiz eleito.

Estas entradas e salidas, segundo posteriores e verosimeis informações da vizinha, passados dois mezes, repetiam-se com menos frequencia: uma vez, por semana, quando muito. A vizinha, por amor do romance vivo e da historia dos usos e costumes da sua freguezia, passára más noites de vigilia, com o nariz collado á fiska de um postigo, a vêr se o Arthur trepava á janella da Dorothea. Afinal,



ao quarto mez, as noites de dezembro frigidissimas e nevadas explicavam a ausencia do caçador. A curiosidade da visinha esfriou tambem, visto que, durante o janeiro todo, em pesquisas de amores nocturnos, apenas descobrira, no telhado de Dorothea, algumas mancebias de gatos n'un phrenezi de berros doloridos. Resta, porém, a mais instructiva das averiguaçoens da denunciante:—Ao quinto mez, dizia ella—Dorothea não sahia de casa nem se mostrava a ninguém.

*

✓ Se alguma vez a ordem das coisas sub-lunares evoluiu com a maior naturalidade foi então.

Arthur Tavares viera algum tanto infeccionado dos ares pestilentos do concelho de Villa Nova de Gaya. Terçára as primeiras armas n'uma povoação chamada a *Raza*, famosa como alcouce ao ar



livre, de mulheres de nalgas maeiças, com umas convexidades vibrateis, de pernas opulentas, d'uns requebrados arremêços no pizar e bater da chinella gaspeada que parecem marear a marcha da sua desfatez ao som de um hymno triumphal. Temiveis demonios! mulheres de tremer! flores de esterqueira que eu tenho visto na *boutonière* das melhores cazacas!

Foi ali pela Raza que o estudante noviciou no amor, quando o padrinho o deixava ir á caça das codornizes e das laverças. Além d'isso, elle tinha relido e digerido o *Cavalheiro de Faublas* que encontrára entre a *Summa* de S. Thomaz d'Aquino, e o *Sancto Antonio, Racional da Graça*, collecção de sermoens do padre Antonio de Escobar. *Estava prompto*, como dizia o pai inconscientemente.

A primeira mulher impolluta e ingenua que lhe accitasse a côrte estava irremediavelmente abysmada. Menina candi-



da, que respirasse o halito mephitico d'este homem, devia morrer asphyxiada como avesinha que adejou por sobre os lagos Avernos. Para conjurar o maleficio dos infectos d'esta peor especie não ha senão o prophylatismo do cacête.

Cahiu a sorte negra na infausta noiva de José da Silva Rato Junior. Se o pudor feminino resistiu ás primeiras investidas do lascivo primo, essa resistencia foi vencida pela promessa de remediar o peccado com o sacramento, logo que esse acto se fizesse necessario para legitimar o escandalo.

Mas o escandalo, supremamente naturalista, principiava a gritar do fundo das entranhas de Dorothêa, por maiores esforços que ella pozesse em o suffocar com espartilhos que lhe adelgaçassem a cintura e com sobrepostos saiotos para lhe arredondar as ancas. A mãe não podia já illudir-se, e o pai começava a reparar na magreza desmaiada da rapariga e nas mal enchutas lagrimas da mulher.



Entretanto, Dorothea prostrava-se de joelhos aos pés do primo a pedir-lhe que a recebesse, que a recebesse e a matasse depois, se ella lhe dêsse algum desgosto.

O Arthur não se esquivava ao cumprimento da sua palavra:— que sim, que havia de eazar com ella, tão depressa obtivesse licença do pai—o que não tardaria por andarem mettidas n'esse negocio pessoas respeitaveis.

Principiaram então a rarear as vizitas, inutilizando a espionagem da vizinha. Metteu-se o novembro muito frio, grassavam as catharraes, os caminhos eram lamaceiros absorventes, intransitaveis, e o primo Arthur Tavares tinha de patinhar tres quartos de legua para assistir eheio de tedio a una scena de lagrimas, e de mais a mais arriscado a levar quatro ripadas do tio Canastreiro ou dois zagalotes do José Rato. Ella ia vivendo. O seculo de Phaon ia já muito longe; e por aquelles sitios os



Leucades de lama apenas estavam infamados por naufragios de burras de moleiros. Suicidios de Saphos não constava nenhum.

Não era preciso ter lido o *Faublas* para, nas noites tempestuosas de fevereiro, preferir o aconchêgo dos seus cobertores de papa ás caricias deplorativas de Dorothea que ás duas por tres: «Caza comigo, primo do meu coração, caza comigo, se não eu pégo e engulo tres caixas de phosphoros!» E nunca pegava nem engulia sequer uma caixa!

Arthur, lido bastante em Sue e Dumas, tinha sufficiente erudição critica para sentir o supremo ridiculo das caixas de palitos phosphoricos de José Osti. Já o enojava aquella ameaça repetida sempre na mesma incorrecção afflictiva. *Pégo e engulo*, dizia elle consigo. Achava incorrecta a grammatica da phrase. Ora, quando um amante saciado principia a esgaravatar so-



leicismos e barbarismos na declamação da mulher que o adora, essa mulher está perdida para todos os efeitos.

O escandalo, a final, manifestava-se, grande, espherico e visivel, sem o telescopio do selenógrapho lord Rosse, como a lua-cheia, a casta Diana.—Bem comparadas coizas! O pae de Dorothêa entron no segredo da mãe quando o facultativo chamado á força, contra a vontade da enferma, declaron que a rapariga não estava hydropica, como a boa mãe conjecturava, por obsequio á moral.

— Aquillo não é nada — dizia o medico.— Antecipou-se, é o que foi.

--O quê?!—perguntava o pai esbugalhando uns olhos congestionados de projectos homicidas.

—Antecipou-se ao 7.º sacramento. Tudo se remedeia. A natureza fez a mulher, que é carne putrecivel, e a Igreja fez o sacramento que é o sal da carne em risco de apodrecer. Você percebe-me?



—Acho que sim; o snr. doutor quer dizer na sua que a rapariga...—E fez com as mãos enormes e convexas uma especie de cupula sobre o estomago.

—Ora ali está: é isso. Den no vinte. Agora é cazal-a, meu homem, é cazal-a com o sujeito que...—E fez tambem com as mãos uma cupula sobre o estomago, errando mais palmo menos palmo a topographia do phenomeno em questão.

Tinha muita pilheria este medico, e editava sempre uma chalaça nova para o diagnostico e prognostico de cada hydropisia que lhe apparecera d'aquella casta; e, como os casos analogos se multiplicavam cada vez mais nas doze freguezias que elle medicava, era preciso ter fértil imaginação para se não repetir. D'esta vez o que lhe valen foi a cupula,—um plagiato; a originalidade da mimica era do Canastreiro,—tenha paciencia o doutor.





II

As mães de Dorothea e do Arthur eram irmãos. Não se davam e raras vezes se viam. A Quiteria, mulher do João Canastreiro, casára contra vontade do pai que a reduziu a miseravel dote, beneficiando a mulher do Rodrigues. Começou d'ahi a indisposição, que se azedou quando a Quiteria, que era honesta, reprehendeu Balbina infamada pelo seu adulterio com o padre. A irman nunca lhe perdoou o atrevimento de intrometter-



se na sua vida, calumniando-a de mais a mais. Quiteria soffreu honradamente o insulto e o desprezo. Evitava-a quanto podia; e, se o marido a convidava a ir a caza da irman, tinha sempre doença que a impedia.

Quando o sobrinho a vizitou, dizia ella que lhe palpitára grande desgraça; e, se o não expulsou de sua caza, foi por que julgou realizar-se sem demora o casamento apalavrado da filha com o Rato. Depois, quando viu Dorothea apaixonar-se até á loucura pelo primo, já não pôde cortar violentamente as relações de parentesco sem expôr a filha á maledicencia e talvez ao suicidio.

A pobre mãe adorava a sua filha. Não tinha outra. Confiava muito nas suas orações a uma esculptura de santa Rita que a tinha favorecido repetidas vezes com uma condescendencia infatigavel em crises de enormes angustias como fôra a fe-



bre typhoide do marido, a episootia do gado vaccum e outras doenças graves das ovelhas e dos cevados, tudo restituído a uma perfeita saude por santa Rita. As lagrimas e a fé com que esta mulher se ajoelhava áquelle páo canonisado, não podiam deixar de commover a Providencia que suggeriu na treva da dôr humana a luz da oração. Eu, de mim, creio que Deus, auctor das angustias d'alma e corpo, deve ter creado tambem algum anodyno que as mitigue. E, se não é a oração, que ha-de ser? Para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morphina, a cocaina, a belladona, os anesthesieos; para as agonias do espirito, o linimento balsamico da oração, a esperanza do remedio extra-terrestre, a confiança n'uma alta potencia moderadora dos castigos infligidos pela sua divina lei. Os anesthesieos, a fricção da therebenthina, as injeções hypodermicas, ás vezes, são inefficazes



como as oraçoens. Não importa. O desgraçado reze e friccione-se sempre. Appelle para Deus da propria pharmacologia; e, quando as injustiças crueis d'este planeta o acalcanharem, vá perdoando sempre aos seus devedores,—não preferindo antes exentál-os—para que Deus Nosso Senhor lhe perdôe. . . a desgraça de ter nascido. Mas, se ha ahí desamparado que nenhum alivio experimentou oraudo, antes de negar a existeuca de Deus, procure-o. Vá sósinho. Suba aos espigoens das montanhas, ou desça aos reconavos dos despenhadeiros. Isole-se; proenre-o ahí, e espere-o. O mais efficaz narcotico para um cerebro convulsiouado é a solidão. Quando se sentir penetrado de uma serenidade humilde e reportada como a paciencia, ahí está Deus. Ou isto, ou a santa Rita da mulher do João Gaio. Ou a conformidade de Sylvio Pellico ou as peregrinaçoens á Virgem do



Sameiro. Em pathologia psychologica não ha mais nada.

*

Assim que suspeitou do projecto decisivo do marido. Quiteria, muito assustada, foi onde á irman, e avisou-a de que o Arthur, se não casava logo com sua filha, ou morria ás mãos do seu homem, ou teria de matar o pai da infeliz que deiton a perder. Balbina, que já andava scismatica e espavorida de ruins agouros, ficou estarrecida com a noticia da gravidez da Dorothea e das intençoens de seu cunhado, que tinha fama de muito máos figados. Prefigurou-se-lhe o sen Arthurzinho morto, e a justiça do céo a punil-a no fructo do adulterio. Pediu á irman que tivesse mão do marido em quanto ella cogitava a maneira de remediar o mal. Que esperava conseguir que o filho cazasse com a prima e que seu marido não se oppozesse.



Esta determinação, ao que parecia, foi-lhe arrancada pelo medo do perigo, e não por sentimentos honrados. A rica lavradeira, quando até áquelle momento scismava no casamento do seu filho unico, pintava na fantasia para nora alguma das herdeiras mais abastadas da comarca, e não achava dignas d'elle mais que uma ou duas das meninas educadas na cidade, senhoras propriamente ditas. Repugnava-lhe agora vêr o seu rico filho casado com a filha do João Gaio, enjo comêço de vida fôra vender canastras nas feiras e caparporeos por casa dos lavradores; mas, por outro lado, a sua consciencia, amedrontada pelo crime, aliviava-se de grande pêso, conjecturando que Deus lhe receberia esse acto humilde de virtude em desconto dos seus peccados — e assim ficariam as contas saldadas com a justiça divina. Interrogava a este respeito a imagem de varios santos, cujo silencio exprimia o seu bom



sensu, esquivando-se a figurar em negócios tão melindrosos de familia.

Primeiro, intendeu-se com o filho. Depois de reprehendê-lo pelo peccado, admoestou-o com exhortações pias a remediar o erro, cazando com sua prima, que a isso o obrigava a religião de Nosso Senhor Jesus Christo. Arthur escutou-a, glacialmente e respondeu com um sorriso de cynico e um encolher de hombros—synthesse de toda a philosophia de Faublas. A mãe estremeceu vibrada por uma reminiscencia muito dolorosa: pareceu-lhe vêr o riso sardonico e o erguer de hombros do padre Hilario quando ella, uma vez, exclamava que se mataria, se elle a deixasse por causa de outra. Apertado pela mãe, o rapaz explicou o sorriso impudentemente:—que não cazava com Dorothea nem com outra, ainda que ella fôsse princeza, porque era muito novo e precisava da sua liberdade para seguir uma carreira. Que



estava resolvido a seguir a vida militar, visto que o pai não lhe dava as meçadas para a formatura. Repliou a mãe que o Canastreiro jurára matá-lo ainda que o fôsse proenrar ao inferno. O janota redarguiu pimponamente que a pontaria do Canastreiro não era melhor que a d'elle — que estava ás suas ordens. Balbina debullhou-se em copioso pranto: — Ai! filho da minha alma! ai! filho do meu coração! — e estreitava-o ao peito com a estremeçada angustia de mãe que se abraça ao seu amado em perigo de vida. Rogava-lhe de mãos postas que cazasse com a prima, que não condemnasse a sua alma; que, se o não fazia por amor á pobre rapariga, que o fizesse por temor de Deus. Elle sentiu-se tentado e habilitado para convencer a mãe da ausencia de Deus tanto em cazamentos como em mancebias; mas desdenhou a victoria com quem lh'a não podia disputar.



Com o intento de resalvar o filho da vingança do João Gaio e esperar que o tempo conjurasse o perigo, pediu Balbina com muitas lagrimas a Roberto que mandasse o Arthur para Coimbra, e contou-lhe tudo. «Se elle com poucos estudos já é tão patife que deshonorou a prima e não quer cazar com ella, que fará quando fôr doutor?» Esta refutação do analphabeto Roberto Rodrigues é a condemnação da instrucção primaria como inutil para se pensar e exprimir com acêrto. Ha homens sem ressaibo de lettra redonda nos quaes Deus ineute infusoens de logica. Elles dão ares de sahir do Cenaculo a evangelisar conceitos immortaes. Sim, meu velho Rodrigues! se aquelle patife com um poneo de francez de Laplace e algum latim de Tito Livio, ainda estranho á rhetorica do Cardoso e á Logica do dr. Doria, deshonrava a prima com perfida promessa de eazamento, que faria depois, ao sahir



do pôço da sciencia, a escorrer pus de corrupção e pandectas de todo elle, á proporção da sabedoria? Fizestes muito bem, honrado lavrador, em castigar assim o filho do teu compadre—fizeste muito bem!

Facil é de vêr que o sentimento paternal tinha esfriado muito no coração do velho. Parece pois que a voz do sangue não gritava, e que a natureza, nem sempre amordaçada pela lei absurda que faz os pais demonstrados pelas nupcias, *nuptiæ demonstrant*, estava protestando, no desamor de Roberto, contra o sophisma d'aquella progeneritura de coito damnado. Só assim se explica o desabrimento com que elle responde á ameaça de ser soldado, communicada pela consternada mãe: «Vai melhor para o quartel que para os estudos. Lá na tropa é que se ensinam os tratantes. Deixa-o ir com dez milheiros de diabos.» Balbina ouvira isto aterrada, silenciosa, e dizia talvez de



si comsigo: « Bem se vê que não é teu filho... » E, depois, relatando a resposta ao filho, Arthur prorompeu em insultos ao apocrypho auctor dos seus dias:— que era um ginja estúpido como uma tranca, um pedaço de asno, uma bête quadrada. E a mãe, ouvindo isto, aterrada e silenciosa, dizia de si comsigo: « Bem se vê que não é teu pai... »

*

Apesar da illimitada confiança que Arthur, caçador de laverças, puzera na sua mira, acautelava-se de dia, e não sahia de noite. A mãe não o largava; e assim que elle punha pé fóra de casa, ali estava ella de joelhos a implorar vigilancia ao anjo da guarda de seu filho.

Uma noite recebeu Arthur um bilhete de Dorothea em que as lagrimas eram tantas que deliam e aguavam a tinta. Pe-



dia-lhe que se sumisse, que fugisse para longe, porque eram dois á cata d'elle para o acabarem — o pai e o Rato. Concluia por lhe perdoar a sua desgraça, e só lhe rogava que não abandonasse o seu filho, se elle chegasse a naseer.

Isto, se não era commovente, era sério pelo que respeitava á pancadaria. O cauto Nemrod de codornizes enfardelou o seu fato, não deu satisfaçoens ao pai, e confidenciou deslealmente á mãe que ia até ao Porto passar algum tempo até abonantar-se a tormenta. Ella applaudiu a resolução e deu-lhe os seus melhores cordoens de ouro para que os vendesse, sendo preciso. O que ella já agora queria era ter o seu filho vivo e resguardado de perigos, embora o não visse.

Tinha elle, no concelho de Villa Nova de Gaya, os 55 cortiços de abelhas que lhe deixára o padrinho. Com o producto do colmeal e da egua, afóra os cordoens, ha-



bilitou-se para iniciar a carreira das armas longe da sua terra e do alcance dos bacarmartes do João Gaio e do juiz eleito. Como tinha alguma leitura das chronicas aziaticas de João de Barrós e Diogo do Couto, pensava em ir para a India. As suas ideias a respeito do mechanismo militar e da organização social portugueza, em 1844, abonavam-lhe a esperança de ir á Azia e regressar de lá com os louros dos Castros e Albuquerque para intupir de assombro os Canastreiros e os Ratos.

Disseram-lhe no Porto que não podia ir militar no oriente sem sentar praça aqui e transferir-se depois para as guardiçoens ultramarinas. Aceitou o alvitre, e foi para a côrte, onde jurou bandeira em um regimento de infantaria. Fez-se estimar por distineção de figura, aceio, correção de maneiras, submissão á disciplina, phrases elegantes e uma certa illustração que os officiaes lhe admiravam.



Elle era unico em lingua franceza no regimento, e quanto a latim não haveria outro no exercito a não ser o marechal Saldanha.

Poucos mezes depois sahiu n'uma expedição para Gôa com as divisas de 1.º sargento. Na véspera do embarque escreveu á mãe a primeira carta. Dava-lhe parte da sua ida para a India como official inferior, e esperava achal-a viva quando voltasse gloriosamente á sua patria.

A mãe não recebeu tal carta. O José da Silva Rato, cujo irmão era administrador do correio, subtrahin-a. Tinham indagado muito tempo sem resultado o esconderijo do seductor, elle e o pai de Dorothea, confederados no plano de o matarem. Esperavam uma carta dirigida á familia que os orientasse. Nunca chegára alguma ao correio de Fermêdo, até que, decorridos quatro mezes, houveram á mão essa que abriram, lêram e rasgaram.



Balbina, a despeito do marido, tinha ido ao Porto procurar o filho. Ameaçavam-na já uns preludios de mania. Passeava as ruas do Porto, ao acaso, a vêr se topava o seu Arthur. Não conhecia ninguém que a dirigisse e auxiliasse. Viam aquella mulher a chorar parada na Ribeira, na Praça Nova, na Cordoaria. Perguntavam-lhe o que tinha. Respondia que procurava o seu filho, dizia o nome e a naturalidade. Ninguém o conhecia nem se interessava em descobrir um rapaz de vinte annos, — um paudego provavelmente, fugido da massada da aldeia, e perdido n'aquella Paris; talvez no boulevard dos Tintureiros ou no boulevard da Viella da Neta. E os transeuntes, que ouviãem aquella mãe lamentosa, iam cuidar dos seus negocios, dizendo-lhe consoladoramente: «Vá para sua casa, mulherzinha, que o rapaz, em se lhe acabando o bronze, lá o tem.»



Regressou muito desgraçada, muito envelhecida, ao fim de oito dias, quasi sem alimento, nem somno, nem descanso. O marido encarou-a espantado: «Que deabo tens tu, mulher?! Parece que trazes da cidade mais 20 annos! Não topaste o filho por lá? Deixa-o com a breca! O bem que elle te quer a ti é como se vê. Nem uma carta! Pois paga-lhe na mesma moeda, minha laverca! Faz de conta que morreu, que eu ha muito que fiz o mesmo.»

—Não fallarias assim se elle fosse teu filho. . . —diria ella no secreto da sua consciencia atribulada.

D'ahi a pouco entrou pela mystica fervorosamente. Ia confessar-se e commungar a outra freguezia todas as semanas. Morava ali um egresso franciscano de muita fama, com a casa sempre, desde o apontar da manha, n'um assedio de beatas encapuchadas, com as mãos cruzadas sobre o peito, cabello á escovinha e o ter-



ror do inferno nos olhos espavoridos. Algumas escabujavam com hysteria na egreja; outras, prostradas de boreo sobre as campas, faziam pyramides sem vertice, cones troncados, com o lombo e partes subjacentes. O egresso, fr. Joaquim da Cruz Sagrada, era um virtuoso, intelligente discipulo conventual de fr. Manoel do Cenaculo, valetudinario, austero consigo e indiligente com os outros, muito triste, cheio de sandade do seu cenobio e da sua pobreza. Vivia como um professo, sempre amortalhado no sen habito, por baixo do capote de cabeçoens, para não irritar a lei de Joaquim Antonio d'Aguiar que o mandára despir o habito e morrer nu, de fome e de injurias. Soffria até ás lagrimas, quando as consciencias das suas confessadas se abriam como ventres putridos perfurados por turbilhoens de vermes.

Assombrava-o a libertinagem das aldeias, a depravação das adúlteras crucifi-



cadras em remorsos quando começavam a envelhecer, estafadas de vicio e com as carnes moídas. Esquivava-se, quanto a religião lhe permittia, de ouvil-as, por que duvidava da sinceridade da contrição. Intendia que a corajosa desvergonha de se confessarem era o impulso instantaneo e violento de um terror das penas eternas que não podia permanecer salutarmente. N'aquelle cerebro e coração cancerados não podia entrar intendimento novo nem alma regenerada. Lembravam-lhe as palavras do Divino Mestre no Evangelho de S. Matheus: *Ninguém deita remendô de panno novo em vestido velho... Nem deitam vinho novo em odres velhos, aliás rebentam os odres e se vai o vinho.* (Cap. ix, v. 16 e 17.) É que algumas peccadoras muito chorosas, rojando a sua penitencia em joelhos á volta da igreja, e depois reincidentes com o velho despejo, entibiaram-lhe o zelo ingenno, afroixa-



ram-lhe a energia com que se arremeçára, abroquellado de armas divinas, de encontro ao espirito do mal. Veneido, não duvidou da interferencia de Deus nos actos penitenciaes; mas viu em si um soldado fraco para tão formidaveis combates. Retirou-se do confessorio algum tempo, e ungiu-se para a peleja com o balsamo da oração humilde, pedindo a Jesus Christo unção apostolica. Ora as mulheres não o deixavam. Era um alarido de choradeira á porta do padre e na igreja. Algumas velhas pediam exorcismos para as filhas possuidas do demonio. As obsessas eram as filhas; que o ratão do diabo não se ajoujava aos corpos escalavrados das mães, e mais já tinha entrado, por sua propria vontade e a pedido, como é notorio, em uma grande vara de porcos que se afogaram de escantilhão no mar — os innocentes porcos! Pois fr. Joaquim não exoreisnava, por ter para si que eram suf-



ficientes as más paixoens humanas para destemperarem os nervos das energumenas, e regeitava como superflua a collaboração sobrenatural dos espiritos rebeldes n'aquellas doenças mentaes.

Havia ali perto, em Romariz, certa mulher dentro da qual fallavam as almas dos defuntos. Era a Joanna Gaia, a Toqueriné de aleunha, irman do João Canastreiro. Era um *corpo-aberto* ou *caza-aberta*, como lá chamam a esses domicilios excepcionaes, pela facil entrada que as almas penadas acham n'aquelles latriniarios arcaboços. Os defuntos serviam-se da lingua da Toqueriné para reclaarem suffragios, oraçoens, restituçoens de roubos e o perdão dos vivos prejudicados na honra ou na fazenda. Seria uma boa instituição social duas d'estas mulheres em cada freguezia urbana; aggregadas ao commissariado da policia, se os *corpos-abertos* exercessem as suas funcçoens com



algum criterio; mas a Toqueriné era faciosa, ruim como as cobras, muito venal, e alugava o corpo a qualquer defunto por 3 ou 4 pintos. O esclarecido egresso nunca admittiu esta mulher ao tribunal da penitencia, por consideral-a, não perversa, mas mentecapta, sem a intelligencia lucida requerida para o acto sacro-santo da communhão; e lastimava que as auctoridades civil e ecclesiastica não recolhessem aquella pobre creatura sandia a um hospicio de alienados. Que boa fé e candura de santo!

*

Entre as suas filhas espirituaes havia uma que o confessor admittia todos os sabbados e tratava com extremada caridade. Era a Balbina de Val-Redondo.

N'esta mulher vira o egresso a dôr sincera justificada pelo remorso do delicto

4



com a emplicidade de um presbytero. O velho franciscano chorava, como se contribuisse, chorando, para a expiação dos crimes da sua classe. Não era a perversão dos nervos vibrados pelo dynamismo da estupidez supersticiosa que atormentava aquella penitente. O filho convertera-se-lhe em expiação, quer o considerasse vivo e cruamente ingrato, quer assassinado occultamente. Como filho do crime, constituiria-se na mão de Deus o flagello incessante do seu coração de mãe, ou a tortura sem repouso da sua consciencia de mulher casada. Não acreditava que Deus lhe houvesse perdoado em quanto lhe não restituisse o filho. O inferno de o perder queimava-lhe o corpo e a alma; o outro inferno d'alem-túmulo quasi que a não preocupava. Para esse iria ella voluntariamente, se lá estivesse o seu Arthur. O frade ouvia isto assombrado, abria os thesouros da misericordia divina, e garantia-



Ihe a salvação na outra vida e um resto de velhice socegada n'este mundo, depois das mortificaçoens da penitencia. Ella expiava com rezas, com jejuns, cilieios, humildades abjectas ao marido, esmolas excedentes aos seus recursos. Chegava a vender a oecultas do homem razas de milho e cantaros de vinho para beneficiar santos dos altares com cêra para os castiças e azeite para as lampadas. Pagava missas hypotheticas por alma do filho; e achava clerigos que as rezavam condieionalmente, asseverando que, se elle estivesse vivo, nada se perdia antes ganhava, por que *a candeia que vae adiante é a que alumia melhor*—um anexim que desafina bastante da sagrada solemnidade do sacrificio ineruento.

Começava o egresso a suspeitar da sanidade intellectual da sua confessada, a desconsolar-se, a deserer da effieacia das suas exhortaçoens de esperança e confiança



na piedade divina. Balbina entrava-lhe espavorida em casa, enclugando as bagas de suor confundidas com o fio das lagrimas, e a bradar que a perseguia uma visão, na escuridade e á luz do sol, sempre, constantemente um fantasma. E dizia o nome que o fantasma tivera n'esta vida. Pedia a gritos hyssopadas de agua-benta, esconjuros, a piedade do seu pai espiritual. E o confessor, pondo as mãos:—Jesus Christo, tende piedade d'ella, e amerciai-vos da alma do criminoso, se é compativel com a vossa misericordia!

O criminoso na mente do confessor tinha provavelmente o nome que a desvaírada mulher dera ao fantasma no sigillo da confissão.

E assim, a treva a cerrar-se cada vez mais, a termos que o padre já lhe não dava a hostia, e meditava na maneira de impedir que ella saísse de casa.

O Roberto Rodrigues andava ralado



por vêr a mulher n'aquelle preparo. Ás vezes, era desabrido culpando-lhe a paixão pelo máo filho, que os desprezava a ponto de nem dar noticias suas. Descompunha-a. — Que andava a casa á matroca; que lhe roubavam o milho e o vinho; que não tinha ás vezes que comer, nem quem lhe lavasse a roupa branca. Que raios partissem o beaterio e mais o frade que lhe dera volta ao miôlo da mulher!

Ella então ajoelhava-se deante do marido a pedir-lhe perdão com uns tregeitos de douda; e elle pegava de barregar que não queria comedias. Desde que vira em Arouca a Ignez de Castro de joelhos aos pés de D. Affonso, tudo que fôsse uma mulher ajoelhada deante de um homem era comedia. E não estava longe de acertar, no seu caso, pela parte comica que elle tinha representado n'aquelle drama familiar.



*

N'um dia de feira de Fermêdo, Roberto Rodrigues sahiu com duas juntas de bois, a tempo que a mulher partira para o confêso. Ahi pelo meio dia, o lavradór appetiteceu-lhe jantar. Estava contente. Tinha vendido bem o seu gado ao marchante Gil, e comprára bezêrros para creação. Entrou na estalagem e sentou-se á meza em que estava comendo o João Gaio, seu concunhado, e mais o José Rato. Deu-lhes as boas tardes, e elles não lhe corresponderam.

— Guardem o seu dinheiro e fallem aos amigos — disse o Roberto Rodrigues.

— Isso d'amigos, replicou o Canastreiro, *tó carocha*. Que leve o diabo amigos que escondem os filhos p'ra elles não casarem com as raparigas que deshonram.

— Apoiado! — abundou o juiz eleito.



— Eu não escondo o filho, ouviste? —
contraveio o lavrador.— Se tu não sabes
d'elle, tambem eu não.— Depois comprimentou o Gil, de Gaya, um marchante
agigantado que lhe comprára os bois; e,
sentando-se á meza, repetia pachorrentamente:— Se não sabes d'elle, tambem eu
não.

— Lérias, meu amiguinho de Peniche,
lérias! Então quem diabo é que o sustenta?
Onde está elle mettido que vive d'ar?
Explique lá você, seu Roberto, quem é que
lhe dá a chelpa?

O Rato bem sabia que o Arthur sahira
para a India e nunca até ao dia do em-
barque escrevêra para casa; mas, para não
comprometter o irmão que subtraíra e lhe
dera a carta sob juramento de segredo,
nem ao Canastreiro denunciára a maro-
teira. Além d'isso, o juiz eleito, cada vez
mais captivo e apaixonado da Dorothea,



não diria palavra por onde ella conjecturasse a paragem do amante.

E o Canastreiro proseguia, alternando os insultos com os tragos no copo:

—É bem asno você, se cuida que me come!... Vem de carrinho, seu Roberto do diabo... Olhe, mande-lhe escrever que, se algum dia cá tornar, o pai da sua prima, que elle deshonorou, ha-de-lhe arrancar os figados pelas goelas. Perceben?

—Lá se avenham... quando o encontrares, arranca-lhe os figados...—murmurou o Rodrigues, e voltado para a creada: Traz meia posta de carne assada.

—Tanta vergonha tem o pai como o filho...—disse o Canastreiro ao Rato; e, feita uma pausa:—Pai! elle é tão pai de tal malandro como eu. O verdadeiro pai já lá está ha mais d'anno a espernear no inferno. Saliu o páo á racha! Padres!... Eu quando vejo um padre, sinto cá por dentro uns formigueiros de me ir a elle e



sangral-o pelo peseço como quem mata um cevado.

E fazia gesticulaçoens suinicidas, exorbitando os olhos e arregaçando o queixo de baixo ferozmente.

Roberto Rodrigues escutava-o. Tinha deante de si o prato com a posta do assado e não comia. Impallidecêra, e contorcia-se como se o assaltasse uma cólica. Estava muita gente nas outras bancas a ouvir, n'um pasmo, lavradores seus vizinhos e mais as mulheres que se benziam eseandalisadas dos insultos aos padres:— Santo nome de Jesus! Credo! que heresias elle deita por aquella boeca fóra!

— Isso não são termos, homem! — Interveio o Gil de Gaya com um volume de voz de Adamastor. — Eu não o conheço nem nunca o vi mais gôrdo; mas seja lá quem fôr, você está bebado, por mais que me digam.

O Canastreiro levantára-se de impeto,



em attitude aggressiva, encarando no Gil. E o outro, sem se mexer:

— Olhe que não me mette mêdo, patrão! Tenho visto caras peores que a sua... Se está bebado, coza-a; e, se não está, ouça o que lhe vou dizer, e esteja quêdo. Você está ahi a desfeitear um velho honrado que não tem culpa nas asneiras do filho; e a fazer como os cães e os poreos que desenterram um morto p'ra lhe rilharem os ossos. Não mêxa na sepultura de quem lá está, e não póde responder-lhe como você merece. Vá com esta que lhe ha-de servir de saude ás costellas. Ora agora, se quer alguma coisa, deixe-me pagar o que comi, e appareça-me, se lhe appetecer, ahi pela estrada, que o meu caminho sabe você qual é; e, se o não sabe, pergunte, que eu sou bem conhecido.

O Gil levantou-se então em toda a sua altura cyclopica. Era como um gigante de magia a emergir d'um alçapão. Seria dif-



fiel problema resolver onde elle tinha recolhidas as pernas infinitas.

E, aproximando-se de Roberto :

—Se não póde comer, venha d'ahi, tio Roberto, venha d'ahi, e faça de conta que um garoto da Porta-de-carros lhe atirou com um punhado de lama á cara.

Erguêra-se tremulo o marido de Balbina com a mão sobre o lado esquerdo, curvado, e as palpebras e os labios a vibrarem na crispação das lagrimas rebeldes.

O Canastreiro leu no aspecto do auditorio o applauso geral á briosa coragem do Gil, e uma taeita ameaça de o espancarem, se elle remetesse contra o colossal marchante de Gaya. Quedou-se n'uma immobilidade espavorida de urso amordaçado. Depois, quasi ao ouvido do juiz eleito, fallou em *facadas e tripas ao sol*. O Rato admoestava-o : que fosse mais prudente e esperasse melhor occasião de desforra ; que o Rodrigues não tinha culpa ; e que



andára mal em trazer á baila coisas passadas a respeito do padre Tavares.

Tivesse você uma filha deshonrada! —replicava dramaticamente o João Gaio, vertendo lagrimas de uma sensibilidade vinolenta. E, voltado para o auditorio silencioso: Eu sou pai, senhores! tenho o coração — e batia rijas palmadas no peito ás mãos ambas—tenho o coração mais negro que este chapéo! Deshonraram-me a minha filha! Estão aquí mulheres que a conheceram mais pura que as proprias estrellas do céo. . .

— Isso é assim, isso é assim! — confirmava a vizinha que denunciára as escaladas nocturnas do Arthur.

— O hominho tem razão! — applaudia uma lavradeira esmamaçada, com arrotos de iscas de bacalháo. Ella tinha, momentos antes, lagrimado por conta do Roberto Rodrigues afflicto, petrificado na sua deshonra.



O sentimentalismo começou a contagiar a outra gente, que rodeou o Canastreiro com uns semblantes bestialmente contristados, a ouvirem mindezas da perdição de Dorothea com o interesse dos saloios que em Lisboa escutam, de graça, a exposição de um caso tragico apregoa-do por velhos gaiatos vendedores de noticias impressas, *nas quaes*, dizem elles, *o caso se acha melhor declarado, por 10 réis.*

Ao passo que o declamador baixava na exaltação e o alcool subia esophago acinua em ernetações avinagradas, a emotividade tragica esfriava. Elle repetia-se muito, feria as mesmas teclas do pathetico, começava a babar-se e a cuspinhar. N'estas condições nem Socrates nem Demosthenes prenderiam a attenção d'aquella canalha. A assembleia rarefez-se. Ficaram a final tres mulheres idosas que tambem sahiram, á surrelfa, murmurando



convencionalmente compungidas umas phrases consagradas tanto para a tristeza de um porco doente como para o cadaver de um visinho furado de facadas.—Valha-nos Deus! Deus nos acuda! tudo são desgraças e poucas vergonhas n'este mundo! Ó gentes, ninguem diga que está bem!...

E elle, sentando-se, outra vez, em frente do Rato, a alimpar as camarinhas de suor, esfalfado de oratoria, com a lingua muito sêcca e peganhenta, mandou vir uma garrafa da companhia;—mas, rapariga, olha lá, do branco—recommenda-va com instancia de amador.

Dir-se-ia que buscava na côr do balsamo da Companhia o contraste do seu coração negro como aquelle chapéo.





III



À noite fechada, contra o seu costume, entrou Roberto em casa. Balbina, assustada da demora, estava orando, pedindo á Virgem que desviasse de encontros máos o seu homem.

Elle entrou cambaleando como um ebrio, amparando-se aos trastes e ás parêdes. Não tinha bebido nem comido em todo o dia. A mulher, com amoroso sobresalto, foi para o abraçar.

— Que tens, Roberto? vens doente?



O marido fez-lhe um tregeito de repulsão e entron na alcova para se deitar. A mulher seguia-o muito mortificada, e elle, empurrando-a para fóra, rodou a chave da porta, que fechou com grande estrondo.

Quando Roberto se levantou, ao amanhecer, encontrou a mulher á porta da alcôva, acocorada como um embrulho, com a cara entre os joelhos, a tiritar de frio. Elle bem a ouvira soluçar toda a noite. O desgraçado tambem não tinha pregado olho. Ao sahir do quarto, parecia nem sequer encaral-a.

Balbina ergueu-se e seguiu-o sem balbuciaçoens gementes, hirta, n'um aprumado silencio de martyr voluntaria. Se não levasse o rosto com os sulcos da velhice precoce cheios de lagrimas, dir-se-ia uma somnambula. Entrando n'um recinto onde se arrumavam os instrumentos agricolas, Roberto, muito debilitado pelas tonturas



da insomnia e falta de alimento, amparou-se ao cabo de una fouee de matto. N'esta postura, fitou a mulher que parára á beira d'elle, mediu-a d'alto a baixo com um revez de olhos finestos, e disse pausadamente, com uma naturalidade tragica :

— Não te mato, não! Quem te ha-de matar é o remorso.

E ella, consoante o seu costume, desde que o pavor dos peccados a atormentava, genuflectiu deante do marido, e respondeu com firmeza de penitente que se offerece ao supplicio :

— Perdoo-te a morte, Roberto. Mata-me.

Note-se de passagem : este homem e esta mulher, que não sabiam lêr nem frequentavam theatros, podiam fornecer excellentes finaes de Aetos—o brilhante preito da litteratura dramatologica—para as comedias de costumes nacionaes. As mais



finas joias da sensibilidade são, como as perolas, extractos de brutos mariscos. Bem sabem em que parte ignobil uma certa cabra tem a capsula do almiscar, deliciosa perfumaria. Tambem não ignoram de que filtros se nutre o enconchado e verdejante repólho de S. Cosme, e em que fedores se gera e embellece a rosa de Alexandria. É tudo assim, como os finaes de actos extrahidos pela natureza da dôr bruta do Roberto e da Balbina.

O marido voltou-lhe as costas, largou a fouce como se a sentisse a queimar-lhe os dedos com uma tentação sanguinaria, voltou á alcôva, e atirou-se, affogado por soluços, para cima doyleito. E Balbina lá foi sentar-se no limiar da porta, a chorar, arripiada de frio, muito encolhida.

Elle já não podia duvidar do adulterio. D'aquella negra caverna já não havia sahida para a luz que, horas antes, ainda lhe alumiava a sua alegria hon-



rada; nem réstea de esperança de vêr aquella mulher desassombrada da calumnia e a sua dignidade restabelecida. Tudo cerrado. Confrontava a cara do padre Hilario com as feiçoens do Arthur. Espantava-se como só agora notava a semelhança que nunca lhe surprendera o espirito! Occorriam-lhe muitas recordaçoes que lhe rasgavam o coração e o endondeciam. A familiaridade do padre em sua casa. Ficava horas sózinho com Balbina, quando elle ia ás feiras. O seu amor ao afilhado, e a teima de leval-o para a sua reitoria onde esteve oito annos gratuitamente. Os legados que lhe deixou, e o proposito de o doutorar á sua custa. Afóra isto, as outras mulheres cazadas de quem o padre tinha sido amante, vinham em grupo, e com ar de escarneo, testemunhar a deshonna da sua. Appareciam-lhe agora luminosos na escuridão do quarto, com todo o fel do



sarcasmo os sorrisos dos vizinhos quando elle defendia o compadre das aleivosias que lhe assacavam, e se gabava de ter uma virtuosa companheira que dispensava de ser guardada. Depois, subindo a regioens mais problematicas de psychologia, interrogava-se sobre a aversão que ganhára ao Arthur desde certo tempo; e convencia-se que nunca lhe votára o amor que os pais tem aos filhos. Jámais ouvira dentro em si a «voz do sangue.» Parecia-lhe que, se fosse pai, o coração lhe estalaria de dôr; vendo-o desaparecer, sem lhe saber o destino, sem esperança de tornar a vê-lo vivo ou morto. O Arthur estivera oito annos ausente; a mãe sempre a chorar com saudades do filho, e elle nem sequer sentia grande vontade de o trazer para casa. Pelo contrario, logo que chegou com uns arês abandalhados de janota, entrou a aborrecê-lo, a detestá-lo, por fim, como se adivinhasse que aquelle



devasso vadio não era; não podia ser seu filho. Por ultimo, detinha-se a analysar o procedimento de Balbina, desde certa epoca. O beaterio, as confissoens, os mêdos da morte, as suas humildades e caricias, candonguices a que elle não estava affeito, — eram remorsos, dizia o scismador attribulado com a penetrante convicção — eram remorsos, terror de Deus; e da minha vingança, se eu viesse a dar na malhoadá. — A maneira como ella lhe respondêra, de joelhos: «Mata-me, que eu perdoote a morte!» foi o golpe de misericordia que lhe eortou o ultimo fio de esperanza. Se ella se revoltasse e exigisse altivamente explicaçoens d'aquellas pá-lavras incomprehensíveis pelo horror da injuria, se fingisse grande espanto de as ouvir, póde ser que Roberto vacillasse em acceitar as conclusoens que tirára de dez horas de meditação no seu quarto. Mas não. A resposta d'ella foi como se dis-



sesse: «Sou criminosa, sou adúltera. Arthur não era teu filho; mata-me que eu desejo morrer: não posso com o remorso.»

Pensaria isto, pouco mais ou menos, Roberto. Não o saberia expressar com estas formulas penteadas; mas os pensamentos que lhe anavallhavam a alma deviam golpeal-o no intimo, com uma excisão profunda até onde não chega a alçada da palavra correcta e amaneirada. Elle revolvía-se na cama esbraseado de febre, e dizia: «Quem me dera acabar!» e comprimiava os solavancos do coração onde sentíra cravar-se-lhe um ferro de pmhal quando o Canastreiro o injuriava. Queria vestir-se, sahir, trabalhar, distrahir-se, salvar-se; mas não podia, sequer, erguer-se. Mandou um creado da lavoura chamar uma irman que tinha cazada em Covellas. Pediu-lhe que o levasse para a sua companhia, que se sentia muito mal, e não tinha quem lhe



fizesse um caldo. Não den explicaçoens á irman, nem ella as pediu. A sua deshonra era notoria; as relaçoens antigas de Balbina com o padre todo o mundo as sabia. A irman nunca lh'o dissera, para o não desgraçar sem proveito algum.

Viu Balbina descer o marido ao páteo, amparado pela irman e pelo creado. Esperava-o a egua apparelhada de cadeirinha para o conduzir a Covellas. A mulher ainda desceu alguns degraus para dizer ao marido... não sabia ella o quê; mas cahiu desfallecida a meio da escada e resvalou ao lagêdo. Correu a cunhada a levantá-la; e o marido, quando ella abriu os olhos, com uma piedade mais exercitante que o rancor, disse-lhe:

— Deus te perdôe! Deus te perdôe, má mulher!

E afastou-se com o creado e a irman, deixando a outra em gritos que alvoroçaram o povoado.



*

Horas depois, Balbina relatava ao egresso, em arquejos espasmódicos, a scena da separação. Fr. Joaquim ouviu-a consternadamente e disse:

-- Infeliz e honrado homem! Permitta Deus que a sua dôr lhe abra cêdo as portas do céu!

Não era aquella especie de jaculatoria o que ella desejava. Pedia-lhe de mãos postas que fallasse ao marido, que o abandonasse e tronxesse para caza. Promettia servir de rastos o seu querido homem, pôr a cara onde elle pozesse os pés;—que a matasse, mas não a abandonassê á chacota do mundo e ao desprezo de toda a gente.

— Minha filha — admoestou o confessor — pense mais nos supplicios da eternidade que na chacota do mundo, e mais



no amor de Deus que no desprezo de toda a gente. Salve-se a si pelo arrependimento e pela confiança na divina misericórdia, e deixe lá estar onde está seu marido, deixe-o morrer ou viver socegado, se isso é possível. Confie que elle ha-dê perdoar-lhe; mas não espere que a chaga da deshonra se feche tão depressa, nem que eu possa fazer milagres.

A beata irrompeu em berros desarticulados, com os olhos fulgurantes, amauroticos, n'uma paralyisia espantadiça. O egresso pedia afflicto um puearo d'agua, e girava com extraordinaria actividade entre a cosinha e a salêta, por que não havia quem lhe chegasse a vasilha da agua; e a confessada, cahida no sobrado, espojava-se muito descomposta, com o saiote debruado de velludilho e arregaçado até aos joelhos pelas convulsoens epilepticas das pernas. Nunca tinha visto semelhante espectaculo o santo homem! Elle não ati-



nava se devia cobrir-lhe as pernas, se fugir.

Recuperados os sentidos e compondo-se muito envergonhada, pediu mil perdões ao seu pai espiritual, exigindo-lhe uma penitencia bem grande. Respondeu o padre que não podia impôr penitencia fóra do confessorio; mas lhe aconselhava conformar-se com a vontade de Nosso Senhor Jesus Christo, e pedir-lhe que houvesse com ella sua divina magestade a compaixão que dispensára a Santa Maria Magdalena, a Santa Margarida de Cortona e a Santa Maria Egypciaca. Ha santas para todas as situações.

C. Lora!

Sahi Balbina de caza do confessor bastante desconfiada da virtude do franciscano. Intendia ella que o dever do ministro do Senhor era ir sem dilação de tempo buscar-lhe o marido para caza e movê-lo evangelicamente a fazer as pa-



zes. Claro é que não funcionava muito escorreita a rasão da pobre mulher, posto que alguns exemplos de analogas reconciliaçoens tivessem chegado ao seu conhecimento, representados por pessoas muito sensatas. Lembrava-se de dois. A baroneza da Portelinha, cazada, depois de peregrinar pela Europa com um amante, regressára á patria, e fôra restituída ao esposo e aos filhinhos por um padre. A mulher do commendador Felisberto, de Santo Amaro, apanhada em flagrante delicto na Foz e enclausurada no Recolhimento do Ferro, volvidos quatro mezes, e desencardidas as azas nos lavatorios de agua benta, voára, anjo purificado, ao seio do marido, de carnagem, com o seu confessor ao lado. Duas luas de mel novo. Ella sabia estes episodios que o Arthur lhe contára. O que faltava no seu caso excepcional era um padre com a destreza hippica dos outros que pozeram bridão e



cabeçoens religiosos nos dois maridos bravos, rebelloens, escamados. Por tanto, o seu egresso não prestava para nada.

*

Em quanto Balbina, nas prezas da sua dôr e vergonha se isolava de toda a convivencia em oração interrompida por desmaios e nervosismos, Roberto ia readquirindo força moral, resignando-se; mas a corporal decrescia sem intermissão. Extenuavam-no as hemorriagias pela bocca, precedidas de pontadas no coração. O clinico d'aldeia que o auscultára diagnosticou aquella anormalidade, funcional e não organica do coração, de reflexos sympathicos da dyspepsia. Mandou-o comer, distrahir-se, banhos do mar e vinho do Porto de 1815.

Chegada a estação balnear. foi o dys-



peptico para Espinho; e, logo ao primeiro banho, sentiu-se abafado e offegante, um estonteamento com zumbidos nos ouvidos. Consultou outro medico da cidade, muito em dia com os avanços da medicina franceza, e que tinha feito milagres com leite de vacca e cognac no curativo das tuberculosas. Era um prodigio em clinica cerebral—o *Doutor Sangrado* do espirito. Este sabio applicou-lhe á região thoracica o stethoscopio, e capitulou de nevropatia a doença. Que continuasse os banhos de choque, uma só onda, meia-chavena de café na barraca e uma colher de cognac, brometo de potassio tres vezes ao dia. De resto, bifes á ingleza, cerveja preta, e um calice de cognac. Ao segundo banho, quando tomava o café, teve Roberto um vagado na barraca, e foi levado em padiola ao quartel. Aggravaram-se as dôres, a asphyxia e as ancias. As palpitaçoens ouviam-se e contavam-se a dis-



tancia pelo arfar da canisa. Ineulcaram-lhe um grande medico, recentemente chegado de Coimbra a banhos, especialista em doenças de figado. Este doutor, examinado o inferno, classificou mentalmente de burros os seus collegas, e que retirasse da beira-mar immediatamente. Receitou-lhe pilulas de digital, comer pouco, caldos, ovos, uma aza de franga, e nada de vinho, nem cerveja, nem bebidas brancas.

N'un profundo scepticismo a respeito dos medicos, entrou Roberto a desconfiar que morria. Quiz fazer testamento antes de retirar-se. Resolvêra deixar quanto podesse á irman. Chamou-se um tabellião para redigir o instrumento. Disse-lhe o testador que declarava não ser seu filho um tal Arthur Tavares, o qual era adúltero de sua mulher, e como tal o expulsava da herança dos seus bens, embora fosse baptisado como seu filho.



Lá estava a lei com a sua pudentíssima honestidade para desmentir o testador e demonstrar que elle era um pai legitimo. Foi o que lhe disse, pouco mais ou menos, o tabellião. Roberto Rodrigues, pasmadissimo d'esta infamia da lei, sentou-se de salto na cama, com um ataque de ira, bradando que sua mulher trouxera ao casal 400\$000 réis, e que a sua caza não devia ir para o filho do adulterio. O tabellião encolhia os hombros:— É a lei, é a lei; não é boa, mas vigora.

—Então eu não posso deixar a miuha irman o que é meu? O que nossos pais ganharam com o suor do seu rosto ha-de ir para o filho de uma marafona que se amigon com um padre?—E barafustava saendindo a roupa. Via-se-lhe o soluçar do coração a saltos contra as costellas descarnadas.—Chamem um doutor!—gritava, bracejando—mn doutor, depressa! o snr. escrivão não sabe nada. E' impossivel que



a lei queira roubar minha irman, e dê os mens bens ao filho da mulhier que me matou. Chamem um doutor. Querem-me roubar! Corja de ladroens!

—Socegue, snr. Roberto!—linimentava o notario, deixando resvalar a injuria collectiva de «ladroens» no arnez da sua innocente erudição do Codigo Civil.—Vejamos se ha meio de esbulhar da herança esse pretendido seu filho. Talvez uma venda simulada por escriptura; porém, para isso sería preciso que sua espôsa assignasse. Mas concordará ella em desherdar o filho?

—E, se ella não assignar?—perguntou Roberto, arrancando-se da cama para o sobrado n'um impeto galvanico de raiva.

—Nada póde fazer-se legalmente... mas descance, deite-se, snr. Roberto,—instava o tabellião, e ia á porta chamar gente «que viesse alguem soccorrer o doen-

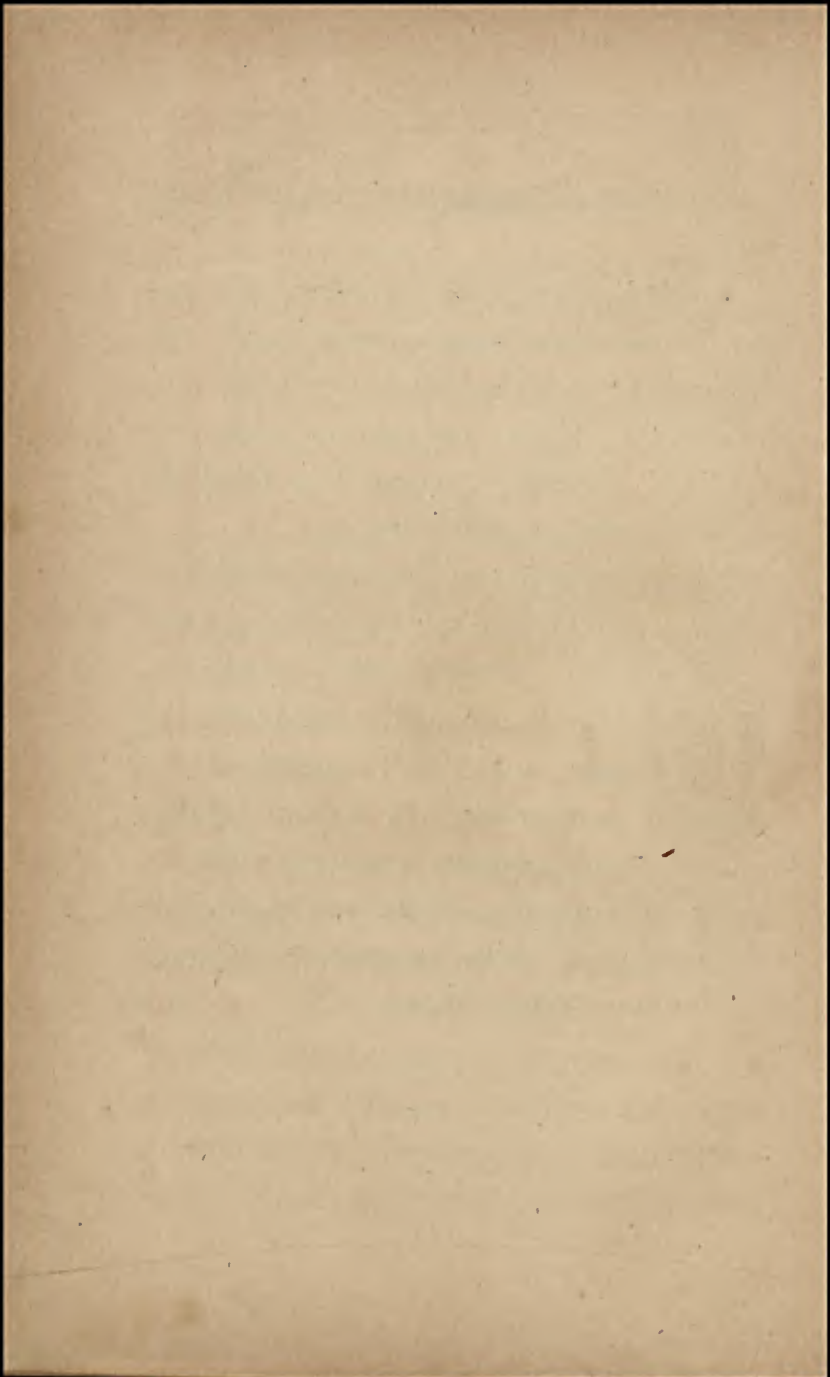


te » e voltou a abraçar-se n'elle para o deitar.

— Não quero. Vou vestir-me. Vou pegar fogo á minha casa, quero vêr arder tudo, arrazar tudo, tudo, tudo com dez milheiros de diabos. Deixem-me, deixem-me!—E sacudia a irman e o tabellião que o agarravam pelos braços.

E no esforço que fez para desatar-se das prezas d'elles, n'um estoreimento que o dobrou pela cintura sobre o lado esquerdo, expediu um grito estridente, levando a mão ao peito; e, quando o encostaram sem resistencia á cama, suspirou um flebil gemido e morreu com um esgar de suprema angustia. Pelas commissuras dos labios espumitava gromos de sangue istriado de pus.







IV

DEPOIS do desaparecimento de Arthur, o pai de Dorothêa disse á mulher que não consentia a filha em eaza com a barriga á boeca. Que ia haver um rastolho de mil deabos, se ouvia grunhir creanças de portas a dentro ; que fosse largar a cria onde quizesse, ao infêrno ; mas que se pozesse fora quanto antes. E, ao mesmo tempo, como tinha entranhas regulares de pai, segredava a Quiteria que se entendesse



com a irman-d'elle, a Toqueriné, para a rapariga ir lá arranjar-se. E, depois, veriam.

Jóanna, a do *corpo-aberto*, era viuva, tinha dous filhos no Brazil, e vivia sósinha, sem nada de seu; mas não passava mal. Tinha bastante prática de parteira—modo de vida honesto e util que lhe dava menor estipendio que o arrendamento do seu corpo ás almas vagabundas; e além d'estas duas aptidoens mais ou menos productivas, alugava um dos seus dois aposentos ás puérperas envergonhadas que não podessem esconder a sua deshonra de mães em casa da familia, e preferissem não assoalhar a sua maternidade ao ar livre. Mas de todos estes alugueis o que lhe dava maior verba era o do seu proprio corpo aberto para parlamento entre vivos e defuntos. E posto que se arriscasse a quebrarem-lhe o locutorio os vivos prejudicados pelas revelaçoens dos mortos, a Toqueriné foi tão feliz que apenas uma vez, estando a fal-



lar n'ella uma alma em assumptos bastante sérios, entrou nm vivo, de surpresa, no recinto das horridas palestras, e foi-se a ella ás cacetadas tantas e tamanhas que a propria alma do defunto fugiu, e mais não era, na sua qualidade ultra-gasosa tangivel ao cacête. Aconteceu, porém, este espancador, passados mezes, morrer de ictericia, amarello como eídria, e toda a gente affirmou que a sua morte era o castigo de bater na Toqueriné. Robusteceram-se então os creditos da mulher, embora o egresso a prohibisse de chegar á meza do pão consagrado. Em compensação da sova, d'ahi a ponco, sem interferencia de defuntos, arranjava ella um cento de libras com que resgaton um filho de soldado e pagon a passagem aos dois para o Rio de Janeiro.

Um cento de libras bem merecidas. Foi assim o caso :

Havia ali por perto de Aronca, na ea-



za das Aguias, um desembargador aposentado septuagenario, casado com uma sobrinha. A infecundidade da espôsa trazia os seus parentes mortificados, por que o marido apenas a dotára cautelosamente com arras insignificantes. Houve ideas vulgares a tal respeito—completar o phenomeno da gestação mediante dynamismos adventicios, impulsos cooperadores de una trivialidade tal que não merece a pena accentuar-se-lhe grande importancia scientifica na história da propagação social. O marido, porém, não largava d'ôlho a sobrinha, nem a deixava pôr pé em ramo verde. Deitavam-se juntos com a porta fechada á chave—uma chave de cathedral, n'uma porta de batentes refractarios ao machado e ao camartello; erguiam-se juntos, e passavam o dia tão conchegados que, nos actos physiologicos menos testêmunhaveis, segundo o codi-go da decencia entre conjuges, ficava



a porta aberta, e elle fazia ali o seu quarto de sentinella, desconfiando do altar da deusa romana Cloacina como desconfiaria das seducções de uma sala de baile; e o peor é que, revesando-se, obrigava a espôsa a fazer-lhe sentinella a elle, com o lenço almiscarado, anti-septico, nas narinas irritadas pelos perfumes estonteadores do geranium e dos lilás da Persia. Ahi está uma victima obscura dos grandes cazaes d'um tio desembargador.

A mãe da espôsa e cunhada do antigo magistrado do absolutismo têve com a filha un colloquio na capella, durante a missa, e ahi se combinaram coisas que sortiram um desenlace prosperrimo sem laivo de desprimor ou ignominia para o marido; nem aquella mãe consentiria na deshoura material da sua filha. D'ahi a pouco espallhou-se que a D. Olympia das Aguias andava de esperanças e que o tio, n'um jubilo palerma, era o propagador



da novidade — sómente da novidade, intenda-se. Trajavam-se n'esse tempo os guarda-infantes e os mirinaques. D. Olympia usava-os exagerados ao cabo das nove luas. Presumida a semana da erize, transferiu-se, a beneplacito do espôso, para caza da mãe, que era períta nos segredos de Lucina, deusa gentilica das secundinas. Uma noite, ouviram-se gritos, grande reboliço na caza, vellas bentas accêsas á Senhora do parto, creadas a rezar pelos cantos, outras a rir, muitos cochichos larrachentos, e o velho, no meio de tudo aquillo, de barrete de algodão coim borla, chinellos de ourêlo, em ceroulas e rob-de-chambre, com as abas cruzadas no ventre, muito atrapalhado; mas não o deixavam entrar no quarto da parturiente — para não a consternar. Depois ouviu-se um vagir de creança que entrára por uma janella do quarto rente com o jardim. Ora, essa creança fôra comprada



por 100 libras á Toqueriné, que ainda recebem, *par dessus le marché*, mais 4 libras da mãe para a levar á roda d'Aveiro. Internecia a lagrimas romanticas contemplar o ancião com o pimpólho muito rechonehndo nas mãos, trementes de medo que lhe cahisse:—O meu menino! o meu bébé! o meu filhinho! o meu bijú! —Uma porcaria d'esta farça humana, senhores, que muito mais lastimavel seria, no personagem do desembargador, se o mirinaque de D. Olympia arredondasse com os seus amplos refêgos artificiaes uns quadris entumecidos pela natureza, a valer. Oxalá que os maridos senis e os pais honorarios, predestinados a semelhantes fraudes, sejam apenas illudidos em sua boa-fé pela barba de baleia e pela crinoline.



*

O Gaio determinou obstinadamente que Dorothea engeitasse o filho, se queria voltar para caza; quando não, fizesse de conta que não tinha pai nem mãe. A Joanna Toqueriné votava com o irmão; porém a sobrinha teimava não engeitar a filha desde o momento em que a tia lh'a deixou beijar. — Que fazia de conta que não tinha pai nem mãe; iria pedir esmola para sustentar a sua querida menina, se o trabalho das suas mãos lhe não chegasse para caldo e pão. Replicava a Toqueriné que o pai da creança, quer estivesse morto, quer esquecido, não esperasse ella nada de tal malandro; que tinha de carregar com o peso da criação d'uma rapariga para lhe dar desgostos, por que filha de tal pai e neta do padre Hilario, devia de



ser uma peste,—raça excommungada! Que a deixasse ir para a roda com um signal; e, se a sorte lhe futurasse, que a fosse buscar. E contou, a proposito, o numero de engeitados que tinha levado á roda, e os nomes das mães muito em segredo «entre nós que ninguem nós ouve». Das nomeadas havia umas que depois casaram «puras como as estrellas» e sublinhava dando casquinadas sibilantes por entre tres dentes desaprumados que apitavam, quando expediam froixos de riso, no ar esfusiado pelas chanfraduras amarellas. Contava a rica passagem da D. Lucia, mulher de um capitão de navios que andou pelos Brazis vinte mezes sem vir a terra; e que a mulher, se não engeitasse duas creanças uma atraz da outra, tinha de apresentar ao homem dois filhos d'uma assentada. — Que era de rebentar de riso. Abaixando a voz,—ali entre ellas que ninguem as ouvia —contou o caso, isso é que era pagode, da



fidalginha de Villarandêlho. Já lá iam mais de dezoito annos bons. O seu homem, Dens lhe perdoasse, era o sapateiro da caza. Foi então que ella começou a valer ás pessoas afflictas, ajudando-as na sua desgraça,—dizia com um compungimento muctuoso mysticamente serviçal de Irman da Caridade. A fidalginha, grande fazenda, fresca e vermêlha como uma cereja, pagára o tributo. Não sabia dizer se foi o esendeiro, um latagão como uma torre, se o capellão da caza que era muito linda figura de homem, mas levardinho da breca p'r'as eguas. Fosse quem fosse, a natureza dera de si,—resumin com um traço laconico de physiologia innata. Contou que o marido a mandára assistir á fidalga que tinha vindo a ares ali para uma quinta perto «bem sabes, a Refeiteira». Bons tempos! Doze peças de duas caras ganhou teu tio e mais eu n'essa empreitada. Fui eu levar á Roda a menina com uma de-



claração n'um saquinho de sêda ao pe-
coço. E que riqueza de enxoval! Credo!
Sabes o que succedeu depois, Dorothêa?
O pai da fidalga morreu, ha-de haver seis
annos, a mãe já tinha morrido, e a mor-
gada, que estava ainda solteira, mandou
averiguar se a engeitada ainda vivia e
onde parava. Pois toparam-na. Estava a
servir em casa de um padeiro lá para os
lados d'Albergaria. Trouxeram-ua para
Villarandêlho, e não foi preciso mais na-
da para a mãe a reconhecer e abraçar-se
n'ella a ehorar bagadas como punhos: ✓
Era a cara da mãe como quem ua pi-
tou. Para lhe não faltar nada até já ti-
nha bigode como a mãe quando a deu
á luz—um bigode de homem que se po-
dia vêr! Queres agora saber o remate
da cantiga? Vaes-te riv. A fidalga que
tinha muito d'isto—e esfregava uma na
outra as cabeças de dois dêdos sem unhas
—casou com um maioral da justiça lá



de Lisboa, d'isto dos governos, e para lá está muito contente da sua vida, e mais o homem, benza-os Dens aos dois, e a nós que nos não desampare. Amên. Ora aqui tens. A todo o tempo que appareça o pai da tua filha, e póde apparecer sem ser milagre, se o não levou o deabo, Dens me perdõe, mandas bnsear a rapariga; e, se elle nunca apparecer, não ficas com esse trambôlho á perna, vives na caza de tens pais, e cazamentos não te hão-de faltar. Tomára o José Rato que tu o quizeses mesmo assim, percebes? Sabes lá como elle anda! Von-te contar... Olha que já cá veio tres vezes para eu lhe deitar as cartas, a vêr se tu pensavas n'elle. E leve o deabo as cartas, se não fallam verdade! Marquei-te na dama de oiros e elle no va-lete; pois nunca te sahín no pensamento uma só vez! Era sempre o Arthur, mal haja o raio do homem; e o Rato triste como a tumba! Se quizeres cazar com



elle, cazas. Deabos me leve se não cazas, sobrinha; mas com o empecilho da creança, acho que nenhum homem te pega para o bom fim.

E Dorothêa, aconchegando a filha do seio com felina soffreguidão:— Eu não quero homem nenhum, quero a minha filha. Não se mate, tia Joanna... Eu não largo a minha filha.

*

Um rico industrial portuense que tinha terras em Fernêdo lançára inculcas em cata de uma ama de leite, nas mais excellentes condiçoens, e de preferencia a desejava nascida e creada n'aquellas montanhas saluberrimas, geradora de possantes môças de sangue rubro, não infeccionadas das doenças com que a exuberante lasciava do Porto contamina muito além das



✓ barreiras, as venaes maiatas e as disfarçadas rameiras de Gondomar. Noticiaram-lhe a Dorothea, abonando-a com o seu honesto proceder antes de ser enganada por um primo que fugira á responsabilidade da sua perfidia; mas seria custoso, se não impossivel, apartal-a da filha para crear um filho estranho. Estas informaçoes deu-as fr. Joaquim, o egresso que possuia o segredo de todos os vicios e infortunios do seu concelho.

O industrial auctorizou o feitor a remover as difficuldades com a alcaprema do ouro. Pagavam a Dorothea a creação da filha sem regatear o salario, e offereciam-lhe a ella um ordenado que em tres annos perfazia um dote como o das môças bem dotadas d'aquelles sitios.

Tudo, além do dinheiro, conspirava a puir os attritos que ainda insurgiam do coração maternal. As suas conhecidas, quando a encontravam ou viam á porta, mu-



davam de caminho, ou baixavam os olhos para a não saudarem. A tia Joanna queixava-se da carestia do pão, e dizia-lhe que quem dava de mamar carecia de comer coisas sustanciaes, que não eram o triste caldo de feijoens gallegos. Que ella não lhe podia dar apresigo, e os pais não lhe mandavam uma de x. Dorothea poderia vencer com o trabalho e com o amor de mãe estas adversidades; mas havia uma terrivel ameaça que a decidiu. O pai promettia arranear-lhe a filha dos braços e deital-a á roda ou a um pôço.—Vae crear, Dorothea--dizia-lhe a tia reanimando-a na indecisão — que a tua menina cá fica entregue á Maria Lemenha, mulher cazada, muito boa creadora que póde aleitar tres creanças, e te ha-de tratar a tua como se fosse d'ella, ou melhor. Tres quartinhos por mez! credo! a mulher não cabia n'um sino!

Succumbin desculpavelmente Doro-



thêa. Entregou a filha, lãvada em lagrimas, com tres mezes de ordenado, a uma mulher de má cara, peito ressecado, e que tinha á volta de si, n'um cazoto esfinmarado e terreo, umas creanças enfezadas, espulgando-se, intanguidas de fome, sujas de petrificaçoens de lama amassada em snor. Quando viu a ama, a caza immunda e as creanças esqualidas, remordeu-a o remorso; era, porém, tarde para desfazer o contracto. Já a estava esperando em Péde-Moura o bareo que havia de conduzir-a ao Porto.

Perto do casebre onde deixára a creancinha em um berço de canastra, viu á porta de sua caza fr. Joaquim da Cruz. Retrahiu-se envergonhada, quiz retroceder; mas o egresso chamou-a amoravelmente:—Vem cá, rapariga. Já sei que vaes hoje ganhar a tua vida.

—E' verdade, snr. fr. Joaquim... São sortes...

—Fazes bem: as más sortes emen-



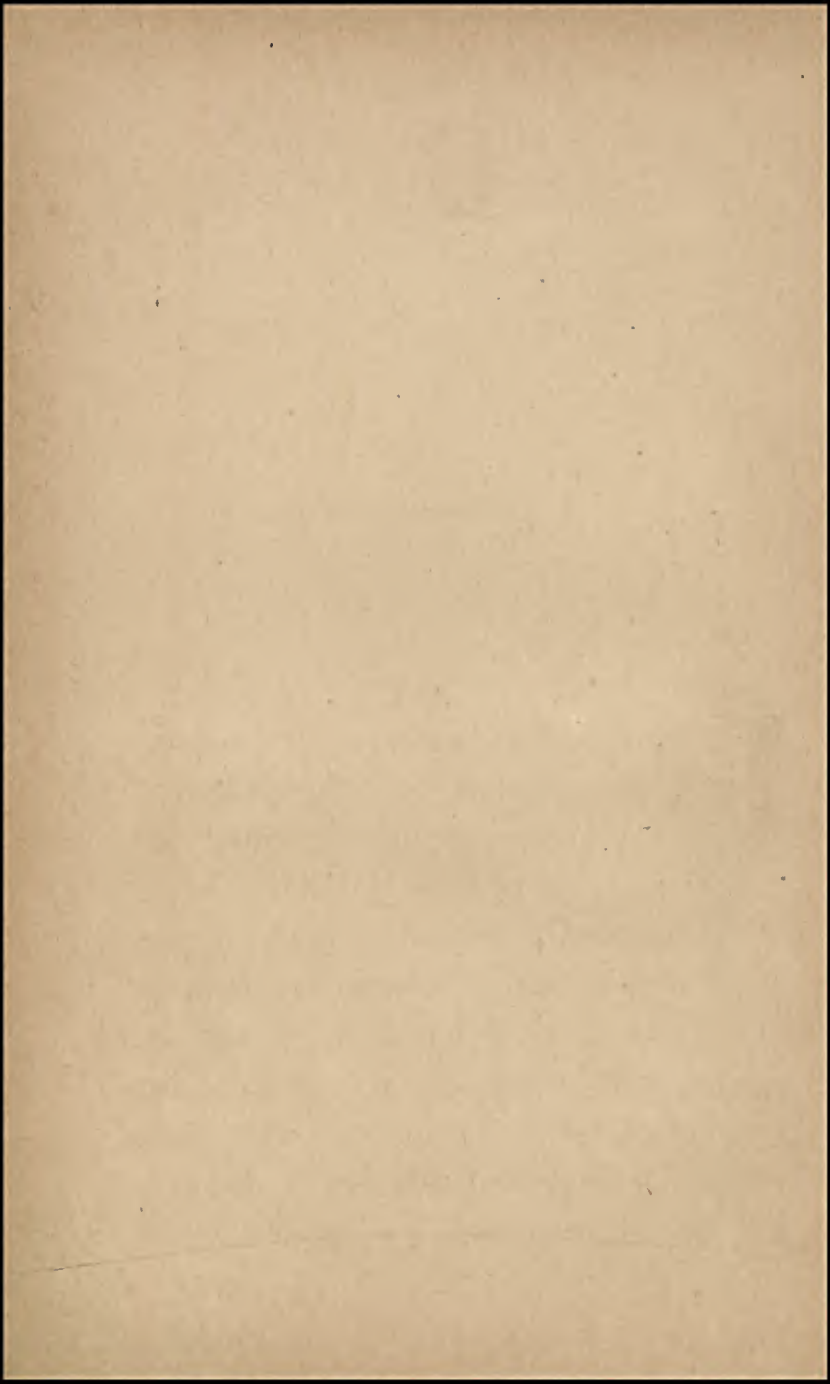
dam-se com a paciencia e com a virtude do trabalho. Deves agenciar o futuro pão de tua filha; mas olha. . . não escolheste com acêrto a caza onde a deixas.

—Tambem me parece, sur. fr. Joaquim. . . Foi a tia Joanna que a arranjou; e eu vou bem arrependida.

—Pois não te arrependas que eu cá fico a vigiar a tua *Maria*, não é? Já sei que a baptisaste com o nome santissimo da mãe de Jesus Christo; pois a Virgem *Maria* vá contigo, e en cá estou de sentinella á rapariguita. Lá terás noticias minhas e d'ella, que eu sei a caza para onde vaes.

E den-lhe a mão a beijar. Ella não ouzaria, como d'antes, beijar-lh'a, sem elle lh'a offerecer. Sentia-se outra mulher, açanhada pelo seu desdouro, e muito castigada e abatida pelos insultos das suas amigas, pelo desprezo da sua familia, e mais que tudo pelo cruel esquecimento do pai da sua filha.







V

4084



ALBINA recebeu, de surpresa, a noticia do fallecimento do marido. Arquejon alguns segundos com as mãos na cabeça, bamboleou-se nas oscillaçoens do vagado e perdeu os sentidos como nem sempre as mais virtuosas vinvas os perdem. Foi o pezo do remorso que a fez ir ao chão, talvez. Quando a levantaram, rompeu a repreza das lagrimas, dos gritos, dos ais estridulos, que parecia traze-



rem consigo a alma das entranhas rasgadas. Algumas visinhas acendiram e choravam oficialmente; outras, no pátio, com as mãos debaixo dos aventaes, commentavam: que n'aquella gritadeira havia muita imposturice; que o Roberto já não fazia vida com ella e até fugira para onde á irman; que desde a ida embora do Arthur, a creatura andava atolambada — e que nunca fôra muito escorreita, acrescentavam. «Douda de pedras quando era nova» sentenceava a Bentes. Ressuscitaram o padre Hilario «o grande pagode chinez, comes e bebes, o deabo, quando o Roberto ia para as feiras.» E a vinva em cima em altos clamores: «Ai! meu homem, meu querido Roberto, marido da minha alma, pede ao Senhor que me leve para ti!»

—Pois não levaste!—regongava a Bentes.—O que tu queres é que elle es-



teja por lá muito tempo sem ti, grande impostoraça!

Calaram-se, e compozeram-se em duas alas muito reverentes, com os olhos no lagêdo. E' que entrava fr. Joaquim da Cruz Sagrada.

—Deus nos dê boas tardes,—disse o egresso, com o sen velho chapéo alto de sêda na mão, e subiu á quadra em que estava Balbina amesendrada no soallo com as carpideiras á volta, de cocarinhas. Tinha estiado um pouco a tempestade do sentimento; porém, quando ella enxergou o confessor, a sua paixão rebramiu em gemidos. Escabujava, a bracejar, a esperneár, n'um sarilho epileptico. As visinhas agarravam-na, compunham-lhe as saias e o decote do jaqué muito esbagachado pelos repeloens. O padre tomou-lhe as mãos com brandura e disse pausadamente:

—As oraçoens em silencio valem mais ás almas dos mortos que os gritos, sr.^a



Balbina. O seu primeiro dever de viuva é mandar a Espinho buscar o corpo de seu marido; cuidar-lhe da alma e dos suffragios; e depois converter a sua paixão em preces constantes ao Altissimo, offerecendo-lh'a, como allivio das penas temporarias da alma do seu homem.

—Sim, snr., sim snr.—murmurou a viuva, soffreando o fervor dos soluços.

*

Sahiram para Espinho portadores que conduzissem em caixão de chumbo o cadaver até ao Porto e d'ahi Douro acima, até Pé-de-Moura. O Canastreiro, como cunhado de Balbina, apresentou-se muito servicial, com um descaramento inabalavel. Ella não sabia que tinha sido o cunhado quem denunciára o adulterio. José da Silva Rato Junior multiplicava a sua activi-



dade intellectual em tudo que dependia de ideias escriptas — cartas de convite, avisos aos clerigos, ao mestre da musica de Arouca, ao cerieiro, ás confrarias e Irmandades para suffragarem o defunto com as missas dos estatutos e os dobres a finados do estylo. Dobraram em nove freguezias a um tempo; havia muitos garotos empenhados em puxarem á porca dos sinos; por aquellas quebradas de montanhas ulularam soluços do bronze por espaço de tres dias.

Era preciso dinheiro para as pompas do enterramento. A viuva mandava que se rezassem missas geraes, a pinto. Esperavam-se legioens de padres de tres concelhos. E não havia dinheiro. Disse Balbina que o seu finado marido tinha muito em ouro e prata n'um contador de páo santo no seu quarto, mas levára a chave, e talvez levasse o dinheiro, quando foi para casa da irman. Não importava. Pediria emprestado até vender terras. Queria



gastar tudo, pela palavra, tudo com a alma do seu anado Roberto. José Rato, como auctoridade não estranha ao código, opinou que se arrombasse a gavêta, visto que a chave não tinha vindo de Espinho; que a senhora absoluta da sua caza era ella—que arrombasse. Balbina, hesitante, consultou o confessor—se seria peccado arrombar a gavêta.

—Não é peccado nenhum, visto que arromba o que é seu—illucidou o franciscano com a mais prud'homeana theologia juridica. E foi assistir ao arrombamento, como se os encarregados da missão, o juiz eleito e o Canastreiro, lhe não parecessem idoneos para arrombamentos desinteressados.

Lá estava intacto o thesouro de Roberto Rodrigues. Era forte. Quem sabe se aquelle metal lhe pesou, á ultima hora, no coração, ajudando a esmagal-o! Havia uma caixa de lata com muitas peças e dobroens,



herança de pais e avós. Das economias pessoas d'elle, no transcurso de vinte e quatro annos, avultavam alguns saquinhos de estopa cogulados de cruzados novos e mexicanas. Eram lucros do gado que creára, manadas de bois que engordava e vendia aos inglezes. Como elle ia cego de raiva e de paixão, quando sahin de caza, que uão viu aquelle ouro! Reccearia ser roubado em caza alheia, ou, recuperando a saude, tencionaria regressar á pósse ignorada da sua burra? Quando elle, já nas vascas da morte, queria vestir-se, para ir incendiar a caza, não seria antes um artificio para empolgar a lata e os saquiteis? Nunca disséra á mulher que possuia aquelle peculio com mêdo que ella instasse pela formatura do filho; porém, Balbina sabia que farte estar o dinheiro no gavetão; e ainda assim nunca se sentiu tentada a dilapidar o thesouro do aváro.



*

Um enterro monumental. Mausoléo, comparativamente, e guardadas as distancias que separam Fermêdo da Grecia antiga, não foi mais honrado na morte por Artemiza, a legendaria viuva lacrymosa. Missas geraes, dous dias áfios, desde o alvorecer da manhan até ao meio-dia. Officio de cincoenta padres— a maxima gritaria que póde fazer-se com a lingua latina degenerada. Armadores do Porto, a egreja toda de crepe, e catafalco, galoens de prata franjada, tocheiras de casquinha fornecidas pelas egrejas do concelho. Todas as confrarias de que o defunto era irmão, com bandeira alçada, nos pulsos cabelludos de homens valentes em mangas de camisa por debaixo das opas pegajosas de surro. Bastantemente bebados alguns. A banda musical de Arouca gemia mar-



chas funebres, a *Sombra de Nino*, da Semiramis — musica de Rossini em Arouca! — faziam os funeraes de Roberto e da Arte assassinada. Os sinos a dobrarem até á meia-noute, e a recommencarem no dia seguinte ao amanhecer. Um terror da natureza animal! Os caens, n'uma afflicção lamentosa, uivavam com os foinhos altos e os olhos fechados; as rans deixavam de coaxar alegremente e mergulhavam espavoridas as cabeças nos limos dos seus pantanos; revoadas de pardaes esfusiavam, estridentes das sebes enfolhadas, gotejantes de orvalho; e os gaios, esvoaçando-se escoraçados, gralheavam nos pinheiraes.

Aquellas badaladas funebres pulsavam no coração da viuva como rebates á penitencia. Nunca lhe travára tanto o amargor da sua culpa. O seu homem morrerá de paixão, de vergonha, — gritava-lhe a consciencia. E tão bom, tão santo que lhe



deixára tudo quanto tinha, tudo! Ella ignorava os pormenores da agonia do marido, aquelle estalar do coração entalado entre o seu rancor á mulher e entre a lei que o forçava a galardoar-lhe a infamia com todos os seus haveres.

Formavam d'ella muito falso juizo os visinhos. Esperavam que, passados alguns dias de inconsolavel luto fingido, livre de peias e senhora de um grande cazal, apparecesse tristonha, mas resignada, e d'ahi a pouco satisfeita e submissa á vontade do Creador.

Dizia o José Rato ao mano tabellião que, se o Arthur tivesse morrido lá pela India, a Balbina era um bom cazamento. Andaria nos quarenta e oito annos; os attritos do soffrimento não lhe adelgaçaram as curvas metuosas das espaldas, roendo-lhe a museulatura, a carne fresca e purpurina da juventude. Raros cabellos brancos, e muitos vestigios de belleza nas



feiçoens maceradas. O mysticismo poze-
ra-lhe no dorso a curvatura artificial da
humildade; derreava-se para não alçar os
olhos da terra; mas, se ella quizesse, po-
deria, endireitando-se, compondo-se, re-
presentar dez annos menos. Não queria.
Estava um ponco mentecapta para poder
ser uma viuva trivial. Faltava-lhe o juizo
necessario para refazer a sua vida no gozo
da riqueza independente, e liberta de um
marido importuno.

Pois o José Rato chegou a confiden-
ciar ao mano tabellião:—Quem se habili-
tava para cazar com a Balbina era eu, se o
Arthur estivesse a fazer tijolo nas partes
do remoto oriente. Póde-se-lhe dar cem
mil cruzados pela fortuna. As peças que
sahiram da gavêta arrombada deitavam
ahi para dez contos e pico... E as quin-
tas!... Um casamentão! Assim é que eu
me vingava da Dorothêa.

—Qualquer dia—attenuava o mano—



apparece ali o Arthur. Onde quer que está, em sabendo que morreu o pai, elle ali vem liquidar o patrimonio paterno.

O tabellião entrára no segredo da subtracção das cartas. Apenas se havia recebido e devassado uma que Arthur escrevia de Gôa á mãe. N'essa carta, escripta nas margens poeticas do Mandovi, havia traços de saudades da patria e da mãe, arrependimento do precipitado passo que déra, abandonando a familia, queixumes de doença, febres, falta de appetite, e presentimento de morrer na soledade d'aquella terra erma e melancolica como um cemiterio. Não voltaria mais a vê-la, dizia-lhe o coração, por que se sujeitára, jurando a bandeira, a soffrer até cahir morto á sombra d'ella.

Não fallava do pai; nem sequer recados; e, a respeito da prima, exprimia-se, em confidencia mysteriosa com a mãe rustica, como se estivesse carteaudo-se



com mad. de Staël ou com a portugueza Alcippe :

Perpassa-me no espirito essa visão dos meus inleios devaneadores e desencantados: mas o meu coração, ôco e frio como um antigo sepulero com algumas cinzas, não reflecte imagem luminosa que me chame pela voz da saudade. Estou gasto. Aos vinte annos, morto! Triste! porque a saeiedade é uma agonia sem fim da alma, e a alma é immortal. Staël e a Alcippe ririam d'este blasé que principiára, aos dezeseete annos, com as Lais e Aspasia da voluptuosa Raza a desfibrar o coração, ás unhas d'aquellas mulheres fataes que costumavam prejudicar os organismos dos homens simplesmente forçando-os a excessos de sublimado corrosivo. Arthur sahira extenuado e sceptico da Raza como lord Byron de Veneza para Missolonghi, e o duque de Morny dos saloens de Na-



poleão III para o Père le Chaise. Depois, os amores com a prima Dorothea remataram a sua destruição. Está explicado e autopsiado aquelle morto aos vinte annos!

Não m'o recebam como inverosimil este Arthur.

Ha quarenta annos era assim o commum dos rapazes, crystallinamente parvoeiros; mas já era forçoso aceedal-os como naturezas inconscientes, depravadas pelo contagio de meia duzia de excentricos realmente desgraçados por temperamento ou por infiltraçoens da podridão litterariamente romantica de Arlineourt, de Sue, de Paul Feval e de Sand.

Pois a mãe, se ouvisse lèr aquellas phrases, choraria o mais ingenuo sôro da sua commiseração. Os patifes que as lêram, o Rato e os irmãos, pasmavam dos nevoeiros do estylo, e inferiam alegremente que o homem estava com certeza



a morrer e daria a casca mais mez menos mez. José Rato, receando que elle regresasse, lembrou que se lhe respondesse, em nome da mãe, visto que ella não sabia escrever, a pedir-lhe que se deixasse lá estar, e não viesse atormental-a mais do que ella estava pelo marido, á conta d'elle. Os manos reprovaram o alvitre. Não queria mais compromettimentos o administrador do correio. As cartas subtraídas podiam considerar-se desviadas da sua direcção em Lisboa ou em Gôa — não havia prova criminal para processo; mas, desde que fossem respondidas d'ali mesmo, o Arthur, dando pelo engano, poderia chamal-o a juizo e fazêl-o demittir e encarcerar. Que era precisa muita cautella com o tal bestinha do filho do padre Hilario, se elle voltasse á terra. O juiz eleito apostava dez moedas contra uma que o Arthur não tornava a Portugal e que morreria ou já tinha morrido de febre



amarella ou da carneirada. Elle não se lhe importava de estragar a geographia das epidemias; tanto lhe fazia que houvesse febre amarella em Gôa como a carneirada em Paris. O que elle desejava é que o amante de Dorothêa morresse de uma das pestes mais assoladoras, ou de todas.

Mas o sargento Arthur Tavares estava vivedouro e são como um pêro, em Damão, commandando um destacamento e cevando de amor o coração de uma goêsa, viuva, possuidora de muitos pardaos e rupias, que o acompanhára. Quando Luiz de Camoens esteve em Gôa, as portuguezas *cahiam de maduras*, disse o poeta em uma carta para o reino. É natural que, no transcurso de tres seculos dissolventes, ellas *cahissem de podres*. A carta á mãe era uma mistificação. E talvez não fosse. O romantismo adensava aquellas escuridoens poeticas nos espiritos mais reles-



mente prosaicos. A propria libertinagem sopitada nos seus lethargos de estafada devassidade, tem sonhos melancolicos, saudades das impeccaveis alegrias da infancia. De resto, a factura do estylo de Arthur era a irrefragavel asneira da epoca.

A tal goêsa parecia ter sahido do gynecen da Raza, geração das lubricas bailadeiras do cyclo pomposo dos vice-reis. Têz cobreada, o artêlho fino, e o peito viril resequido, como tismado do fogo interior. Embellesaram-no estes filtros, estes

mil feitiços

das raparigas, filhas dos

pardaes castiços,

que o Bocage cantára em Gôa e não soubera aproveitar. (1)

(1) O soneto de Manoel Maria Barbosa du Bocage é bastante conhecido; mas não será desperdicio de tempo repetil-o:



Arthur naseêra em melhores condiçoes que o vate Elmano, seu antecessor na milieia de Gôa. Não queria saber de musas na prosa da vida. Seu padrinho, o padre Hilario, chamava aos poetas «asneiroens laureados por asnos subalternos»; e, sabendo fazer versos, contava que uma só vez fizera um soneto em um outeiro de freiras, por não achar outro expediente com que arranjar uma garrafa de vinho velho e uns pasteis das monjas

Lusos heroes, cadaveres sediços,
Erguei-vos d'entre o pó! Sombras honradas,
Surgi! vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas do arroz por vós ganhadas...
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,
Que ellas culpa não tem, tem mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens tremulo respeite.

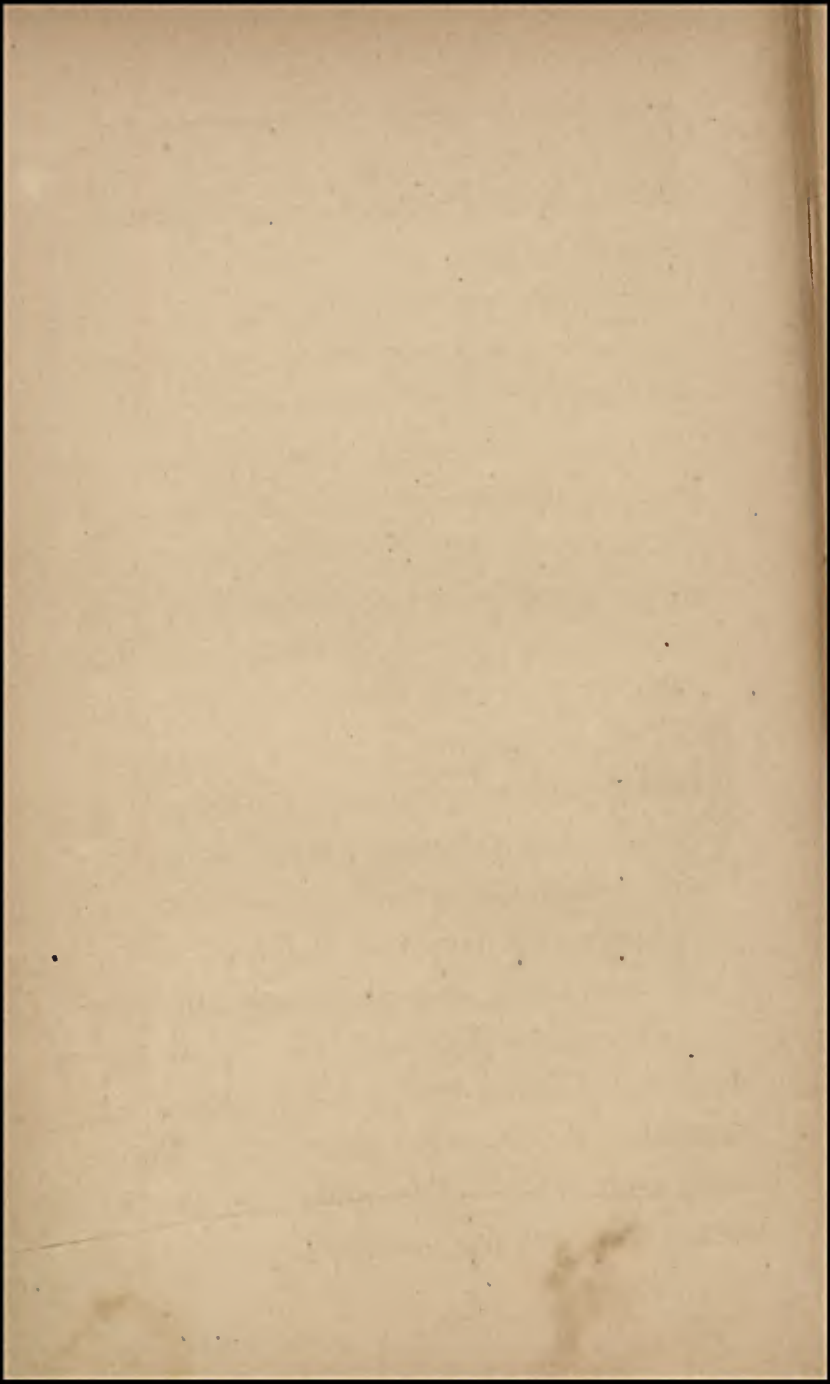
Vão para as varzeas, leve-os o diabo!
Andem como os avós, sem mais enfelte
Que o langotim, diametro do rabo.



de Arouea. Em todas as suas proezas eupidíneas, Apollo não interviera com uma copla. Elle, por dignidade, não o dizia ao discipulo; mas era verdade, e o afilhado sabia-o, adivinhava-o nos sorrisos fatuos do D. Juan tonsurado, e na commiseração comia com que lamentava o cantor de Catharina de Athaide, reelinada langorosamente nos braços d'um marido Borges, ali perto d'Aveiro. « Miserrimos poetas! — exclamava melodramaticamente o reitor — triste destino sería o vosso, se não houvesse o limbo catholico para os innocentes e um *paraiso* para os *tolos*, segundo Milton! »

Emquanto, pois, o José Rato fazia votos porque um ramo de peste eliminasse o amado de Dorothea, estava elle nos palmares de Damão enroseado no amor serpentino da abastada goêsa que o amava até ao appetite antropophago de o mastigar e esmoer no seu coração.







VI



QUANDO Balbina viuvoa, ia em dois mezes a filha de Dorothêa. A creança passava fome, frio e desamparo, vagindo e perueando na sua canastra. Frei Joaquim tinha previsto a sorte da creaneinha, pelos máos tratos que a Lemenha dava aos proprios filhos. As visinhas acusavam-na de se embebedar e mais o homem com os tres quartinhos mensaes da eria; que ficava na taverna por essa noite



fôra a vêr jogar a bisca a quartilhos-de aguardente, e que era uma dôr de eoração ouvir chorar as creanças ás escuras, e arripiadas com a ventania que entrava pelas frestas do tabique.

O egresso entrou na caza da Lemenha, uma tarde, e aehou-a a metter na bocca da creança migas de pão de milho e feijoens mastigados, resto de uma tigella de ealdo de couves.

— Vejo que vocecê não tem leite que dar á pequenita — disse o padre. — N'esta idade as creanças não se alimentam com borôa e feijoens mastigados, penso eu.

A Lemenha, muito mal enearada: — O snr. padre Joaquim poderá entender muito lá da missa; eá de erear creanças não percebe nada, digo-lh'o eu. Deixe-me cá, que eu bem sei o que faço; e, se não faço bem, a creança ali está; a mãe, quando quizer, que a venha bosear. Gra-



ças a Deus, não preciso de crear filhos alheios que, de mais a mais, não tem pai. —E pôz com arremêso a menina na canastra sobre o enxergão nú, molhado, com nódoas escuras que alastravam pela palha apodrecida.

—Não se arreneque, não se arreneque, e fique com Deus—dizia o egresso mansamente, retirando-se, quando lhe soon de um canto escuro do recinto um cieiar de respiração anciada. Quedou-se a penetrar com a vista a escuridade, e, aproximando-se, devisou uma enxerga no taboado, arrumada contra o tabique erigado de motrêcos de palha abetumada de barro amarello. Sobre a enxerga estavam dois rapazinhos meio-nús. Um, lançado para fóra do colchão, sobre o lado esquerdo, estendia os braços esqueleticos pelo soalho humido, como se a sensação da frescura lhe mitigasse o ardor febril. Tinha os olhos abertos, afogeados e fixos



no padre. O outro, sobre o dorso, com a bocca escancarada, e as faces incendiadas de uma rubidez roixa, arquejava, e com a ponta da lingua denegrída e secca rossava no beíço superior.

—Que tem estes pequenos?—perguntou.

—Acho que são bexigas—respondeu a mãe serenamente.

—Bexigas! Olhe que esta doença é contagiosa, pega-se...

—Tenho ahí mais dous rapazes que estão bons; e, se Deus m'os levasse todos, fazia-me uma grande esmola.

—E a elles ainda maior...—disse o padre, contemplando os doentinhos com muita pena.—É de esperar que esta creança tambem seja attacada...—Apointava para o berço da filha de Dorothea.

—O que Deus quizer.

—Sim, o que Deus quizer; mas...

—Olhe, interrompeu a Lemenha com



authoridade, se ella morrer, vai muito bem, snr. padre Joaquim; vae para o céo direitinha como um fuso. Oxalá que nós fossemos na idade d'ella, não é assim?

— Diz vocemecê muito bem, snr.^a Maria... Felizes os que n'esta idade são resgatados do degredo da vida; porém, temos obrigação de conservar a nossa e de conservar a vida ás creanças e esperar que Deus lhes dê melhor destino.

— Então que quer o snr. padre que eu faça? — volveu ella abespinhada.— Que eu vá por ahi além com esta menina e que deixe os meus filhos aqui desamparados até morrerem? Acho que a religião christan não manda isso... parece-me.

— Não manda, não... e eu não lhe disse ainda o que queria. Vocemecê chamou cirurgião ou boticario?

— Mandei o meu homem chamar o cirurgião antes de hontem; mas não veio, por que ha por essas freguezias muitos la-



vradores com os filhos doentes de bexigas: esses pagam bem, e eu não posso pagar. Reccebi o dinheiro de tres mezes quando tomei conta da pequena, mas não cheguei a vêr-lhe as cruzes. O meu homem lá o bebeu e jogou como quiz... Esta vida não se póde aturar... que m'a leve o diabo, Deus me perdôe...

—Mulher!... —atalhou o egresso.

—É como lhe digo... Que Deus me leve todos os filhos d'uma vez...

—Ha muitas mães pobres com muitos filhos, e mais pedem a Deus que lhes não leve nenhum.

—Sim? não duvído... pois quem me invejar a vida, Deus ou o diabo lh'a dê.

—Tenha pacieucia... A desesperação não remedeia nada... Eu vou eserever ao cirurgião e prevenir o boticario. Vocemecê não tem nada a pagar; e o mais que lhe fôr preciso, mande lá a casa,



que eu lá converso com a minha irman...
—E sahiu.

O padre ia cogitando consigo: «Se Deus levasse tambem a creancinha da Dorothea... Se Deus levasse todas as creancinhas infelizes pela miseria e pela vida peccaminosa dos pais...»

Este egresso, discipulo de fr. Manuel do Cenaculo, o arcebispo-philosopho, tinha ás vezes umas reticencias nas sus meditações asceticas que faziam muito lembrar as tibiezas de fé que assalteavam o seu illustradissimo mestre, o dilecto do marquez de Pombal, e seu docil instrumento em algumas rebellioens reformadoras da egreja lusitana contra as prescripções de Roma. Deslumbravam-no, de vez em quando, uns raios de luz mortificativos. Esses funestos lampejos de raciocinio tentador sorprendiam-no principalmente quando contemplava creanças lividas de fome, andrajosas, tremulas de frio,



vergastadas pela chuva e pelo norte, expiando, sem culpa a vida crapulosa dos pais, ou compartilhando a miseria d'elles tambem irresponsavel. Não podia duvidar que o Creador via estas creanças, n'um recolhimento de mêdo, estarrecidas e escarmentadas pelo desprezo, á porta dos abastados, á espera de um boceado de pão trez vezes supplicado. Mas esse pão nem sempre, á terecira vez, descia dos opulentos celeiros do lavrador rico; enquanto que os filhos do opulento, nedios e fartos, passeavam muito alegres debaixo dos olhos do Senhor, mysterioso nos seus designios. Era aquelle angusto predicado «mysterioso» que lhe abria no espirito intercadencias de tristeza, como se o seu anjo da Fé chorasse. Depois, vinha a reacção—o inessante milagre da reacção do dogma—a erença incondicional nos incomprehensiveis designios do Senhor...



*

Dadas as providencias, frei Joaquim seguiu para Val-Redondo. Ia vêr a sua confessada, a viuva que já o não proenrava e se escondia de toda a gente, fechando-se no seu quarto. Não era já o avejão do marido que, a cada passo, lhe surgia dos cantos escuros da caza, o que mais a perseguia. O fantasma do padre Hilario era peor a insurgir das profundezas do abysmo; e, ás vezes, tambem via deplorativa, d'azas brancas, como o anjo marmoreo dos mauzoleus, perpassar a imagem do seu Arthur, exprobrando-lhe o crime de o atirar a este mundo com o ferrête de adulterino e de sacrilego. Como se estas visoens não sobejassem para atormental-a, imaginava que a perseguiam com o fim de a estrangularem, a irman Quiteria, a Dorothea deshonrada pelo filho, a cu-



nhada que lhe mandára escrever por um mestre-eschola romântico de Covellas, contando-lhe mindamente os tragicos paroxismos de Roberto, e acrescentava de sua fantasia que elle, á hora da morte, a amaldiçoára em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Fôra o José Rato quem lêra a carta, descabellada com emphase proclamatoria, abemolando a voz fremen-
te quando as ideas exigiam uma toada so-
turna, e trovejando-a, nos mugidos drama-
tologicos d'aquelle tempo, quando a ima-
gem requeria fôrça. Havia, com certeza,
intençoes canalhas nos varios diapasoens
da leitura da carta. Logo verêmos que
volcoens de lama estuavam nos intesti-
naes arcanos d'aquelle funcionario de
Fermêdo, radicalmente patife.

O egresso tivera noticia da carta e do leitor. Lamentou que a viuva o não convidasse a elle para lêr essa carta, cujo conteúdo já se repetia em todo o concelho.



Esforçou-se debalde por applacar-lhe os terrores; mas não podia desmentir o horrído quadro da morte de Roberto, já pintado espectacularmente em um periodico do Porto com as mais negras tintas, e lido por toda a gente que se apascenta com deleite nos escandalos e nas satyras este-reis. Ella já tinha ouvido dizer *que andava nas folhas*. Mais este supplicio: «andar nas folhas.» O juiz eleito quizera declamar-lhe o folhetim; mas ella enfiára os dedos pelas orelhas e desatára a fugir invocando as almas santas.

O relator dos paroxismos de Roberto Rodrigues estava em Espinho quando o esquife do defunto lhe passou á porta; e, a respeito da viuva, escrevia: *Ella mandou buscar o cadaver para ter a evidencia de que o marido morreu. Quer estar socegada*. Tudo o mais do folhetim era peor; e o José da Silva Rato queria gargantear-lhe a tosa inteira que a infeliz ✓



mulher apanhára na *Coalisão*. Um fo-
lhetim d'ambos os lados, que ainda tere-
mos ensejo de vêr entre os estilhaços d'es-
tes volcoens.

Os pródromos da loucura manifesta-
vam-se com decisiva e progressiva violen-
cia. Fechava-se no seu quarto, punha ao
pé de si um berço de páo-preto em que
fôra creado Arthur, ajoelhava ao pé do
berço a chorar, e ás vezes embalava-o
cantando as cantilenas com que o adorme-
cia. Um perfeito juizo de mãe não seria
capaz d'aquella excentricidade que emo-
ciona estranha compaixão. Nos cerebros
transtornados pela insania fulguram lam-
pejos de tão levantado, tão poetico e tra-
gico sentimento que, se a razão dos entes
normaes podésse sentil-os, a vida seria
uma corrente de lagrimas a desaguar
n'um permanente inferno. Ainda bem que
á dôr atroz de chorar saudades de uma
creança sobre um berço vazio só estão



condemnadas as mães feridas de demencia. Ainda bem.

*

Quando o egresso entrou na casa de Val-Redondo, estava Balbina sentada á beira do bêrço, correndo maciamente as mãos por sobre uns coturnos de escossia, desdobrados sobre uma coberta de chita vermelha franjada e muito desbotada que já tinha servido na puericia de Arthur. As meias eram do menino, ainda novas, que elle não chegára a usar. O padrinho padre Hilario dera-lhe grande enxoval e estava sempre a presentear o afilhado com fatiottas caras. O pai Roberto, não dispendia nada em roupa com o pequerrucho, e, imparcialmente fallando, gostava d'isso. Balbina conservava em um bahu de folha todas as peças de vestuario que sobejára á



infancia do filho por já lhe não servir, quando elle ia espigando. Ás temporadas, assoalhava as calcinhas, as pingas, as camisas de recortes e rendas, as faixas, os pannos e as carapuecinhas. Depois, redobrava tudo pelos vincos já marcados e encaixotava-o cubrindo-o de resêda e limonete. Estava, pois, n'este doloroso inlêvo, quando o confessor fez signal na porta do quarto, sempre fechada.

—Cá temos o berço—disse o padre muito agraciado.—Já vejo um objecto que muito preciso se me faz. Graças a Deus! Tenho uma creancinha de trez mezes a meu cargo. A creança é muito pobre, e eu pouco menos. Ella dorme em uma canastra, sobre uma enxerga de palha remoída e pôdre. Coitadinho do anjo! Este berço é magnifico para a nossa creança. Chamo-lhe *nossa* por que a pequena é a neta da sr.^a Balbina, é a filha do Arthur...

—A filha da Dorothea, bem sei...—



atalhou a viuva com uma frialdade desdenhosa. — Então ella não tem lá a mãe?!

— Não tem. Está no Porto a crear, por que os pais não a deixam voltar para casa sem ella engeitar a filha; e a pobre mãe preferiu ir servir para não engeitar a creança.

Contou por menores o que se passára — o encargo que elle espontaneamente accaitára de vigiar a criação da meuína, muito infeliz com a ama que lhe deram. Descreveu o casebre da Lemenha, a doença contagiosa dos filhos, a alimentação de feijoens mastigados que ella dava a uma creancinha de trez mezes que ainda não sabia engulir. Sabia o egresso impressionar coraçóens, conhecia o *si vis me flere*... «se queres que eu chove pelo que dizes, chora tu primeiro.» — Lagrimava primeiro; dava o exemplo da sensibilidade; electrísava-se n'uns raptos compungidos — a poderosa poesia dos que tem na



palavra o estremeccimento nervoso da dôr que ella exprime. Pois, d'esta vez, a viuva ouviu-o na mais estúpida impassibilidade; e elle, não avesado a derrotas d'aquella especie, dizia entre si: «Estará ella de todo mentecapta? Se está, vim tarde...»

Passados alguns segundos, Balbina emergiu da sua concentração, e disse n'uma toada afflicta precipitando as palavras:

— Tudo quanto tenho hei-de gastal-o em missas por alma do meu Roberto. O meu filho morreu. Acabou-se... não quero saber de mais nada, não tenho mais ninguem n'este mundo. É a alma do meu Roberto e mais nada. Hei-de gastar tudo até á camisa que trago vestida, em missas por alma d'elle.

— A snr.^a Balbina — objectou o egres-
so — não sabe se seu filho é morto; e,
quando o seja, deixou-lhe como obriga-
ção de avó e de christan amparar-lhe a



filha. As missas por alma de seu marido são lovaveis; mas para que o santo sacrificio seja agradável a Nosso Senhor Jesus Christo é preciso que a snr.^a não sacrifique os necessitados de pão. O divino Redemptor fallou muito em esmola, e jámais exhortou os discipulos a que negassem aos vivos o pão para o converterem em suffragios pelos defuntos. O Salvador lá tinha os mananciaes da sua misericordia para as almas dos mortos. Além d'isso, a snr.^a Balbina não póde dispender o que não é seu em quanto não se verificar a noticia do fallecimento de seu filho; e não temos sequer uma só probabilidade de que elle não esteja vivo.

— Estará vivo? — exclamou muito alvoroçada, n'uma alaeridade de mãe ao despertar feliz de um sonho afflictivo. — Estará vivo o meu Arthur?!

--Porque não? Como seria possivel ter elle morrido, sem que ninguem o sou-



besse? A ter fallecido em Portugal de doença ou de desastre, sabel-o-hiam as gazetas ou as averiguações da policia. Se tivesse fallecido no Brazil, para onde dizem que foi, os jornaes onde se publicam listas dos que lá morrem, teriam dado a noticia. Ninguem viu o nome do seu filho nos obituarios do Brazil.

— Diz bem, snr. fr. Joaquim, diz bem! O meu Arthur não morreu, pois não? Hei-de vê-lo ainda, pois não hei-de? — E friccionava os joelhos com as mãos, bamboando-se na cadeira com uma jovialidade pueril. — Dá-me a sua palavra de que o hei-de tornar a vêr?

— Verá! — respondeu o padre com solemnidade, como se escutasse a resposta vinda do futuro mysterioso. E a firmêza da palavra, proferida n'um tom transcendente de profecia, arraizou no semblante de Balbina uma claridade instantanea em que a sua razão transuzia. Erecta, em



transporte de fé, voltou-se para o Senhor crucificado com as mãos postas, e as pontas dos dedos na barba; em oração mental. E o egresso, antes que aquella lucidez desmaiasse, proseguin na missão de instalar alli a creancinha.

— Com que alegria o Arthur ha-de curvar-se sobre este berço se aqui vir a menina, quando vier! E com que ternura abraçará a sua boa mãe que o amon em dôbro, protegendo-lhe a filha arriscada a morrer de fome, de frio e das doenças inseparaveis da miseria? Ora, imagine, sr.^a Balbina, imagine o seu filho a entrar n'este quarto, e vocemecê a dizer-lhe: «Aqui tens a tua filha no mesmo berço em que eu te acalentava quando tu eras assim pequenino.» Imagine...

Fr. Joaquim ia desdobrar-lhe panoramas sentimentaes á imaginação, quando Balbina o encarou muito a fito, como espantada, com uma vista já fulgurante



d'outros lampejos, e a espreitar em roda como a reccar que alguém a ouvisse. Depois, approximando-se-lhe do ouvido, a passos muito subtis, com um grande reccato, e fazendo gestos de silencio no nariz com o dedo indicador :

— Olhe, snr. fr. Joaquim... Repare bem no que lhe digo. Esta casa não é do meu filho. Elle não tem aqui nada, e eu só tenho 400\$000 réis que trouxe de dote. Ali está n'aquella cruz Nosso Senhor Jesus Christo que sabe que isto é verdade. O snr. fr. Joaquim tambem sabe, pois não? O meu Arthur não herda nada. Tem só os 400\$000 réis que eu trouxe. Meu marido morreu a gritar que o Arthur não era seu filho; que não era seu herdeiro; que vinha deitar fogo a esta casa; que me amaldiçoava em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo; e, n'estes arranços, é que elle morreu e lá foi gritar contra mim deante do throno de Deus para



que eu seja castigada n'este mundo e no outro. É por isso que eu quero vender tudo para mandar rezar missas por alma do meu homem. Vou dar tudo ás confrarias; quero que se digam missas por alma d'elle emquanto o mundo fôr mundo!

Sinceramente, o egresso não atinava, de improviso, com uma refutação bem christan dos argumentos mysticos d'aquella mãe adúltera. Se ella tinha e franqueava a consciencia da sua culpa, como poderia elle delir-lh'a e expungir d'essa alma obsessa de remorsos o escrupulo do enorme peccado? Como é que elle, padre e medianoiro entre a justiça divina e a ré confessa, poderia catholicamente persuadil-a da tolerancia e indifferença do supremo juiz, de modo que nos bens de Roberto Rodrigues succedesse com legitimo direito o filho spurio do padre Hilario Tavares? Angustiosa conjunctura em que, ás vezes, se encontram embaraçadas



as mais sans e illustradas e rectas consciencias dos directores espirituaes!

Porém, como era habil e destro em conflictos desta natureza, o padre evadiu-se casuisticamente por um subterfugio digno do padre Laynez e do padre Simão Rodrigues, da Companhia de Jesus. Uma feliz suggestão :

—Se seu filho não pôde herdar a casa de Roberto, por que era filho de outro homem, a sr.^a Balbina, sabendo que seu marido morreu na desesperação de a não poder desherdar... sabe ou não?

—Sei, sim, senhor. E' verdade.

—Pois, se é verdade, tem de restituir aos parentes de seu marido os bens que possui contra vontade d'elle—vontade que seu marido mostrou com tamanha violencia que morreu de paixão por lh'a não satisfazerem.

—Valha-me o céu! valha-me Nossa Senhora!—exclamou ella no perfeito jui-



zo de quem se vê em crize de restituir cento e tantos mil cruzados, destinados a missas.

Pelos labios de fr. Joaquim da Cruz Sagrada volitou então um sorriso indescriptivel entre a ironia e a commiseração d'esta lama que está sempre revendo á flôr da mais catholica alma. Depois, sentando-se em uma cadeira, como no confessorio, persignou-se e mandou ajoelhar a viuva. Ella, curvada, de rôjo, soluçando e intervalos, ouviu-o submissa, fez actos de contrição e protestos de obediencia ao seu pai espiritual. O egresso absolveu-a, ergueu-se, mandou-a levantar, e com aspecto, a um tempo, austero e benigno, apontando para o berço ;

— É preciso que venha para ali o aujo a quem eu hei-de ensinar a pedir a Deus por nós. Dir-lhe-hei que ha uma alma muito necessitada de oraçoens ; e, orando ella connosco, seremos trez a pedir á mi-



serieordia divina a salvação de um grande peccador, responsavel da morte de seu marido e das suas immensas dôres, snr.^a Balbina.

Ella cseutava-o, de olhos cerrados, com os braços em cruz sobre o seio, e a ponta da barba apoiada nas mãos. O espectro do padre Hilario ia passando por deante do seu cerebro, a retrahir-se percutido pela refraecção de uma aureola de luz sulphurosa que faiscava da frente do condemnado a penas eternas.

*

Não havia tempo a perder. O padre seguia de perto a cerração veloz do espirito de Balbina. Por vezes, escrupulisára em a submetter aos sacramentos, pela irresponsabilidade do peccado e dos protestos de obediencia transgredidos; ainda as-



sim, confiava em Deus e nos seus esforços ir amparando aquella alma n'um erepulo de noite infinita. Apressava-se, pois, em trazer para a casa de Val-Redondo a filha de Arthur. Quer a avó enlonquecesse, quer se finasse, a neta ficaria ali esperando o pai; e, quando elle voltasse mais libertino do que sahira, a sua regeneração começaria ao pé d'aquelle berço. Ha na religião de Jesus, e em todas as religioens amoraveis com as creanças, caudaes de santissima poesia.

O seu primeiro passo foi deitar inculcas em cata de uma ama de leite; mas, se ella não apparecesse, havia de remediar-se a criação da menina com o artificio das mamadeiras. Como lhe ficasse em caminho, foi perguntar ao medico se os dois pequenos da Lemenha estavam perigosos. O doutor, quanto aos pequenos, disse que não só os dois, mas todos cinco estavam mortalmente ataeados de variola; e que



o mais novo, uma menina de poucos mezes, já estava febril, e a erupção tinha começado. Em fim, não esperava que algum dos cinco se salvasse, attendendo ás pessimas condições do cardenho em que estavam empilhados e mal cobertos de fetidos farrapos; que o vento esfusiava pelas grêtas mal barradas do tabique e não havia o agasalho indispensavel, nem a provocação aos suores cupiosos.

Este velho doutor sahira das antigas enfermarias do hospital de Santo Antonio com os sedijos preconceitos diaphoreticos. Queria que se abafassem os doentes de bexigas com grossos cobertores, em recintos muito quentes, n'um suadoiro de estufa, e não se renovasse o ambiente. Com este systema conseguiu devastar a população de muitas freguezias, onde os pais dos pequenos contagiados possuiam muitos cobertores, por desgraça.

Em vista d'esta informação, sobreeste-



ve o egresso na diligencia de descobrir ama e passou á eaza da Lemenha. Os quatro filhos estavam sobre a enxerga, a pequenita na canastra, e a ama rogava pragas, mal-dizia o dia em que nasceu, e que a levasse o diabo n'aquella santa hora. Ella tinha pedido a Deus que lhe matasse todos os filhos, quando os feridos eram dois; agora, revoltava-se contra o Deus condescendente que abria uma sepultura para todos. A menina não pegava no seio, espumava vomitos, parecia muito afflieta, queimava como brazas e arquejava com grande cansaço. Quando o padre a examinava com muita pena, disse a Libania desenganadamente:—Está prompta! O doutor disse que ia tudo de cambullhada para debaixo da terra... Que raio de vida a minha!

—Foi isso mesmo que vocemecê hon-tem pediu a Deus como grande esmola. Agora, soffra com paciencia, ou peça a



Deus o contrario do que hontem lhe pediu.

—Lérias!— atalhou a mulher exasperada.—Lérias, meu amiguinho! Tanto se lhe importa Deus comigo como aquelle cão que ali vai a ganir. Quem tem de morrer, morre, snr. padre Joaquim. Escreva lá!

—Assim é. Todos temos de morrer, pobre mulher. A sua vida é triste, bem vejo; e, melhor do que eu, a vê o Altissimo que ha-de ter piedade das suas mortificaçoens. Não se impaciente. Eu vou mandar-lhe alguma roupa. Cubra estes doentinhos. O doutor disse que era preciso muito agasalho. Mande a eaza de minha irman buscar o que lhe fôr preciso, e entregue a Deus a sua sorte e mais a d'elles.



*

Ia o padre diariamente visitar a filha de Dorothêa. Ao setimo dia, morreram os dous primeiros ataeados. Tinham a cara excoiriada, pustullosa a pelle dos braços e o peito com escamas, *pelle de lixa*, que é o nome das bexigas fataes. Os ontros dois deliravam, amodorrados, com as costellas negras. Morreram d'ahi a dois dias. A neta de Balbina, coberta de nódoas róxas, parecia morta, em começo de putrefacção; apenas dava signaes de vida pelas hemorragias de um sangue esbranquiçado com laivos filamentosos. Ao setimo dia, expiron, quando as bolhas esvurmavam pus amarellado.

O egresso, que estava presente á ultima expiração da creança, disse com a se-



renidade angusta da fé: « Melhor está ella na vossa guarda do que na minha, meu Deus! Bem sabieis que eu não poderia livral-a dos precipicios da avó e da mãe. Bemdito sejaes, Senhor!»





VII

Roi aviso a Dorothea do fallecimento da filha. O Canastreiro jubilou com a morte da neta, e o José Rato sentiu-se alliviado de um peso que molestava a sua dignidade interessada em futuros projectos complicadissimos.

A Dorothea estava a crear em eaza do rio industrial, fabricante de sêda, Ladislão Melitão, socio do Flórido Sanhes. Firma da fabrica—*Melitão & Flórido*. Eram duas familias abastadas que se tratavam



com bastante luxo relativo. Em abril iam primaverar na quinta do Flórido, em Campanhan. Merendas de peixe frito e alface nos caramancheis tecidos de baunilhas e jasmineiros. No estio, banhos no Douro, no Areinho, defronte da Pedra-Salgada. No outono, tinham casa balnearia em Mathosinhos. No inverno, frequentavam o theatro nacional aos domingos de tarde. As duas familias, em que floreciam madamas muito estimadas na alta burguezia, choravam quando se representava *Trinta annos ou a vida de um jogador* e *Carlos 3.º ou a inquisição de Hespanha*, e outros espectaculos em que a Grata e o Gusmão arrancavam soluços dos camarotes. As senhoras tambem se esbandalhavam a rir no *Rachador escossez*, representado pelo *Grillo-Cocho* um gracioso, rival do *Fontainhas*, que era a herva sardonica dos portuenses, e ainda hoje se faz lembrar saudosamente nas *soirées*



das damas archeologicas, reduzidas á sueca, ao quino e ás reminiscencias de meio seculo. Além d'estas regalias, as duas familias consociadas, *Melitão & Flórido*, possuíam carroção tirado por vaccas, e a libré privativa d'esta equipagem — um garôto descalço, de carapuça azul, com uma aguilhada de lôdo e faxa vermelha. Pompeavam a vida faustosamente *Melitão & Flórido*.

Ladisláo, sujeito de quarenta annos, espaduas quadradas, thorax leonino, sedoso e polpudo, gorja de toiro Barrosão, temperamento de kalifa nos ardores da Libya, cazára com D. Anathilde Flórida, filha do Flórido Sanches, donzella de dezeseite primaveras; e d'esse enlace não auspicioso lhe adviera a sociedade com o sogro e a riqueza. A menina Anathilde era de uma magreza historica — a das primeiras vaccas do sonho de Pharaó. Desde os treze annos que a abeberavam de oleo



de figados de bacalháo e ferro chocolata-
do, sem conseguirem embaciar-lhe a
transparencia com as gorduras oleosas da
therapentica. Quando cason, lembrava
uma mimmia roubada ás pyramides do
Egypto. As proeminencias molares da-
yam-lhe geitos de um cynocephalo-fêmea;
a maxilla inferior parecia retrahida pelas
cordoveias nodosas do colo, e as orelhas
diaphanas, pensís, destacavam-se do ro-
chêdo como duas grandes cascas abertas
de favas sêccas. As sciencias medicas vati-
cinaram que ella, se cazasse, engordaria;
e, se concebesse, melhor. Cason e conce-
beu prosperrimamente, mas o prognostico
da nutrição falhou. Cada vez mais des-
cellulada de chorume, os musculos lixa-
dos e pergaminhaceos, o peito escadeado,
a cintura mais larga que os quadrís. Ti-
nha attingido o vaporoso dos poetas d'a-
quelle tempo. Era o Ideal corporalizado
na Parca.



O menino que ella deu á luz, por um d'esses vulgares desconcêrtos da natureza, sahiu robusto. Era o pae gennino, refractario a dúvidas e suspeitas; e, para bem o digamos, ninguem suspeitaria, ainda que o menino sabisse monstruoso. D. Anathilde Flórída gosava de resalva no ánago da mais corrompida sociedade. Era anesthesica o mais que se póde, depois da camphora.

A Dorotheá, pois, creava este menino que raras vezes ia aos braços anemicos da mãe, incapazes de o sustentarem.

A sobrinha de Balbina recuperára a belleza quebrantada pelas paixoens e alimentos pouco fibrinosos da tia Toqueriné. Estava gorda, desempenada, com umas illhargas de maiata, e uns braços torneados, pennugentos, de refêgos rosados nos cotovêlos que não tinham coisa que os rivalisasse em bisaria a não ser as pernas pouco cautelosas de Dorotheá. Ella dei-



xava-se adivinhar, na totalidade, quando punha o pé na borda de uma cadeira para ageitar o menino aos seios tumidos, na apojadura.

E Melitão reparára muito, de mais talvez, elle, o sanguineo, de espaldas quadradas, marido da conjunção hypostatica de uma briza com um periosteo. Confrontára com a possante Dorothea a langorosa Anathilde, n'um desfallecimento hypnotico, sempre reclinada na *chaise-longue*, a lêr romances dissolventes da *Bibliotheca das Damas*, e a chorar por conta dos personagens infelizes. Raro sahia do seu *boudoir*, forrado de papel caro, estampado de sultões e odaliscas, com gravuras molduradas a ouro, pendentes de cordões escarlates, representando Dido a morrer de amor, posto que o auctorisado Virgilio nos conte na *Eneida* que ella fallecen de hemorragia. Havia mais o suicidio de Bruto; Cornelia, mãe dos



Gracchos, mostrando as suas joias nas pessoas de seus filhos; Coriolano e sua mãe Veturia; mas o Melitão, indifferente á historia romana lithographada, olhava de soslaio para Dorothea com o dorso coriscado de picadellas muito quentes, e dizia comsigo: «Assim é que eu precisava de uma mulher, palavra d'honra!»

Começõ a vir da fabrica, mais vezes que o costume, vêr a sua consorte e o seu Alvarosinho. Entrou na crise de palerma, a dizer graçolas, a atacar os effeitos comicos das malogradas semsaborias, a procurar-os na cara da ama. Ella, ás vezes, sorria-se por condescendencia, e Melitão rejubilava. A languida Anathilde sempre a tosquenejar, se o marido se detinha nas trivialidades do seu cavaco; outras vezes, enquanto elle latia de cão e grugrulejava de Perú ou miava de gato ao pequeno, nos braços da ama, a esposa, enojada do grotesco brutal d'aquellas mimalhices, pegava



do volume da *Bibliotheca das Damas* e continuava a novella interrompida, desdobrando a pagina. Mas começava a desconfiar da honestidade conjugal do marido -- a espreital-o disfarçadamente.

Na correnteza d'estas cousas, recebem Dorothea a noticia da morte da filha, perden a vontade de comer, sentiu-se adoentada, e disse á senhora que se retirava para a sua terra, para a companhia de seus pais. O José Rato escrevia-lhe todas as semanas, no tom apaixonado que a sua saudade lhe ditava. Ella não ousava responder-lhe na mesma afinação; mas, no intimo de seu peito, agradecia-lhe aquelle amor inabalavel por ella, tão ingrata para quem a quizera para esposa, e tão cegamente escrava do perfido primo que a perdêra e abandonára. Respondia-lhe com modestia de infeliz, indigna do seu amor, fazendo sempre votos aos ceus para que José Rato encon-



trasse creatura que o merecesse. Ah! elle tinha sido a sua primeira paixão!

Fez-lhe saber o Rato que tendo morrido a creança, os pais a receberiam com a melhor vontade. Que a mãe chorava sempre por ella, e o pai lhe tinha dito a elle que as nódoas cahiam no melhor panno; e que, se a filha ganhasse juizo, não se lhe importava que ella viesse para casa, porque não tinha outra, e a alguém havia de deixar uns dois mil cruzados que arranjára com muito trabalho.

D. Anathilde não podia supportar a pèrda de tão boa ama, e pediu-lhe que ficasse, que não lhe deixasse o seu filho, sem ter achado quem a substituisse. O estado moral de Melitão era um desalento, uma tristeza mal dissimulada que espicava as desconfianças da esposa.

Incidiu este desastre com o maximo fervor da sua apaixonada cegueira pela môça. Desafogava em lastimas decentes



pretextadas com a desgraça de seu filhinho perder tão boa ama. Pedia-lhe que não os abandonasse. Augmentava o dôbro do salario; e, com as lagrimas a envidraçarem-lhe os olhos, dizia: «Meu querido Alvarozinho, pensei que, em vez de uma ama, adquiriras uma amiga para todo sempre!»

Tinha labia o velhaco; e, como diz o anexim, «punha o ramo em uma porta e vendia o vinho na outra». Os olhos no pequerrucho, e o coração na ama.

E D. Anathilde Flórida a desconfiar, pedra no sapato, e a Dorothea a teimar que procurassem ama quanto antes.

Aconteceu encontrar-se Melitão, a sós, com Dorothea, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Aproximou-se d'ella, bastante inflamado, com os olhos a espirrar lascivia e a face retinta d'um colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe mêdo, um susto virgi-



nal, e fez pé atraz, aeonehegando do seio o menino como uma defeza a brutos apalpoens. Elle então saeou da algibeira das pantalonas uma boeetinha de velludo es-carlate, abriu-a premindo a mola, expoz aos olhos faseinados da rapariga um bom diamante encravado em anel de ouro, e disse balbueiantemente:

— Dorotheã, aeeite-me esta lembrança; peço-lhe segredo, e rogo-lhe por alma da sua filha que não se vá embora.

Muito atrapalhado, bem se vê pelo topico da alma da menina que morrêra com quatro mêzes de idade! O caso é que Dorotheã estendeu o braço horisontalmente, abriu a mão, reeebeu a bocêta, fechou a mão, e metteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

Melitão, de orêlha fita para o lado do jardim, deu tênto das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciantes pela escada aeima, e safou-se pé ante pé.



D. Anathilde tinha o olfacto subtilissimo das tysicas, a membrana petuitaria tão dessorada que todos os effluvios lhe penetravam nos poros permiaveis. O marido exhalava um cheiro particular a drogas de fabrica de tecidos, um perfume ammoniacal que o annunciava a distancia. Quando entron na salêta em que a ama, n'uma atarantação de compromettida, estava aleitando a criança, Anathilde poz-se a fariscar o ambiente, peorando o formato do orgão olfactorio no arregaçado e franzido das azas nazaes.

—O snr. Melitão esteve aqui?—perguntou azedamente.

—Esteve sim, minha senhora—respondeu a ama, empallidecendo, muito enfiada.

—Elle que queria?

—Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora

—Ah! bem.



Desceu para a casa do almoço. Ia fular n'uma irritação de suspeita confirmada, ferida no seu coração de esposa, e mais ainda na consciencia de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes víra embasbacados os olhos do marido.

Aquelle specimen de collegial franzina, mortíca, algida, e como indifferente para tudo, agora apunhalada pelo ciúme ou pela vaidade, transforma-se, transfigura-se, vibra em convulsoens de raiva, e desce as escadas muito apurmada, batendo o tacão nos degrãos e agitando os braços como quem os sente capazes de esganar um marido infiel. Ninguem diria que aquelle galvanizado fenómeno osteológico pertencia ao sexo tímido! Cuidar-se-ia antes que bebêra n'aquella manhan o sangue irascível de leôa, e não o calmante leite de jumenta. As arterias frontaes, em alto relêvo azul, papejavam muito grossas



de calibre. O nariz, como espiráculo de cratera interna, fumegava. De vez em quando, tirava da abobada palatina com a ponta da lingua uns estalidos como as cegonhas. Feia e escamada senhora!

Quando se assentou á meza a trinchar um bife de grelha, dava facadas no prato, e por baixo da banca raspava no taboado com as botinas n'um phrenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraqueza, pareciam uns suspensorios milagrosos. Melitão estava espantado, e não sabia o que era aquillo, a menos que Dorothêa estupidamente denunciasse o segredo do anel. Parecia-lhe impossivel tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fé que elle subiu, á surrelfa, do escritorio ao 2.º andar?

— Ó ama! — chamou Anathilde — traga cá o menino para vêr o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? tu ainda hoje não viste o Alvaro, pois não?



Melitão açafroava-se até aos lobulos das orelhas e gaguejou :

— Sim... eu já o vi de passagem...

— Onde?

— Lá em cima.

— Que foi o senhor fazer lá acima, não me dirá?

— Ia vêr o menino.

— Mas o seu costume é vê-lo pela primeira vez ao almoço.

— Cuidei que estaria contigo...

— Comigo! ora essa! pois você deixou-me no jardim a passear o leite e foi-me procurar ao 2.º andar! Que trapalhão!

Dorothêa ouvira este dialogo, e em vez de entrar desembaraçadamente para auxiliar a innocencia do patrão, fugiu com o menino, protestando ir-se logo embora.

— Ella tem mais vergonha que o senhor. Não quiz entrar...—notou Anathilde dando fé que a ama se retirára.— Tenha tambem vergonha você que é um



homem velho. Já era tempo de ter juízo n'esse miôlo.

Melitão assanhou-se, levantou-se de salto, atirou com o talher de encontro ao *plateau* e vociferou:

—Sabes que mais? Vae para o diabo que te carregue que eu não estou para te aturar, ouviste?

E safou-se para a fabrica, golphando fumaradas pela rua do Bomfim acima.

Sem interpôr tempo nem reflexão, D. Anathilde chamou o creado de mêza, e mandou-o a todás as ineulcadeiras procurar uma ana, e que trouxesse a primeira que encontresse. Movia-se por toda a eaza, d'alto a baixo, galgando as escadas como um andarilho. Os arames arqueados do merinaque raspavam sonidos metalicos nas pernas das cadeiras e nas arestas dos degrãos. As saias ruflavam. Um turbilhão de musselina, uma tempestade magnetica formada n'um agulheiro de ossos. Abria e



fechava gavetas e bahus e guarda-roupas. Acamava vestidos e encofrava joias nos escrínios. Fazia e desfazia. Atirava as *toilettes* de baile ao chão, e removia-as a pontapés. Nem uma lagrima, nem um insulto hysterico. Não perguntava pelo filho nem pela ama, que subíra ao terceiro andar, e estava tambem entroixando á pressa as suas coizas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia.

Dorothea resolvêra sahir, quer a substituissem, quer não. N'essa manhan tinha lido a ultima e mais desorganizadora carta de José da Silva Rato Junior. Dava-lhe parte que havia morrido, emfim, o juiz do supremo tribunal com quem estava a sua tia Thomazia, e que lhe deixára a ella o melhor de 15 mil cruzados em propriedades rusticas. Esperava ser com toda a certeza o herdeiro da tia Thomazia, e concluia com estas phrases penetrantes: *Serei brevemente rico; mas, ai de mim! a*



*felicidade do coração que me mataste,
Dorothea, essa nunca jámais a terei!!!*
Ella sentia-se impulsionada pelo remorso a ir chorar sobre o coração morto d'aquelle homem, futuro herdeiro da tia Thomazia, e todavia condemnado a uma eterna viuvez! Matára-o ella; e elle, tão bom, perdoava-lhe! Um anjo, o seu Rato!

*

O creado demorára-se pouco. Entron com uma ama chegada, havia pouco, de Amarante, — um alfôbre de anas, grande exportadora para os alcouces. Era uma mulherança pujante e barbaçuda.

— Vae chamar a ama — ordenou D. Anathilde á creada de sala, e que traga o snr. Alvaro ainda que elle esteja a dormir.

Desceu Dorothea com o menino, timorata e receosa de pancadaria, morta por esgueirar-se.



—Entregue o menino a esta ama— disse a senhora, sem a encarar.—Eu vou sahir com ella para casa de meus pais, e voeê fique no meu logar.

—Isso é que não!—aeudiu Dorothea gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadrís, com tudo.—Isso é que não! Eu hei-de sahir primeiro, e é já, e é já!

—Quanto se lhe deve?—perguntou Anathilde já modificada.

—Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente —e retirava-se muito peneirada.

—Espere ahi, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de *toilette*, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

—Isto é de mais...—obviou Dorothea.—Eu só cá estive seis mezes, e já recebi tres moedas por conta.



—Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Póde ir, e adeus, seja feliz.

—A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um gallego deseia com a caixa de pinho ás costas entrava Ladisláo Melitáo, adivinhando o cataclismo.—Que caixa é essa?!—perguntou.—Que a dona vinha ahí atraz, explicou o gallego.

Dorothêa appareceu no patamar, muito desengonçada, muito vermelha, mais espectacularosa do que nunea.

—Você onde vae! onde vae?—perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espipados.

—Vou para minha casa. Passe V. S.^a muito bem.

Mas o melhor da passagem, como diria o snr. Antonio de Serpa, é que Dorothêa não restituiu o anel a Melitáo. O



esquecimento é desculpavel pela atrapalhação da sahida.—Que espiga!—dizia elle esmagado n'alma sob o peso da catastrophe, e de mais a mais com a perspectiva das borrascas domesticas, bravas luctas com a esposa—o ôsso da sua carne!... —Que espiga!

*

N'este tempo, chegaram ao correio de Fermêdo cartas vindas da India, uma para *Balbina Candida Rodrigues* outra para *Alexandre de Pinho*. Este Alexandre era o juiz ordinario do concelho, antigo amigo e parente dos Rodrigues de Val-Redondo. Como a caligraphia dos sobrescriptos fosse identica, Rato e o irmão subtrahiram as duas cartas. Na de Balbina dizia Arthur á inãe que estava espantado do seu silencio—que nmea recebera de sua familia uma só carta, ha-



vendo escripto tres. Partieipava-lhe que já era alferes, e tencionava pedir licença para vir visital-a tão depressa realizasse o seu casamento com uma rica viuva a quem amava e devia grandes finezas e provas de amor, velando-o nas suas enfermidades, e cicatrisando-lhe as chagas da saudade da patria e da familia. Para isso, pedia que lhe remetteste a sua certidão de idade e outra do parochio a certificar que não havia impedimento canonico para poder cazar. Instava muito pelos dois documentos e perguntava pela saude do pai a quem enviava muitas recommendações.

Na carta ao seu parente Alexandre de Pinho rogava-lhe que fosse a Val-Redondo, e visse a carta que elle, na mesma data, enviava a sua mãe, e apressasse o consequimento das certidoens que pedia; e, na hypothese de que a mãe não houvesse recebido a carta, ou não quizesse respon-



der-lhe, como fizera a outras, explicava-lhe quaes eram os documentos pedidos. Fallando da mulher com quem ia cazar, esclarecia que era uma viuva com 8:000 rupias de renda pouco mais ou menos, dous contos de reis, moeda portugueza; muito galante senhora, de quem já tinha um filho que era um encantó.

Nenhuma das cartas chegou aos destinatarios. José Rato fermentava, nas suas vigílias, uma enorme ribaldaria, que não era singular, nem rara n'aquellas terras.

Sabia-se que elle frequentava muito a caza da Joanna Toqueriné; —já o egresso, que tivera a denuncia de taes concilia-bulos no latibulo da *corpo-aberto*, estava preparado para qualquer canallice maior da marca.

Ao mesmo tempo constava-lhe que o Rato Junior voltára a visitar miudamente o João Gaio depois que a filha regressára do Porto. Uns diziam que elle



era o *amigo* da Dorothea; outros asseveravam que o Rato namorava a rapariga como antes do êrro, e vinha a cazar com ella como dois e dois serem quatro. O egresso achava possível qualquer das hypotheses, e andava triste. Elle tinha imaginado aproximar Dorothea da tia Balbina, já que Deus levára a creança, o anjo de paz, o reconciliador d'aquella pobre velha com as allucinaçoens da sua consciencia. Chegára a tentar, por longe, a empreza, sondando o coração da vinva. Achou-a rebelde. Não perdoava a Dorothea ser filha de sua irman Quiteria; e, interrogada pela rasão de tamanho odio, tartamudeava, engasgava-se, e acabava por bradar que a queriam matar. Não obstante, o confessor ainda esperava abrandal-a nas intermittencias lucidas; mas essas eram já tão raras e fugidias que nem para o acto da confissão deixavam clareira. Por outro lado, frei Joaquim desanimava do



sen propositio, ao passo que as atoardas da segunda queda de Dorothea ganhavam muitas probabilidades. A verdade era que José Rato entrava com a antiga franqueza de noivo em caza do João Gaio; mas a cauta Quiteria não se apartava da filha, de dia nem de noite, por que dormiam juntas. Estava escaldada.

N'isto, sem se lhe conhecer a procedencia, divulgou-se a noticia da morte do Arthur no Rio de Janeiro onde fôra ajudante de guarda-livros. A mentira não prômanára de José Rato. Repetiam-na todos, citando dezenas de pessoas bem informadas que a tinham espalhado nas feiras e nos adros á missa do dia. Balbua recebeu a nova communicada pelo vigario que já tinha resado por alma do Arthur, no decurso de dois annos, uns trescentos de missas, a cruzado. D'esta vez, o pastor vinha lembrar áquella ovelha ligeiramente tosquiada e com espessa lau pa-



ra muitas tosquias, a necessidade de officios e suffragios, a verificar-se a triste noticia.

Balbina já não chorava. As lagrimas são o desafogo das dôres que vibram o cerebro normal. Essa expansão sorosa não é uma necessidade para os dementados, nem as afflicções irrationaes espertam vitalidade no ducto das lagrimas. A lava do cerebro queimou tudo isso.

Ella ouviu o vigario com uma fixidez de olhos aridos que não davam de si algum signal de surpresa nem de angustia. Passados minutos, dizia que lhe trouxessem o corpo do filho para o amortalhar por suas mãos. O clerigo dava explicações: que o Arthur, tendo morrido no Brazil, já devia estar enterrado ha muito tempo; que o mais que poderia vir de lá eram os ossos. E questionavam a este respeito: ella insistindo, como louca, na exigencia do cadaver do seu querido filho;



elle, elucidando com a mais estúpida boa fé a impossibilidade da exumação do defuncto em decomposição. Quanto a suffragios, nada se deeediu. Afinal, o reitor foi dizer lá fóra que Balbina, se não estava de todo azoratada do miôlo, estava muito telhuda.

*

Fr. Joaquim onvira a noticia repetida por centenaes de pessoas, e não aereditava. Resolven, de indagação em indagação, chegar á fonte d'onde promanára o boato. Pôde deseubrir que n'uma feira mensal de Aronca o primeiro que déra a noticia do fallecimento do Arthur no Brazil fôra o brasileiro da caza amarella das Quintans. Montou-se na egua do eunhado e foi ás Quintans. O brasileiro disse-lhe que a noticia lhe fôra dada pelo Pinto Rocha, outro brasileiro que morava d'ali distante le-



gua e meia; mas que tinha ido para o Rio trez dias antes; ainda assim, como na caza havia um padre, irmão do brasileiro ausente, esse poderia ministrar esclarecimentos bastantes. Fr. Joaquim foi pernoitar a caza do padre seu conhecido. Então soube que effectivamente seu irmão trouxera a tal noticia de Oliveira de Azemeis onde a lêra no *Diario do Governo*, em caza do deputado do circulo. O egresso começou a acreditar que Arthur tivesse morrido, visto que a noticia sahiu no *Diario do Governo*; porém, como queria retirar-se com a certeza para dirigir os actos da viuva como christan e mãe, sahiu d'ali para Oliveira, com uma carta de apresentação ao deputado, que felizmente estava em caza. Lembrava-se muito bem o legislador. Tinha lido essa noticia, quinze dias antes, no *Diario do Governo*. Foi buscar os numeros correspondentes aos dias provaveis em que a lêra; e, exa-



minando nm d'esses numeros nas listas dos obitos enviadas pelo consulado, exclamou:

— Aqui está!

— Então é certo... — disse o egresso.

O deputado leu: *Falleimentos no dia 17. Arthur Gonçalves, guarda-livros, idade 29 annos, febre amarella...*

— Não pôde ser—objectou fr. Joaquim. —O meu visinho chama-se *Arthur Rodrigues Tavares*; esse que morreu tinha 29 annos; o meu visinho deve ter, quando muito, 22. Aqui tem V. Exe.^a como se arma e propaga uma falsidade, sem má intenção. Póde ser que Arthur Rodrigues haja morrido; mas com certeza não era Arthur Gonçalves, que Deus tenha em sua presença.

*

Fr. Joaquim desmentiu a noticia, contando o processo trabalhoso de que se ser-



vira; mas a opinião publica não prescindia da morte do Arthur Tavares. Balbina manteve-se indifferente ao desmentido como á veracidade da balela; mas, uma vez por outra, pedia ao seu director espirital que mandasse vir o cadaver de seu filho para o sepultar em um jazigo que mandára fazer na sua capella. Balbina Candida não tinha capella nem mandára fazer jazigo algum.

— Está perdida! — dizia o padre, vendo mallograr-se todo o esforço que empregára para ir amparando aquella froixa luz vasquejante, com o amor de alguém que tomasse á sua conta restaurar o coração da desgraçada peccadora. A nétinha morrêra, fugira como um anjo que não queria manchar as suas azas na turpitude d'aquella familia. A Dorothea provavelmente atirava-se outra vez ás garras do vicio. O Arthur, se fosse vivo, era um monstro desprezando a mãe; se era mor-



to, nunca mais poderia vir tentar um milagre em que o poder divino não queria intervir, apesar das suas reiteradas supplicas deante do altar.

Voltou-se para a medicina. O eirurgião que tinha mandado calafetar as portas e frestas para que o ar não entrasse no ergastulo dos filhos da Lemenha, agasalhados em cobertores grossos, foi examinar Balbina. Interrogou-a sobre dôres de cabeça; sobre cheiros, se sentia cheiros ou sabores extraordinarios, se ouvia vozes, se umas pessoas se lhe figuravam outras; se tinha appetite e se dormia.—Que comia muito bem, e dormia até de manhan; e, quando acordava de noite, rezava ao seu anjo da guarda, e tornava a adormeeer. Que só comia sôpas de leite e caldo, por que estava muito pobre, e não podia comprar mais nada; que assim que lhê levassem as vaccas de leite e a horta, morreria de fome. Tudo que ha-



via n'aquella caza era dos parentes do seu defunto Roberto; que trouxera 400\$000 réis; mas esses que já os gastára em missas por alma de seu filho, que a estava esperando á porta do céo.

O cirurgião tinha percebido: não precisava de diagnosticar a doença orientado pelos cheiros. Retirou-se encolhendo os hombros: que não havia nada que lhe fazer.

Veio um medico do Porto, o Fortunato Martins da Cruz. Esse, sem a interrogar, depois de ouvir a exposição do collega, disse ao egresso que a mandassem para Rilhafoles, onde ella iria receber algumas sangrias, alguns causticos na nuca, emboiraçoens frias á cabeça, uma camizola de força e algumas chicotadas, se não estivesse quieta. Que podia talvez curar-se, por não haver lesão sensivel, nem desconformidade craneana, nem talvez herança de alienados na geração de Balbina. Como



se dera um forte repuxão áquelle cerebro fraco, poderia ser que uma reacção salutar se operasse com o auxilio therapeutico, com as distracçoens e o affastamento da localidade em que se manifestou a loucura. Mas sobre tudo, snr. padre Joaquim—acrescentou o doutor—muito cuidado com a religião, nada de fanatismo, nada de lhe ineutir que o filho está á espera d'ella á porta do céo. Desculpe. . .

—Está desculpado, snr. doutor—obtemperou o egresso.—A religião que eu tenho empregado no curativo d'esta pobre alma é santissima e estreme de fanatismo. Andei a vêr se pelas veredas luminosas da caridade a levava á quietação da alma perturbada por amarguras que a minha obrigação de confessor me manda calar. Nada consegui. A religião sacratissima de Jesus poderia produzir melhores fructos espirituaes, ministrada por outro sacerdote; mas eu não pude sequer collo-



ear ao lado d'aquella pobre enferma uma parenta, uma amiga que lhe amparasse a cabeça nas ancias da agonia. Emfim, não ha que esperar. É deixal-a soffrer e morrer.

—Morrer, sim; ora agora, quanto a soffrer, ella não soffre nada. Convença-se de que a massa cerebral desorganizada não tem a sensibilidade dos órgãos sadiós. Tem sonhos. Sabe o que é um doudo? é um sonhador permanente. Deixe-a sonhar, no seu sepulchro, viva, até que accorde no turbilhão eterno da materia desagregada.

— Eis aqui um sincero materialista!— disse entre si o egresso.—Praza a Deus que seja verdade o que elle diz—que a pobre mulher sonhe sem soffrer; e não accorde jámais, se a razão lhe ha-de ser um flagello como foi até a dementar. Praza a Deus!...





VIII



AMOR tyranno devastára a zona psycologica de José da Silva Rato. Dia a dia, a paixão inexoravel foi desabando os pilares que o exalçaram a juiz eleito, delindolhe os predicados dignos d'essa magistratura entre os seus concidadãos. Perdêra inteiramente a vergonha, e atapulhára na consciencia, como em uma latrina, todas as immundices precisas para germinar lá dentro as flôres da grinalda nupcial de Dorothea. Os irmãos, gente de



gravata e bem relacionada, insultaram-no quando souberam que elle premeditava cazar com a filha do Gaio, notoriamente deshonorada. Elle não repelliu a affronta, resvalando o golpe da calunnia. Confessou altivamente a sua paixão; e gloriosa ou infame que ella fôsse, da sua sorte era elle o arbitro, e não admittia chalaças criticas, nem dava satisfaçoens á canalha. Allegou em sua defeza que um heroe romano, — parecia-lhe que era Bruto — muito mais sabio de que elle, dissera que a honra não passava de uma palavra. Ajuntou eruditamente que em algumas nacionalidades citadas pelos geographos a honra correspondia á deshonor de outros paizes; e que entre os homens se dava a mesma desigualdade na vaga e arbitraria qualificação de tal honra. Os irmãos ineouvictos chamavam-lhe bêsta, cynico, e estygma indeleavel de uma familia que contava, desde os Ratos do seculo xiv, doze geraçoens de



homens de bem. O administrador do correio de Fermêdo, que abrira as cartas do Arthur, era um dos membros da duodecima geração, e a tia D. Thomazia Rato, a Egyra do defunto juiz do supremo tribunal de justiça, também era da duodecima, e ambos participariam do ferrête da infâmia, se a degenerada vergonteasse enxertasse no tronco pelintra do Canastreiro. Muitas famílias illustres se tinham perdido assim.

Nem as injurias nem as ameaças dos seus desorientaram o juiz eleito. Porém, uma hervada frecha do destino lhe estava apontada ao forte peito.

A tia Thomazia, de quem elle esperava evidencialmente herdar os 15:000 cruzados, e de cuja saude se informava a miúdo para estar em dia com as molestias que lhe destroçavam os setenta annos, a infame Thomazia casára com o barbeiro do fallecido magistrado, dotando-o com



todos os seus bens. Ella havia promettido ao sobrinho a herança, quando se julgava intangivel a Cupido, depois de meio seculo de activo amor, em cujos annos contava abbades, alferes e até capitães de ordenanças, jurisconsultos bastantes, e a final o seu ultimo defunto juiz que pagára por todos. Era seu firme proposito dispôr de tudo a favor do sobrinho José, que nunca a desfeiteára por causa do seu obsceno comportamento; mas um Figaro das portas de Santo Antão, um escañoador fadista, logo que o ex-juiz transpôz os umbraes da porta da rua e os da eternidade, metteu-se dentro da casa do defunto, violou Thomazia, accendeu a chamma antiga que pegou na velha como em retrazo de palha sêcca, e vae depois casou com ella, fazendo-se previamente dotar. Uma pechincha que o indemnison de muitas decepçoens que soffrêra na politica, sempre



fiel aos setembristas e sempre victima do cacête cabralista nas eleiçoens.

Este desastre afervoron intensamente o amor de José Rato. Dorothea era já agora a sua unica taboa de salvação; acolhia-se ao amor da môça n'uma timidez de infeliz pupillo escorraçado pela familia. Era o seu refugio derradeiro e unico aquelle semblante aberto em que via arraiar-se-lhe um sorriso confortativo. É, todavia, certo que Dorothea ignorava o casamento da tia Thomazia; e não póde, por tanto, acentuar-se irrefragavelmente a dedicação desinteresseira da rapariga ao seu desherdado amador.

*

Que irá fazer tanto a miúdo o Rato a casa da Joanna Toqueriné?—perguntava-se. As linguas perversas intrigavam que a casota da Toqueriné era o ninho em que a



sobrinha largava uns filhos e chocava os ovos dos outros. *Era a casa da tia*, ca-
lemburisava o povo, jogando de vocabulo maliciosamente.

Depois da catastrophe do casamento da violada Thomazia, o Canastreiro acompanhava o juiz-eleito á chonpana da irman, por horas mortas, e ahí passavam horas a portas fechadas. O mysterio ia estostrar.

Um dia, estalon a noticia de que a alma do defunto Arthur fallava no *corpo aberto* da Toqueriné, e pedia a brados afflictos que lhe fallasse a mãe, e que não podia entrar no purgatorio enquanto não fallasse com ella. O primeiro intruso em Val-Redondo a levar a noticia a Balbina foi o vigario, o das trezentas missas adiantadas a cruzado, e promotor das mallogradas exequias. Este padre Leonardo não podia consolar-se das inuteis avançadas que fizera para explorar a viuva, sempre



vigiada pelo egresso, a quem o prior odiava intranhadamente. Tamanho odio exulcerava-se na invulnerabilidade dos creditos de frei Joaquim, um santo que nada tinha de seu; que mendigava aos ricos para dar aos pobres; que esmolava os doze vintens que recebia nos enterros e nas missas, e deteriorava as rendas da irman — que o agasalhára expulso do seu convento — induzindo-a a demasias de caridade superiores ás suas posses.

Balbina, desde que os medicos a visitaram conduzidos pelo confessor, começára a desconfiar d'elle, a suspeitar que, para certos fins, o egresso e os facultativos a queriam matar, envenenando-lhe o leite. Figurava-se-lhe que elle e os medicos e a irman do marido se conchavaram para a vendimarem com peçonha. Era ella quem ia á córte mungir as vaccas, e levava a pichorra cheia ao vigario para que lh'a benzesse. O exorcista do leite, em breve tre-



cho, conseguiu avantajar-se ao frade no predomínio sobre o espirito de Balbina; e, como o outro não queria já confessal-a, pela sua irresponsabilidade de mentecapta, a viuva sentiu-se muito consolada aos pés do novo confessor, e mandou-lhe quarenta alqueires de milho e um cevado de presente. Estava, pois, o vigario no veio do minerio.

Quando elle foi contar-lhe o que se dizia a respeito do espirito do filho, domiciliado interinamente no corpo da irman do Canastreiro, e referiu as lamentações que a alma penada fazia, Balbina, exagitada n'um desasosiego inapplacavel, gritava que queria ouvir a alma do seu Arthur—que lhe fossem chamar a Toqueriné. O vigario, quanto a estupidez, estava áquem da creuça nos *corpos-abertos*; ria-se da velhacaria da Toqueriné e muitas vezes dissera que ella merecia que lhe abrissem devéras o corpo a pontapés, dan-



do-ll'os na barriga até que a alma do defunto sahisse pelo lado opposto. Muito mais pôreo nos seus dizeres o padre Leonardo. Era um *Zola illitterato*, incapaz da propaganda de vocabularios sulphydricos para uso das familias orientadas; mas tinha lido o *Homem dos tres calçoens* de Paul de Kock, e achiava-o mais delicado que o propheta Ezequiel, no Velho Testamento.

Contraveio o padre com algumas razões a fim de despersuadir Balbina da crença nas almas dos mortos a fallarem nos corpos dos vivos; mas, como não conseguisse dissuadil-a e lhe não conviesse contradizel-a, avisou o Gaio de que a sua cunhada queria fallar com a irman — que lh'a trouxesse quanto antes.

Fr. Joaquim seguia de perto a pinga-da da trampolina; mas não lhe aventava o alcance. Apezar de mal recebido e quasi expulso de Val-Redondo, tencionava



expôr-se aos ultimos ultrages de palavras e até aos insultos de paneada com que o ameaçava o José Rato, por saber que elle planeára metter em eaza da avó a filha do Arthur. A creadagem da Balbina confederára-se a favor do vigario contra o egresso; de modo que, sem partieiparem á ama a vinda do antigo confessor, respondiam-lhe que a patrôa não fallava a ninguem.

Uma tarde, já noite cerrada, entrou a Joanna Toqueriné com o irmão e mais o parocho em eaza da viuva. Era chegado o tremendo conflicto. Balbina ia ouvir as petiçoens da alma penada do filho. O vigario dava-lhe alento — que não tivesse mêdo; que aquillo não era objecto para sustos; que tanto montava fallar com o morto como com a tia Joanna. E piscava o olho ao João Canastreiro, querendo assim mostrar-lhe que não era asno, e que ia feito na geringouça, fosse ella qual fosse.



Vinha muito bem ensaiada a Toqueriné. Logo que chegou em frente de Balbina, cahiu em joelhos; e, ferindo syllabicamente as palavras n'uma toada terrorisante, lamentosa, clamou:

— Posso fallar, minha mãe?

— Ai Jesus! ai Jesus! quem me acóde!
— exclamou Balbina, apertando os ossos parietaes nas mãos crispadas de pavor.

— Diga-lhe que póde fallar, snr.^a Balbina— insinuou o João Gaio, como velho mestre de cerimoniaes n'aquelles rithos.

— Posso fallar, minha mãe?— tornou a alma n'um vozear mais lugubre.— Eu sou o seu filho Arthur. Posso fallar, minha mãe?

— Pódes, meu filho, falla!— disse a mãe, procurando o amparo dos braços do parochó, que se assoava muito a miúdo para se rir debaixo do alcobaça.

E a alma fallou:

— Eu sou o seu filho Arthur que fui



para o Brazil, a fugir ao cumprimento dos mais sagrados deveres para com minha infeliz prima Dorothea que deshonrei, como vossemecê sabe. Deus castigou o meu crime, por que depois de passar muitos trabalhos fui ser caixeiro, e cheguei a ajudante de guarda-livros, ganhando 500\$000 reis, por anno; mas, ao fim de trez annos morri de febre amarella, no Rio de Janeiro, depois de me ter confessado muito mal, e já nas agonias da morte. Agora, minha mãe, venho pedir-lhe que faça sem perda de tempo doação dos meus bens, pelo menos dos que me pertencem por morte de seu marido, que já está no purgatorio, a minha prima Dorothea, como indemnisação do roubo que lhe fiz da sua honra. E enquanto minha mãe não cumprir isto que lhe venho pedir, por consentimento de Deus, ou não poderei entrar no purgatorio a cumprir a minha sentença, e andarei errante pelo espaço infinito sof-



frendo tormentos eguaes aos do inferno. Por tanto, minha mãe. . .

A alma ia continuar, quando Balbina perdeu os sentidos nos braços do vigario, que lhe bufava grandes sôpros á cara, e a sacudia rijamente. — O deabo da bebida da Toqueriné trazia o recado na ponta da lingua, muito bem decoradinho! — dizia lá para si o clerigo, continuando a bufar a desmaiada.

A alma fallára correntiamente pelo orgão vocal da Joanna; mas a redacção do discurso d'além-túmulo era original de José Rato, com alguns ligeiros topicos do João Gaio. Tinha custado muito a grndar aquelle estylo garrafal no encephalo da Toqueriné.

Emquanto Balbina permanecia insensivel, sobre a cama, com a bocca escancarada, os membros rijidos, e o nó hysterico nas goelas, o vigario chamou de parte o Canastreiro, e disse-lhe:



—Agora, snr. João, acabe com esta historia. Para chalaça já basta, que isto pôde ser muito sério, e a mulher rebentar para ahi de mêdo, e nós ficarmos todos compromettidos n'esta pandanga. Eu cá brincadeiras com almas do outro mundo não nas quero, nem isso está nos meus habitos. Vamos a fallar sérios. O que vocês querem já eu percebi. Querem que a Balbina faça doação dos bens á Dorothea, não é isso? É bem entendido. A rapariga perdeu a sua honra e deve ter uma legitima com que possa amanhâr a sua vida. Não é isto que vocês querem? Falle com franqueza, que está a fallar com um homem honrado, snr. João!

—Isso sei eu, snr. vigario; que v. s.^a é um homem como se quer sei-o eu de raiz.

— Bem! Então não volte cá com a alma do outro mundo. Vão-se embora, e deixem correr o negocio por minha conta. Ha-se d'arranjar o que você quer, sem es-



ta tramoia, que podia dar cabo da velha. Se me tivessem consultado, eu dava-lhe outras ideias mais finas e escusavamos de ter o frei Joaquim á perna, que em sabendo d'esta tranquibernia da alma penada é capaz de me acensar ao bispo, e malham comigo fóra da egreja e com vocês todos n'uma cadeia. Ande, safe-se, vá-se embora e deixe-me cá com a Balbina.

— Nós havemos de saber-lhe agradecer, snr. vigario, esteja certo que não ha-de precisar mais de ser paroeiro — disse o João Gaio dando-lhe palmadas nos hombros.

— Pois sim, sim, conversaremos depois a esse respeito.

*

Recuperando o alento, Balbina viu o vigario encostado aos pés da cama, e a creada velha, em pé, com as mãos postas, a



rezar. Sentou-se a esfregar os olhos nublados, e a murmurar palavras imperceptíveis, sem anciedade nem torvação.

Pedi a sua ceia como se accordasse muito bem disposta de um somno restaurador. Enquanto a creada foi buscar a tigella de leite migado de pão de milho, o vigario perguntou-lhe se se lembrava do que se passára antes de adormecer.

—Lembro, lembro muito bem. Não ha remedio. O meu Arthur quer que eu dê a casa á Dorothea. Deus mandou cá para isso a alma do meu filho; então é porque posso dispôr, não é assim? Eu pensava que não podia; mas Deus lá sabe o que faz.

—Que não vá isto ser marosea, sr.^a Balbininha—disse a creada que vinha entrando com a tigella de leite.—A Toqueriné é uma safadona, que já comeu seis moedas de ouro a uma minha tia para lhe



trazer á falla a alma do homem que morren no tempo dos francezes.

O vigario fez-lhe signal de calhida, tomou-lhe das mãos a tigella e mandou-a retirar com um gesto.

Depois, discorreu profusamente. Balbina parecia muito intelligente, respondia sem disparatar, interrompia ás vezes o confessor para lhe contar rapazices muito engraçadas do seu Arthur, a sua esperteza, a sua carinha de cêra quando era pequenito, as sandades que ella tinha d'elle quando foi para casa do snr. padre Hilario...

Ao proferir a palavra *Hilario*, susteve-se n'uma introversão subita, cravou a vista extatica no fundo escurado do quarto, abriu a bocea espavorecida, a soluçar monosyllabos, eortados pelo offegar da garganta, e poz-se a apontar para lá, com o braço estendido e o dedo indicador n'uma tremura horrente.



O vigario olhava, e não se sentia bem. Elle tinha dito sinceramente ao João Gaio que «brineadeiras com almas do outro mundo não as queria, nem isso estava nos seus habitos». Compreendera perfeitamente o padre Leonardo a visão de Balbina: era sem dúvida o phantasma do padre Hilario que ella via e apontava. Havia agna-benta n'uma cantara de loiça vidrada, sortimento que vinha todas as manhãs da sacristia para Balbina se lavar. O vigario tomou alguns punhados d'agna, hyssopon a cerrada penumbra onde devia estar o espectro do padre Hilario, e pronunciou algumas phrases rithuaes em exorcisção de espiritos quer luciferinos, quer humanos, de torna-viagem. Estava aterrado.

Ninguem, pois, resiste ao meio sem uma solida caracterisação physiologica e psychologica. Padre Leonardo compenetrrou-se do terror da visionaria. Latejavam



umas sombras n'um Christo pendente sobre o espaldar do leito de páo preto; por cima do telhado esvoaçavam corujas a erocitar; dos campos vinham uns guinchos lugentes dos sapos; e pelos vigamentos sibilava o vento lamentoso como um clamor unisono de gemidos levantados desde os supplicios do inferno até ao céo impassível. Depois, a escuridão do quarto, apenas alumado por uma vela de eobo, a lividez cadaverosa de Balbina, possessa do espectro do seu cumplice, aquelles gritos roucos e estrangulados que pareciam gemidos no coneavo de um jazigo pela agonia de um sepultado em vida. Enfim, o homem quando aspergiu de agua-benta o antro escuro do grande recinto parece que tambem via a avantesma do padre Hilario a esbater-se n'um golphão absorvente de trevas.



*

A creada que suspeitára da «marosca», é não podia tolerar que sua ama dêsse os bens á porca da Dorothêa, sem lhe dar nada a ella que a aturára vinte e quatro annos, e a encubrira nos amores com o Hilario, desligou-se do conciliabulo contra o egresso, e mandou-lhe contar o que se passára com a vinda da Toqueriné, do irmão e do vigario. Acrescentava que a sua ama lhe tinha dito, ao outro dia, que estava resolvida a nomear herdeira a sobrinha, para a alma do filho começar a purgar as suas culpas.

O egresso comprehendeu tudo então e vacillou no que lhe cumpria fazer civil e religiosamente. Elle era bastante ecletico na escôlha dos seus auxiliares em correção de vicios e de maroteiras. A's vezes, não invocava a justiça divina, e seguia os



processos da justiça humana, como mais expeditivos, e menos sujeitos ás tergiversações dos dogmas. Este é um dos casos. Em vez de pedir aos justos céos que fulminassem João Gaio, Toqueriné e Companhia, foi ao Alexandre de Pinho, juiz ordinario, pedir-lhe que interviesse funcionalmente no roubo que se tramava por meio de uma escriptura de doação em que figurava como doadora uma mentecapta.

O juiz conhecia as leis, e sorriu da pânica ignorancia do honrado frade em materia de doações. Estabeleceu que ninguém podia doar o que não era seu. Que Balbina, viuva do seu parente Roberto, não podia doar bens do marido sem mostrar documentalmente que era herdeira do filho, immediato successor do pai. Essa prova só podia accetar-lh'a o tabellião á vista de uma certidão de obito de Arthur e de um processo de habilitação, subsequente á morte do filho;—que, no pre-



sente caso, tanto importava que Balbina fosse ajuizada como demente. Era, pois, Alexandre de Pinho de parecer que não se dêsse importancia séria ao cavaco da alma com a mãe, e se abandonassem os alarves que a rodeavam ao esearneo publico, e talvez a uma severa lição correcional.

Ficou soeegado o egresso; mas o vi-gario, conchavado na veniaga, e pouco metieuloso em tricas da legislação, não desistia de levar a termos rasoaveis o programma estabelecido pela alma identifica-da á Toqueriné. Ouvida a opinião de um bacharel-formado que passava a sua vida podando vides, espeecando feijoens e creando pôtros, convenceu-se de que a escriptura era legal n'estas clausulas : Balbina doava todos os seus bens a Dorothea, no caso de que seu filho tivesse fallecido em vida d'ella e anteriormente ao acto da escriptura, como era voz publica; no caso,



porém, de que o filho lhe sobrevivesse, ella doadora faria simplesmente doação da sua terça, e do mais que podésse doar sem contravir aos direitos de seu filho. D'este modo, a escriptura lavrava-se desde logo; pedia-se a certidão de obito para o Rio de Janeiro, e assim que ella chegasse, revalidava-se a doação na totalidade dos bens. José Rato approvou sem repugnancia o alvitre. Quanto á demencia da doadora, reflexionou o jurisconsulto que isso era com o tabellião e com as testemunhas.

A terça de Balbina excedia trinta a trinta e cinco mil cruzados: era um dos maiores dotes dos trez concelhos visinhos.

Divulgado o projecto da doação, os duodecimos representantes dos Ratos do seculo xiv reconciliaram-se com o mano José. Emfim, trinta ou trinta e cinco mil cruzados... tinha desculpa. O amor é cego; mas o dinheiro é um optimo operador das cataractas. José Rato, com trinta mil cru-



zados, em Fermêdo, não era um cego de paixão, casando com Dorothea; tinha mais olhos que um pôlvo, e podia rir-se da myopia do Argus dos cem olhos.

*

Balbina estava melhor; amaramárase n'uma somnolencia de extenuação, á mingua de alimento. Reduzira a metade a ração de leite, e não o bebia sem que o vigario lhe fizesse em cima da chicara o contra-veneno de trez cruzeiros com o dedo polegar. Se a poção lhe enfartava o estomago, queixava-se de arsenico, de verdete, pedia azeite para vomitar, e dava arancos ficticios de enjoada. Era a irman do Roberto que a envenenava, dizia, para vingar o irmão. E o padre Leonardo, a rir:—deixe-se de asneiras, creatura! Vocemecê não tem nada. Ninguem a quer matar. Deixe esse leite, e beba vinho; co-



ma-me carne, carne de boi; o que vocee-
mecê precisa é trincadeira substancial, e
umas pingas do chôco.

Tirante o receio dos venenos e as ap-
parições espectraes do padre Hilario, o seu
espírito entrava n'uma phase relativamen-
te boa e esperançosa. Às vezes, tinha lu-
cidez e grande serenidade silenciosa. La-
grimava mansamente, enhugava as la-
grimas, e dizia que Deus a conservava vi-
va para castigo e escarmento das pecca-
doras. N'estas intermittencias aseeticas,
mas luminosas, esquecia o episodio da To-
queriné, ou seismava u'isso vagamente co-
mo a querer reatar os fios soltos de um
sonho.

Explicou-lhe o vigario a fórmula da doa-
ção á sobrinha. Disse ella que sim, que da-
ria a sua terça, se o seu confessor entendia
que a podia dar sem que Deus lhe pedis-
se contas. E, com uma decisão judiciosa,
n'um grande jacto de luz, acrescentou:



— Antes deixar-lh'o a ella que á bebida da minha cunhada, que me quer dar veneno.

O tabellião, irmão de José Rato, era o mais idoneo notario para lavrar a escriptura de doação.

As testemunhas eram quasi todas Ratos—o correio, o mestre de obras substituto do juiz de direito da comarca, o José, juiz eleito, e o padre Leonardo para assignar a rogo da testadora.

O ensejo foi casualmente bem escolhido. N'esta occasião, Balbina quedava-se muito abstracta, absorvida em qualquer contemplação em que os olhos nada viam, e os ouvidos pareciam ouvir as perguntas depois da repercussão do eco. Soffria ao responder, mostrava violentar-se n'um constrangimento oppressivo para perceber a pergunta; mas, afinal, percebia sem lh'a repetirem, e respondia. O tabellião leu a escriptura em quanto ella circumvagava



os olhos esgaseados pelos assistentes, a fixal-os alternadamente, com ar de mêdo. Imaginava-os talvez propinadores de verdête, facinoras que era preciso não irritar. Chamou o vigario para junto d'ella, e fêl-o sentar na mesma cadeira, acommo-dando-se com um dos quadris no bordo do assento, muito encolhida, e pedia ao padre que a não deixasse sósinha com aquelles homens desconhecidos.

Sahiram todos, excepto o vigario que lhe pediu licença para trazer a sobrinha Dorothea, que queria agradecer-lhe a esmola que lhe fizera, e beijar-lhe a mão.

— Pois sim, que venha, e que traga a menina, a filha do meu Arthur.— E muito risonha: Ella parece-se com o pai? deve ser muito bonita!

— Quem? a Dorothea?

— Valha-me Deus! a minha neta.

— A filha da Dorothea?



—Sim! Valha-me Deus!—dizia impaciente, nervosa.

—Essa creança morren de bexigas, ha muito tempo... Onvi contar; foi no tempo em que o seu confessor era o frade da Granja.

—O meu confessor! coitadinho! um santo homem, o snr. frei Joaquim da Cruz Sagrada!... Já lá vai!... Pediu-me o berço do meu Arthur para a minha neta. E' um berço muito rico, de páo oleo; está como novo; tenho-o lavado muitas vezes com lagrimas... Deu-lh'o o snr. padre Hilario...

—Máo! Máo!—disse consigo o vigario.—Temos historia!

Recordou-se d'aquella noite em que o phantasma do Hilario foi repellido a *douches* de agua-benta, da fabrica d'elle reitor. Arripiava-se-lhe ainda a espinal medulla lembrando-se da louca, empedernida, com o braço orgastico e o dedo tre-



pido a apontar para o canto escuro da casa, com a bocca hiante e os olhos n'uma immobilitade vitrea. Felizmente era dia, estava a sala espelhada de sol e a poeira formava columnas faulantes de atomos movediços. O padre, de dia, não tinha medo de abantesmas, que, no seu modo de pensar, eram ratoneiros como os que só excursionam de noite. Entretanto, a Balbina lá estava filada aos trez cabeçoens do capote do confessor, com o pescoço toreado para não vêr o espectro.

Admirava-se este clerigo com uma critica menos má e que nem parece de um parvo *pur sang*, de que a viuva fosse tão végada pelo amante e nunca se escabreasse, dizia elle pittorescamente, com a avantesma do marido! Tem que se lhe diga. A razão não póde formar conjecturas sobre os desvarios da insania. Póde, porém, suppôr-se plausivelmente que o espectro de Hilario avocado pela incessante medi-



tação da sua queda do perpetuo abysmo, se lhe tornasse a ella mais uma reminiscencia da sua paixão maldita do que o trasgo de um perseguidor condemnado, a querer arrastal-a ao inferno, como sua cumplice. Se Balbina fosse escorreita, é racional que o espectro de Roberto a estrangulasse nos sonhos, e lhe relampejasse nas vigalias, por essas noites fóra, quando nas trevas ha vozes, e gemidos e figuraçoens medonhas. Isso tem um nome: é o dragão despedaçador que se chama *Remorso*. Mas os dondos não possuem o orgão d'esses tormentos, teidos por mão da Justiça divina. A Providencia, ao submergir uma alma nas esenridoens sem aurora, atrophia no organismo do alienado aquella funcção, especie de cadafalso intimo. As raras lagrimas dos alienados nunea exprimem a dôr dos animalismos normaes. O dondo mata sua mãe que o abraça, e fica inenlpado pe-



rante a lei e perante a treva intima onde se apagou a luz da consciencia — a tribuna d'esse formidavel verdugo chamado *Remorso*.

*

Quando o vigario apresentou Dorothêa, a tia encarou-a mal assombrada, e perguntou-lhe se não deitára luto por morte de seu filho; que era uma pouca vergonha apresentar-se de saia de chita com riscas azues; que fosse mudar de roupa, que trouxesse a pequena. E, abrاندando subitamente de maneiras:

— Vem cá, vou mostrar-te o berço; está aqui dentro d'este quarto, onde nasceu o meu Arthur. Vem vêr como é lindo! vem vêr... Levou-a consigo, sentou-se á beira do berço, quedou-se alguns segundos a contemplal-o, e sorria-se, curvava-se sobre a travesseirinha enfronhada,



como a proēnhar com os labios um rosto de creança; e pinha-se a embalar o berço e a cantar n'uma toada lamentosa:

*Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei-de soffrer e mostrar-lhe
Que eu d'ella já não me espanto.*

A sobrinha a chorar muito anciada; e o vigario compadecido:

— Desgraçada creatura! desgraçada creatura! Está de todo!...

*Foge d'ahi, ó papão,
De cima do meu lelhado;
Deixa dormir o menino
Um somninho descansado.*

E acalentava: ó-ó-ó-ó—prolongado gemido, triste como as manodias, com um reqnebro dolente de meios-tons.

A Dorothêa, entalada de suspiros, não estava a padecer assim, tão fóra dos limi-



tes da sensibilidade, da compaixão da tia. Era pela sua propria filha, que tamanha exorbitancia de lagrimas a inundava n'aquelle momento, o mais pungitivo da sua saudade. Lancetavam-na remorsos de ter deixado a sua creancinha nos braços da Lemenha, mãe descaroadada e immunda mulher; doía-lhe a vergonha de não ter desprezado as amêaçãs do pai, e ter fugido á pobreza, aos trabalhos e á fome. Era por isso que ella se retorcia em attitudes de destemperada consternação, quando a tia, a olhar para ella muito espantada, perguntou ao vigario:

—Ella que deabo tem, Deus me perdôe?!

—Coitada!—explicou o vigario compungidamente.—Chora por vêr sua tia a soffrer. E então? Faz o que deve a uma tia que tão boa foi para ella; e ingrata seria, se podêsse assistir com os olhos enchu-



tos a este infeliz e desgraçado espectáculo!

E dava ao alcobaça uma forma de grande esponja para absorver as lágrimas que nos olhos d'elle nunca passavam de uma hypothese secea.

Entretanto, Balbina, á olhar para o vigario e para a sobrinha alternadamente, encolhia os hombros com ar de indiferença desdenhosa, e continuava a embalar o berço.

O vigario fez então signal a Dorothea que o seguiu á outra extremidade da casa.

—Fique entendendo voeê—deliberou o padre—que não volta a casa de seus pais. Fica desde já aqui com sua tia, e não me ponha o pé lá fóra. Bem vê que ella está maluea de todo. Precisa de ser vigiada a todo o momento. Ameigue-a, percebe? Não saia da beira d'ella, e não se ponha a fazer caramuhas, a chorar como ha pouco, ouviu? Cara alegre, e muitos ca-



rinhos. Aperte com ella para comer bons boceados, e não lhe falle á mão quando ella disparatar, e dêr por páos e por pedras. Verá que ella assim se afaz com você, e entrega-lhe o governo da casa; emfim, está de dentro, que é o principal.

—Eu tenho-lhe muito mêdo...—obstou Dorothea.—Ella embirrou sempre comigo e com minha mãe. É capaz de me pôr na rua, e fazer ahí um escarcéo—que a queremos roubar. Se eu soubesse que ella estava tão doida, não vinha cá.

—Se houver alguma desordem, mande-me chamar, que a residencia são dous passos. É chamar-me quando ella estiver mais atrapalhada da cabeça. E, minha amiga, soffra com paciencia alguma cousa. «Quem quer bolota atrepa, e não se pescam trutas a bragas enchutas», diz lá o ditado. As coisas arranjaram-se bem com a escriptura de doação; mas agora é preciso ter mão na manta, percebe? Se o filho



morren, o negocio bem vai; mas, se está vivo, e ali rebenta um dia, é preciso que sua tia não desfaça a doação da terça. Você bem vê que ella não regula. Tem venêtas de todos os deabos quando pega de vêr a abantesma do tal Hilario...

— Ai Jesus! — atallhou Dorothea — Não me diga isso, snr. vigario, que eu tenho mêdo, e tomara-me já d'aqui p'ra fóra... Já cá não fico hoje...

— Estamos então bem aviados... Sabe você que mais? faça o que quizer. Asno sou eu em me estar aqui a mortificar pelo seu interesse. Se quer, vá com Deus, e não conte comigo para mais nada...

Ouviam-se as passadas de Balbina que vinha chamando o vigario. E elle, sahindo-lhe ao encontro, muito affavel:

— Andava a explicar á sua sobrinha os costumes da casa. E' preciso entregar-lhe o governo, por que... — e chegando-se-lhe ao ouvido — esta creadagem está a



roubal-a, snr. Balbina. Vocemecê precisa de quem tome conta das chaves da tulha, da adega e do mais. Entregue tudo a sua sobrinha, que ha-de zelar a casa. Voce-mecê precisa de deseanco; não carece de trabalhar, tem muito de seu, graças a Dens, e póde tractar-se como uma princeza. Venha cá, Dorothea, sua tia encarrega-a de governar esta casa, e vae entregar-lhe as chaves. A snr.^a Balbina vae ensinar-lhe as suas obrigaçoens, mostrar-lhe a tulha, os canastos, a adega, a salgadeira, as talhas do azeite, etc., etc., etc.

A louca seguia o padre authomaticamente, e Dorothea, muito medrosa, ia atraz da tia, a seismar na maneira como havia de safar-se, logo que a velha rompesse desaustinadamente n'algun excesso contra ella, ou pegasse a fazer deabruras por causa do fantasma do padre Hilario.



*

Dorothêa ficou. Não dormiu em toda a noite. Sentára-se á cabeceira da cama da tia, a cossar-lhe brandamente a cabeça, até que adormeceu. Tinha alli no chão a sua cama que uma creada de ruim cara lhe arranjára com máos modos, rosnando e lobrigando-a de esguêlha.

Quando ia deitar-se, mesmo vestida, á cautella, e prompta para a fuga, a tia, estremunhada, sentou-se na cama, como se a levantassem de golpe por debaixo do catre; e, reparando na sobrinha, já em pé, muito enfiada de susto, perguntou-lhe quem era, e que estava a fazer na sua casa.

—Sou a Dorothêa, a sua sobrinha, que vim com o sr. vigario—respondeu a rapariga apavorada, já com os olhos na porta para se escapar.



A douda fitou-a por algum tempo; e, sem lhe dar palavra, deitou-se com o mesmo impeto com que se levantára. A sobrinha amesendrou-se sobre o enxergão, sem mais desfitar a vista do tóco da vella de cêbo que estava a acabar. O restante da noite velou-a n'um terror; e, quando o morrão da luz começou a vasquejar, figurava-se-lhe que tambem via uma abantesma de habito branco. Pensou em fugir; mas não sabia por onde. Fóra do quarto era completa a escuridão, e ouvia-se um rastolhar de ratos, que davam guinchos em luctas fraticidas, e esbarravam estrondosamente de encontro aos tabiques. Quando a luz expirou de todo, cobriu a cabeça com o cobertor da cama, e poz-se a rezar até que pelas frestas das portadas luziu o crepusculo da mauhan.

Tinha resolvido esgueirar-se assim que se vissem os caminhos, e ella podésse atinar com a sahida. Sahiu da alcova pé



ante pé, e chegou-se a uma vidraça que abria para um quinhôso de passagem. Viu, encostado á parede de frente, um vulto embuçado com chapéu de abas largas, e os olhos cravados n'aquella janella unica em que as portadas estavam abertas. Pelo rebuço do capote hespanhol, apanhado romanticamente na ponta do nariz, um traçar característico dos enamorados noctivagos d'aquelle tempo, não podia ser outro no coneelho de Fermêdo: era José da Silva Rato. Reconheceu-o logo por entre a neblina da manha. Correu devagariinho a vidraça, e cochichou-lhe:

— Safo-me, ouves? Não preguei ôlho. Credo! Estou tolhidinha de mêdo. Assim que se abrir o portão, vou-me embora.

E contou, com interrupçoens de susto, os successos decorridos, que o juiz eleito não achou assás concludentes para que fugisse. Animou-a a que se aguentasse



no sacrificio uns oito dias, indispensaveis para se obter licença de se casarem com dispensa de proclames. Que logo que se recebessem, já ella tinha companhia que a defendesse de mêdos. A felicidade de ambos não precisava da riqueza—dizia elle desembuçando-se para nobilitar a ideia, com os reales da mimica—mas loucura sería renunciar á fortuna depois que tão felizmente a conseguiram. Convenceu-a, pois, a ficar.

Tremeluzia no horisonte o sol sob um docel escarlate. Tangia a sineta chamando á missa. Havia movimento de gado que sahia das cortes para o pasto. Os pegureiros davam-se mutuamente aviso, trombeteando nas suas buzinas. Era forçoso apartarem-se antes que os vissem umas velhas que vinham ao longe, muito embiocadas, para a egreja. Elle não queria expôr a noiva ás maculas de suspeitas maliciosas. Em fim, concordaram que, a não sobre-



vir desgraça de maior, ella ficaria sósinha n'aquelle inferno até se effectuar o matrimonio, com a promessa de elle todas as manhans lhe apparecer.— Que lhe escrevesse de noite— pedia o Rato; mas não havia na casa geito de tinteiro, disse Dorothea, nem papel. O noivo prometteu levar-lhe papel e um tinteiro de chifre que se desenroscava, e tinha a penna de pato embainhada n'um tubo corneo em fórma de collo de garrafa.





IX



ALFERES Arthur Tavares e a sua amantíssima contubernal velejavam o seu escaler nas margens viridentes do Sandalcallo, que serpeia entre a Praça e o Damão-pequeno.

A rica viuva do contrabandista de sal, toda paixão, no rescaldo dos trinta e dois annos, assignava-se *D. Ursula Falcão Sinary Pelinga*. Estes dois appellidos indicos tinham sido o nome e sobrenome de sua oitava avó, uma parse,



ou persa, natural de Ormuz. Seu oitavo avô, fidalgo portuguez, e capitão-governador d'aquella fortalêza levantada pelos gigantes manuelinos no golpho-persico, chamava-se Luiz Falcão, um grande frascario, immortalisado nas *Cartas* de Simão Botelho e nas *Lendas* de Gaspar Correia. Das muitas mulheres que desfructou em Ormuz, houve uma cujos filhos accitou. Chamava-se Sinary Pelinga; e a um dos filhos poz o nome *Ayres*. Este Ayres, de tenra idade, em uma noite, na fortaleza de Dio, viu seu pai perecer varado por um pelouro traiçoeiro, (1548). Luiz Falcão, governador da fortaleza, fôra assassinado de mando de outro fidalgo, Manoel de Souza de Sepulveda—expediente summario para desempêcer-se de um rival poderoso que lhe estorvava a posse de D. Leonor de Sá—a mulher mais formosa da India, escreveu Faria e Souza. Removido o estorvo, casou; e, pouco depois, elle e ella



naufragavam miserandamente no regresso a Portugal, ricos e felicissimos, (1552). São muito conhecidas as estancias condolentes de Luiz de Camoens, e menos divulgado o mysterioso e providencial impulso d'aquella catastrophe tão chorada pelas musas e pela rhetorica dos maximos prosadores do seculo XVI.

O pequeno Ayres, morto seu pai, ficára na India com sua mãe e lá casou com mediana fortuna. Era este o setimo avô de D. Ursula Faleão, que, dotada de estremada belleza, casára com o abastado mercador *lascariu* que a deixára rica.

A goeza mostrára ao seu Arthur os documentos evidenciaes da sua illustre raça por *Falcões*; porém, o romantico sargento, sympathisando muito com a persa *Sinary* e pouquissimo com o fidalgo Falcão, pedin-lhe que se assignasse *Sinary Pelinga*, e que seus filhos, se os tivessem, usassem os nomes da sua avó indiana. E,



com effeito, já se gosavam de um menino de oito mezes que recebeu na pia-baptismal o nome do seu oitavo avô, *Luiz*, e estava destinado a assignar-se *Luiz Falcão Tavares de Sinary Pelinga*. O plebeu *Rodrigues* do suppositieio avô paterno fôra expungido como chato e nada euphónico. *Tavares* soava mais heraldicamente—tinha cheiro e sabor de chronica.

Por amor d'este menino e da sua propria honestidade andavam os dois amantes mortificados, pela demora dos documentos pedidos para o casamento. Nem a mãe nem o Alexandre de Pinho lhe haviam respondido ainda, e eram já passados sete mezes. Imaginavam que as delongas seriam motivadas por impedimentos canonicos oppostos por Dorothea, ou por que os pais assim quizessem estorvar-lhe o casamento. Resolvêra Arthur, obtida licença do governador geral, vir ao



reino com D. Ursula, e aqui mesmo, contra vontade dos pais, casar com ella.

Esperavam a licença de Gôa, e entretanto recreavam-se em Damão costeando no seu embandeirado escaler á ourela do frondente Sandaleallo.

Quando elles, n'esse dia, aproavam á margem para desembarcar, estava no caes o tenente Roque, muito attento a ouvir lêr ao alferes Bandeiva um folhetim da *Revolução de Setembro*. Tinham relido o folhetim; e, no intervalo de cada periodo, diziam alternadamente:

—É elle! não póde deixar de ser com elle isto!

—Estás certo de ser de Fermêdo o Arthur Tavares? — perguntou o alferes.

—Certissimo. Não o conheço de lá; mas as nossas aldeias distam uma da outra duas leguas. Recordo-me perfeitamente que elle me disse ser do concelho de Fermêdo, quando veio ha tres annos.



—Que tencionas fazer? Mostras-lhe este folhetim?

—Isso é o diabo! Aqui ha coisas horriveis...

—Mas é preciso esclarecêl-o. O rapaz ignora tudo que ahi se diz, nem sabe que lhe morreu o pai e talvez a mãe, por que pediu nmas certidoens para casar, e ninguem lhe responde. De mais a mais, se lá tem fortuna...

—Uma grande fortuna a do pai, diz elle.

—Mais uma razão... Isso é muito serio. Podem fingil-o morto e roubal-o... Elle ahi vem.

N'este comenos, saltava D. Ursula como uma levandisca da prôa do escaler, pousando levemente a mão scintillante de pedras no hombro de Arthur. Os dois officiaes desceram as escaleiras do caes a comprimental-a.

O tenente Roque ainda tinha, dobrada



a meio, na mão, a *Revolução de Setembro*.

— É folhetim do Lopes de Mendonça?
— perguntou Arthur. — Deixa vêr.

— Não é do Lopes de Mendonça. Este jornal sahiu ha dons annos e meio, e ainda hontem chegou de Portugal a embrulhar uns pares de piugas que me mandou minha mãe — e, dizendo, mettia na abertura do peitilho da farda o jornal.

Seguiram todos até casa do alferes Tavares.

D. Ursula subiu açodada a ir beijar a creança que lhe acenava do barandim, e Arthur ficou sentado sob o arvoredado que lhe ensombrava o perystilo da pittoresca vivenda.

— Contem lá algum escandalo — disse Arthur.

— Não ha — respondeu o Bandeira — dir-se-ia que anda pela India outra vez S. Francisco Xavier. E tu que sabes?



—Que estou ansioso por ir a Portugal.

—Vêr a tua familia?—perguntou o tenente.

—A minha familia, se queres que te diga a verdade, merece-me poucas saudades. Bem sabem vocês que ainda não recebi uma carta de pai nem de mãe...

—Como se chama teu pai, ó Arthur?
—disse o Bandeira.

—Roberto Rodrigues.

—De Fermêdo, já me disseste —interveio o tenente Roque.

—Sim, do concelho de Fermêdo. A minha caza chama-se Val-Redondo.

—E tua mãe como se chama?

—Balbina Candida.

—Tiveste um padrinho reitor?

—Sim: chamava-se Hilario.

—Está conforme —concluiu o Bandeira.



—Conforme o quê?—interpellou Arthur.

—Não podemos esquivar-nos ao dissabor de te notieiar que Roberto Rodrigues, teu pai, morreu ha mais de dois annos em Espinho.

—Como sabem isso voêes e eu nada sei?—perguntou Arthur, simplesmente maravilhado de que elle não soubesse primeirò que os seus camaradās o fallecimento do pai.—D'onde deabo lhes veio a notieia?

—Da *Revolução de Setembro* que líamos quando tu andavas no rio.

--Deixa vêr o jornal. . . Onde vem isso? é nas noticias diversas?

—Dispensa-nos de te mostrar o jornal.

—Por que? Ora essa! que não vá eu perder os sentidos!

—Sabemos que não perderás os sentidos; mas ha phrases de mistura com a



noticia da morte de teu pai que decerto vão ser-te muito desagradaveis — insistiu o Bandeira — é melhor ignoral-as... desprezal-as...

— Vocês intrigam-me! Que deabo póde dizer o jornal? que abandonei a minha familia e vim para a India? que fui máo filho? Patacnadas e caturrices. Cá tenho a minha consciencia a defender-me. Que tive lá uns amores de aldeia muito chôchos? Leriaś. Que me importa a mim commentarios da canalha? Algum padre do meu concelho que deitou sermão de moral contra mim, e me fez talvez responsavel pela morte de meu pai e pela virgindade da minha freguezia... Deixa vêr o jornal.

— Já agora é escusado negar-lh'o — observou o Roque. — Aqui o tens. Lê, rasga, e fica certo de que estes tens dois camaradas não conservam na memoria as tristes coisas, senão calumnias, que ali estão



impresas. Deante de nós nunca terás de córar por culpas de que não tens responsabilidade, nem podes tê-la pelos desvarios dos tens ascendentes. Se ahí te acensam de alguns desconcertos propios da mocidade, isso são rapaziees dos dezoito annos. Lê, e não te apoquentes.

Apertaram-lhe a mão; e elle commodamente recostado n'uma voltaire de vimes variegados, com almofada de sêda carmezim, leu o seguinte:

Transereve-se da COALISÃO, jornal do Porto, um folhetim que não emenda nem escarmenta viciosos nem vieiosas; mas pôde pegar algumas faseas dramatologicas aos cerebros engourdis dos litteratos, litterataços, litteratelhos, e litteratiços encartados no Theatro-Agrião. Ha ahí assumpto para um dramalhão de encher as medidas da Arte Moderna; e se o Theodorico representar o papel do infausto marido é contar com uma trovoada de lagrimas das torrinhãs sobre a platea já ensopada de prantos.

Segue o folhetim:

Amigo redactor. Hontem, por 7 horas da tarde, morreu n'esta praia de Espinho um abas-



lado lavrador do concelho de Fernêdo, chamado Roberto Rodrigues. Segundo as informações fidedignas de um cavalheiro chamado para lhe escrever o testamento e lhe assistiu á morte inesperada, o trespasse do lavrador foi horroroso e digno de archivar-se pelas causas moraes que o motivaram.

Este homem vivêra 25 annos enganado, trahido pela mulher com quem casára na flor da idade. Balbina, se chama ella, foi a mais esvella moça d'aquellas terras tristes, e penhaseosas em que, ás vezes, a natureza caprichosa, como um artista de genio transcendente e phantasista, se compraz em idealisar, n'um meio ingrato, alguma coisa surprehendentemente bella, algum rosto de mulher encantadora para descontar na fealdade do scenario em que appareceu a esplendida Balbina. Roberto era rico, mais de 50 contos em propriedades e ella quasi pobre, filha de arrendatarios de tavora. Amou-a e foi accete com alvoroço porque, além de ser abastado, procedia desde rapaz como os velhos mais honrados. Trabalhava sempre para engrandecer o patrimonio de seu filho... Mas ah! este filho não era d'elle, não linha algum visumbre das suas feições physicas nem espirituaes, nascêra pelo crime; e, na primavera da juventude, já florescia pela depravação hereditaria do pai. Ora, o pai era



um presbytero que Roberto hospedara como irmão e escolhera para padrinho de seu filho.

O afilhado foi educado pelo tal padrinho, notavel orador sagrado, distincto theologo no curso universitario, e depois reitor em uma das melhores egrejas convisinhas do Porto, para onde fugira aos maridos mais ou menos Othellos de umas certas Desdemonas de calcanhar tão gretado como a honra e tudo o mais. Ali permaneceu 8 annos o afilhado Arthur que já pelo nome baptismal prenunciava romanticos destinos — um Arthur de novella corriqueira que tinha fôlego e geilos para Saffie da «Salamandra» de E. Sue, e dos sinistros personagens da «Comedia humana» de Balzac.

Este Arthur em que fogueava um sangue ardente transfuso das arterias paternas e talvez das maternas, desflorou uma prima sob promessa de casamento; e, quando ella ia deitar á rampa de futuras tragédias um devasso n.º 3 na ordem genealogica, o devasso n.º 2 fugiu da sua terra com medo á vingança do pai da deshonorada — e nunca mais appareceu!

Até este desfêcho de estúpido e vulgar drama-bucolico de uma rapariga deshonorada, ainda o honrado Roberto Rodrigues cuidava que Arthur era seu, posto que pessimo, filho. O pai illegitimo quanto á lei, e genuino quanto á bigodeada natureza, já tinha concluido o seu apodreeimen-



lo na sepultura, legando ao afillhado ludo que podia deixar-lhe — o bastante para dessipações janolas de alguns mezes, e para se auzentar do reino.

Estes casos passaram-se ha 10 mezes, se bem me lembro dos eselarecimentos verbaes que recebi honlem do cavalheiro referido que os obtivera, junto ao cadaver de Roberto, de uma irman do morto.

Haverá 5 mezes que Roberto, em um incidente occasionado pela fuga do filho, soube a deshonra de Bulbina, apregoada n'uma laverna de feira, e na sua presença pelo pae da seduzida que já era mãe e não engeilára o filho. Desde este lance a garra da morte empolgou-o pelo coração.

Foi ahi que elle sentiu então instillar-se-lhe a peçonha que devia malal-o, pelos estragos de uma hypertrophia galopante. Foi viver em casa da boa irman que o acompanhou para Espinho, onde um imbecil cirurgião qualquer da sua aldeia o mandou tomar banhos do mar. Peorou, como era de esperar, e rosolveu fazer testamento para beneficiar a irman, esbulhando da herança o supposto filho que elle declarava adulleiro de sua mulher e d'um tal padre Hilario Tavares. O cavalheiro a quem devo estes veridicos pormenores fez-lhe saber que o excluir da herança paterna um filho reconhecido pelo matrimonio e assento baptismal era um acto irregular e inva-



lido a que a lei de successão não dava importância.

Não estava o testador preparado para esta revelação jurídica, por que a sua ignorância começava por não saber escrever o proprio nome. Do espanto passou á colera, da colera ao phrenesi e do phrenesi a uma agonia instantanea; porque, saltando do leito n'um impeto violento superior ás forças nervosas, unieas de que dispunha, o coração espedaçou-se-lhe nos braços da irman, e o desgraçado cahiu morto, estrangulado pela desesperação.

Horriavel tranee!

Se houvesse inferno, o padre que fermentou a ignominia e as torturas d'aquelle morto, parece que devia lá estar; e Lucifer, o generalissimo das legioens malditas, para ser imaginoso e sabedor do seu officio, devia pegar com uma tenaz em braza na alma do padre, para não sujar os seus dedos de antigo anjo, trazel-a a Espinho e pô-la em contemplação defronte d'aquelle cadaver do seu compadre e amigo. Depois, deviam ir, o padre e o diabo, visitar a viuva, desanojal-a, e baixal-a consigo aos abyssos insondaveis do Óreo para não flear sosinha n'este val de lagrimas. . . — lagrimas de viuvas da casta d'aquellas que correm torrencialmente como as cheias do Mississipi e estrepitam ao despenharem-se dos olhos como a catarata do Niágara. Ella mandou buscar o



morto para ter a evidencia de que o marido morreu. Desejava estar soeegada.

Eu não quiz, amigo redactor, que o cadaver de Roberto Rodrigues passasse á minha porta sem que lhe dissesse: «Vae dormir o somno eterno e indemnizador dos enormes infortunios, honrado homem! Deixa que os guzanos te roam esse grande museulo óco dilatado pela aneurysma. Se continuasse a pulsar com vida esse coração que levas affogado no proprio sangue, seria o opprobrio irremediavel que t'o iria dilacerando fibra a fibra!»

Outubro de 1847.

A Revolução de Setembro accrescentava juvialmente:

Este Arthur teria um destino mais mysterioso que o rei Arthur inglez o da Tavola-Redonda?! Póde ser que elle agora, rompendo d'entre as neblinas do enigma, appareça em Fermêdo a levantar a herança do compadre do padrinho, a quem ella com certeza perteneia tão justificadamente como a mulher do defunto Roberto. Aguardamos eselarecimentos para nossa edificação, e exemplo dos presentes e futuros Robertos, herdeiros natos dos Esganarellos de Molière.



*

Arthur, na travessia aspera do agreste-folhetim, não manteve aquella firmeza de espirito e placidez sanguinea que era de esperar do seu preclaro desdem pelas injurias impressas, quaesquer que fossem.

Mudou de côr, docu-lhe no intimo da alma quando o folhetim vibrava o latego da zombaria sobre o vilipendio da mãe. Elle costumava dizer «que o ridiculo era o cadafalso das almas superiores.» Tinha composto esta maxima. Não o feririam tanto, se lhe tratassem as devassidoens da mãe como Tacito e Suetonio as de Messalina, isto é, a sério; mas o feitio zombeteiro do banlista de Espinho vinha a ser o cadafalso d'aquella alma superior. Sabia pelos jornaes portuguezes d'aquella epoca turbulenta que até a rainha e a condessa, consorte de um primeiro ministro, eram



insultadas na sua honra; mas havia n'esses insultos a objurgatoria grave, o estylo sisudo, a declamação jacobina, robespierriana, ao passo que a mulher, que elle era forçado a acceitar como sua mãe, cahia no abysmo lamacento da irrisão, resvalando pela infamia. Quanto a ser filho de Roberto ou de Hilario, isso não apertava muito nem pouco o laço do cadafalso da sua alma superior:—Inteiramente nada, com tanto que a lei lhe garantisse os seus direitos de successão; mas, se a mãe ainda vivia, elle, filho brioso, sentia-se vexado pela contingencia de ainda se avistar face a face com ella, tão publicamente vergastada em toda a nudez dos seus vicios pela chacota da imprensa. Ser-lhe-ia então bem-vinda a noticia da sua morte. Não lhe podia desejar, como bom filho, um destino melhor. E era natural que tivesse morrido—dizia-lh'o a razão. Não lhe respondêra, querendo-lhe tanto! Decerto



morrêra de remorso e de vergonha. Não lhe via outra reabilitação possível, moralisava o alferes. Havia n'esse impresso alguma coisa que tornava mais cruel, mais dominicana a sua polé interior, e devêras o tracteava a termos de lhe rever a angustia no rosto patibularmente: era aquella passagem em que lhe ridicularisavam o nome romântico, e a nota apalhaçada da *R. de Setembro*, a comparal-o com o legendario Arthur de Inglaterra, e a fantasiar-o redivivo a apossar-se da herança do *pai Roberto*. Isto sim, acutilava-lhe o sen decoro. Ora agora, quanto á acensação *rococo* de ter desvirginisado e abandonado a prima—a *chôcha* conquista, como elle dizia aos camaradas—isso não valia, sequer, o despeito de um homem que se preza.

Como quer que fosse, escondeu a *Revolução de Setembro* das vistas de Ursula, que lhe perguntára o que lia elle com



tamanha attenção que não viera mais depressa vêr o menino. Respondeu que era um projecto de lei sobre reformas militares no Ultramar.

*

D'ahi a dias, Arthur fingia receber de Gôa a noticia, dois annos retardada, da morte de sen pai. Ao mesmo tempo recebia licença de vir ao reino. Ursula cuidou alegremente nos aprestos da viagem. E o Arthur, sentimental:

— Vaes ser minha esposa na igreja onde fui baptisado. Tem poesia isto, não tem?

Ora, se tinha! Que immensa poesia tinha aquillo! Casar-se na igreja onde tinha sido baptisado!





CONCLUSÃO



ARTHUR TAVARES, desembarcando no Porto, hospedára-se na *Feira das Caixas*, hoje *Praça de Carlos Alberto*, no *Hotel-Pêxe*, hoje palacio do conde da Trindade. A lascarina, ama do Luizinho, enjoára muito, adoeceira e convalescia na cama. A creança resentira-se do leite des-sorado da ama e desmedrara bastante. D. Ursula estava triste pelo abatimento do filho, e desilludida das fantacias deliciosas que se lhe preluseram na viagem e na



chegada á patria do seu amado. Atravez dos vidros baços das janellas, não via senão rimas de caixas e mêdas de cadeiras de pinho, feixes de engaços e vassouras com suas pás de lixo.

Defronte, um hospital com doentes amarellos á janella, de barretes brancos e cobertores ás costas; e pela rua o raro trajecto solavaneado de um carroção arrastado por vacças angulosas, com um recheio impenetravel de familias. A gôeza tinha saudades de Damão e do seu rio, da sua casa com açoteas espelhadas de sol e de luar, e o seu atrio florido a chover perfumes das copas por sobre os diwans de vêrga irisada de côres, da sua gondola com baldaquino franjado e da sua machila suspensa nas espaduas bronzeadas dos sudras. Ah! a *Feira das Caixas*, e ali ao pé os *Ferros-velhos!* aquillo comparado com a sua Azia... Que differença! que differença!



Ella não podia acompanhar o seu Arthur a Fermêdo; não podia deixar o menino nem levar-o doentinho pela humidade do Douro. Despediram-se muito consternados por poucos dias. Elle ia vêr o que era feito da sua grande casa; saber se a mãe vivia; tirar as certidoens precisas para celebrarem as nupcias, quando o Luizinho e a ama restabelecidos podessem acompanhal-os á egreja. Depois, arrendadas as quintas, iriam para a capital, e de lá outra vez para a Azia. Tambem Arthur sentia saudades da sua romantica vida oriental — o rio, o escaler, a saphira do ceu, as caçoulas aromaticas da terra, namorada das ardentias do seu sol. Confrangia-se-lhe a alma quando, ao abrir de manhan a janella do seu quarto no *Hotel do Pêre*, em vez de palmares indicos, topava de olhos com um acérvo de caixas de pinho empilhadas entre duas filas de cadeiras em sarilhos, e outras á volta com



gallegos sentados, de carapuça, sacco e corda a tiracolo, a conversarem sornamente, como os sabios das academias, n'uma melancolia nostalgica.

*

Desembarcou Arthur em Pé-de-Moura, e, logo ali encontrou o seu parente, o juiz ordinario Alexandre de Pinho a quem avisára de Lisboa. D'esta vez a carta não foi subtrahida. Os jornaes da capital tinham annuciado a chegada de Arthur Tavares, alferes do exercito ultramarino, entre os passageiros vindos n'um paquete inglez procedente da India. Sim, o *exercito portuguez ultramarino*, um exercito que lá estava e está a manutir a obra impavida dos Albuquerque, dos Castros e dos Alneidas por quem o Tejo ultimamente desatou a rir. O *Periodico dos Po-*



bres, muito lido pelos vigarios de Arouca e Fermêdo, transerevêra a noticia, que alastrou por aquelles conceelhos rapidamente. O desvio, pois, da carta, sobre ser inutil, seria perigoso.

O Pinho preparára hospedagem para o parente, e avisára frei Joaquim da Cruz Sagrada que pensasse na mais suave e menos escandalosa maneira de despejar da casa de Val-Redondo os dois conjuges que faziam companhia á douda, assenhoreando-se da administração. O egresso respondeu que a sua missão não podia ser ordenar o despejo; por quanto essas intimaçoens pertenciam ao poder judicial e não ao ecclesiastico. Que elle appareceria, levado de outro espirito, se o snr. Arthur lhe admittisse o voto nas suas deliberaçoens. Instado pelo juiz ordinario, prometeu ir lá jantar no dia da chegada de Arthur. Alexandre, no transeurso da legua que tinham a percorrer até ao Reguengo,



expoz ao hospede a cadeia de successos decorridos nos tres ultimos annos, e concluiu pelo cazamento do José Rato, immediato á escriptura de doação. O alferes ouvira sem maravilhar-se os acontecimentos que a *Revolução de Setembro* lhe participára sem as reservas melindrosas do parente. A demencia da mãe pareceu contristal-o. O parente contára-lhe commovido as scenas tristes da louca a embalar o berço, a pedir o cadaver do seu filho. O cazamento do juiz eleito com a Dorothea aflorou-lhe aos labios um sorriso de compaixão sarcastica.

— Em todo o caso, disse elle, vou requerer no tribunal competente a expulsão d'essa canalha, e instaurar processo criminal contra os promotores da escriptura de doação outorgada por uma mentecapta. E isto ha-de ser depressa, por que já principio a sentir-me invadido até aos gorgomilos por uma onda de lama; — parece



que me sinto sujo n'esta grande porcaria que aqui vai.

Observou-lhe o primo que o tribunal competente era elle, e para isso mesmo lhe ponderava que talvez fosse preciso, antes de expulsar Dorothea e o marido da casa de Val-Redondo, provar a nullidade da escriptura pela demencia da doadora; e que esta prova, além das delongas, dependia da retractação ou da contradita das testemunhas que assistiram ao instrumento, assignado pelo vigario a rôgo da outorgante. Se as testemunhas e o tabelião insistirem em affirmar a capacidade de Balbina, anteriormente á data da doação, a escriptura está regular quanto á terça doada á sobrinha; e, n'esta hypothese, elle Arthur não poderia judicialmente esbulhal-a da posse da casa, emquanto a casa lhe não fosse adjudicada na partilha.

— Á vista d'isso, o mais summario é pôl-os fóra a chicote! — epilogou o alferes.



—Isso lá de chicote, primo—reflexionou o Alexandre—será bom pensal-o mais de espaço. Lembro-lhe que Canastreiros e Ratos é pessima gente, e que a desesperação até dos bons faz máos. Se é tenção sua não se demorar por estes sitios, será possivel sahir-se bem da empreza violenta de os pôr fóra a chicote, com tanto que elles o não desconfiem; mas, a demorar-se ou a voltar aqui, don-lhe conselho de amigo e parente que lance mão de outros recursos.

—Que quer então o primo Alexandre? que a deixe na posse tranquillã do que é men, e que me retire?

—Não quero isso. Nós precisamos de uma terceira pessoa que nos indique o melhor expediente. Essa terceira pessoa é quem eu estou esperando. Lembra-se perfeitamente do frei Joaquim da casa do Penedo...

—Bem sei... um jesuita.



— Não. Fr. Joaquim era franciscano.

— Sim... quero dizer... um padre que trazia ahí uma caterva de beatas atraz d'elle. Aposto que minha mãe se confessava com elle?... Está explicada a demencia pelo fanatismo...

— Deixou de a confessar quando a conheceu em começos de alienação. Depois, sua mãe passou á direcção espiritual do seu parochio...

— Oh!... isso é que é jesuita na gema!...

— Jesuita não: é muito peor—é bêsta, pelo que respeita a intendmento; e, no resto, como homem, é tambem bêsta, mas degenerada. Olhe que os jesuitas eram espartos, primo Arthur. Quando você quizer termos comparativos para burros não vá procural-os á companhia de Jesus, que vai errado. Tornando ao egresso, eston ancioso que elle chegue, e que nos ouça. Olhe que fui eu quem obstou a que fr.



Joaquim impedisse a doação. Aqui veio o atribulado homem pedir-me conselho, e em metti a riso os seus receios por me parecer inerivel que tres testemunhas e um pastor d'almas se prestassem a jurar a capacidade moral de uma mentecapta para dispôr dos seus bens. Já vê que o frade não só está innocente n'essas traficancias, mas até protestou contra ellas.

Fr. Joaquim demorava-se. Alexandre de Pinho mandou um criado com uma egua até encontrar o ancião, que fazia muito de vagar as suas caminhadas.

A essa hora sahia elle de casa, onde se demorára com a Dorothêa. Sahia triste, muito pensativo, n'uma introversão dolorosa.

A prima do Arthur, sabendo que elle desembareára em Pé-de-Moura, e seguira com o Alexandre para o Reguengo, foi afflicta em demanda do egresso a pedir-lhe, debulhada em lagrimas, que lhe acu-



disse: que o marido estava resolvido a matar o Arthur, se elle o pozesse fóra de casa; e que o pai, logo que soube que o primo estava em Lisboa, carregára um bacamarte, e dissera que o tinha prompto para festejar o seu parente, logo que chegasse, com uma bala do peito ás costas. Lançou-se de joelhos aos pés de fr. Joaquim, e abraçou-se á irman do egresso, a pedir-lhe que rogassem a Deus que des-se abalo ao coração do Arthur para que os não perseguisse.

— Não consultastes o vosso vigario a tal respeito? — perguntou o egresso ligeiramente ironico.

— Fui lá, sim snr., fui...

— Que disse o vigario?

— Ficon passado; e o mais que dizia era — esta só pelo deabo, esta só pelo deabo! — e mais nada. Depois, mandou dizer ao meu homem que consultasse um lettrado, e que se fizesse forte com a escri-



ptura; e, em lugar de lhe dar bons conselhos, disse-lhe que fosse homem; e que as mocas não se fizeram só para os caens. Ai, snr. frei Joaquim, que desgraça, se elles se matam uns aos outros! . . .

O egresso mandou-a embora, — que ia vêr o que poderia fazer-se com o auxilio de Deus, e sahio a tempo que a egua e mais o creado de Alexandre apontavam no cotovêllo do caminho.

*

O alferes reeebeu agraciadamente o padre, que o felicitou pela sna boa apparencia de saude — que o achava muito bom para quem tinha morrido no Brazil, e que não esperava vêr de farda de alferes nm guarda livros resuscitado. Conton riso-nhamente a estafa que levou de brasileiro em brasileiro até descobrir que o defunto



Arthur era *Gonçalves* e não *Rodrigues*.

Depois de jantar, ao cahir da tarde, o Arthur fez signal ao primo que ventilasse a questão. Tinha pressa de vêr a pendencia resolvida. Apertavam com elle saudades da Ursula e do filho. A melancolia do crepusculo da aldeia e das badaladas das Ave-Márias innoitavam-lhe a alma, como se a casa do primo lhe fôsse um carcere. O egresso, ao soar das badaladas do *Angelus*, erguera-se e, de mãos postas, resárra mentalmente as tres *Aves*. Arthur mal se lembrava de ter, áquella hora, aprendido as oraçoens que a mãe lhe ensinára. Em casa do padrinho Hilario esses habitos obsoletos parecee que estavam proscriptos.

Concluida a sua oração, o padre persignou-se, den as *boas noites*, e disse a Alexandre de Pinho que estava ás suas ordens.

— Que a intenção de seu primo — ex-



poz o juiz ordinario — era tomar posse dos bens herdados de seu pai, pelos meios regulares, inventario, etc.; mas que, antes d'isso, queria tirar de sua casa a familia que lá se introduzira fraudulentamente, prevalecendo-se d'uma doação nulla...

O relatorio foi longo, e reforçado por argumentos do Arthur aos quaes o egresso prestava um sentido attencioso em que transluzia a desagradavel impressão que lhe faziam.

Concluida a exposição, frei Joaquim sentado, com as duas mãos sobrepostas nos joelhos, um poneo curvado, postura humilde que trouxera do seu convento, e se accentuára no habito do confessorio e da oração, disse com grandes pausas:

— Demorei-me em casa mais do que tencionava, por que tive de attender á pobre Dorothea, que foi contar-me o que ella devia conjecturar das intenções do snr. Arthur, conforme o snr. Alexandre acaba



de expôr. Quando Dorothea foi mãe de uma filha do sur. Arthur, e se viu obrigada a ir crear um filho estranho para poder alimentar a sua, fui eu que me offereci para vigiar a creança, que ficava muito mal entregue. Dei-lhe assim á mãe coragem para que fôsse, visto que o pai a ameaçava de lhe matar a filha, se ella a não engeitase. De mais a mais, havia miseria, havia fome, e... emfim a sua posição de mulher perdida, a quem Deus pôde perdoar, mas o mundo nunca perdôa, se ella é pobre, como a Dorothea. Um homem, quando desgraça uma rapariga n'estas circumstancias, e a despe em publico para que toda a gente lhe côrte a pelle com a vergasta da injuria, melhor fôra á deshonrada, e menos odioso fôra ao seductor, matal-a de vez, se ella tem de rojar-se na lama até cahir impenitente na enxerga do hospital... Sur. Arthur, ha-de ouvir-me com paciencia. Eu respeito os



homens; mas não respeito os vícios. Sei que está presente; mas a minha consciencia, tendo de o acensar, não o vê.

O primo de Dorothea fez um gesto condescendente de cabeça, e ouviu:

— A creancinha, filha do sr. Arthur, morreu debaixo dos meus olhos, quando eu já tinha obtido da sr.^a Balbina levá-la para a companhia de sua avó, tirá-la da palhiça pôdre em que estava para o berço em que fôra creado seu pai. Morreu e eu agradei ao Senhor levá-la. Dorothea, livre da filha, que era pelos modos o pregão permanente da deshonra de sua mãe, voltou para casa dos paes. Meditei e trabalancei em aproximar-a da Sr.^a Balbina; pensava em salvá-la de novos desastres; parecia-me que era um dever de sua mãe, sr. Arthur, proteger nma sobrinha infamada, e sem nódoa que a desdourasse antes da sua boa fé em acreditar que de amasia passaria a esposa; mas, a este tempo,



a minha missão encontrou deante de si as trevas, a perda completa da razão de sua mãe. Póde dizer-se que fui expulso da casa de Val-Redondo, não pela infeliz demente; mas por pessoas que á rodeavam e viam em mim um tropeço aos seus projectos. Chegaram a ameaçar-me de pancadas, se eu me intromettesse em negocios de familia. Estou bem certo que ninguém me espancaria; faço aos fortes a justiça de os crer incapazes de bater n'um velho inoffensivo de setenta e seis annos; mas não foi o mêdo que me demoveu: foi a inutilidade dos meus esforços. Logo que sua mãe insandecceu, todas as minhas diligencias a favor d'ella seriam vans, e as que eu fizesse a favor de Dorothea eram diversas das que se pretendiam. Alguem se prestou. Fez-se a doação, pela qual Dorothea obteve um marido.

Arthur, que o ouvira até aqui inalteravelmente sisudo, riu-se agora. Pareceu-



lhe que *Dorothea*, obtendo um marido por efeito da doação, era uma passagem bastante humorística, a desafinar da restante linguagem emocional do egresso. Fr. Joaquim, com a caixa do rapé aberta e os dois dedos suspensos na attitude de colher a pitada, seismou um pouco no sorriso de Arthur, e honra lhe seja, não o comprehendeu integralmente.

— Parece que se riu. . . de quê? — perguntou.

— É dos dois, do marido e da mulher; mas da doação é que eu verdadeiramente me rio. Minha mãe não podia doar. . . estava douda.

— É certo que estava douda. Não lhe chamemos, pois, *doação*: chame-se *esmola*, uma esmola feita a uma rapariga pobre que tinha um dote, e o perdeu no jogo das paixoes com um parceiro que usou de fraude para lh'o ganhar. Uma esmola, não feita pela douda, mas por una influen-



eia mysteriosa, um imperscrutavel manejo da divina Providencia que se compraz em pôr o balsamo nas chagas que ficam sempre em aberto á conta de quem as abriu. Em fim, uma esmola, não feita pela douda, mas esmolada pelo sur. Arthur que permittiu se dêsse a sua prima uma parte pequena dos seus bens de fortuna para que ella obtivesse um marido.

Aqui, o alferes tornou a vir-se incorrigivelmente. Já agora era impossivel ouvir fallar, a sério, n'aquelle *marido obtido*; mas o bonissimo egresso, mal aperecebido para intender aquelles risos que então se chamavam modernos, e que hoje todos os padres conhecem tão bem como as suas mãos, proseguiu:

O sur. Arthur decerto veio aqui para confirmar a esmola que sua mãe fez. Estava douda? não importa. Imagine que Deus concedeu á douda um instante de rasão para que ella beneficiasse, primeiro,



uma filha de sua irman quando se dizia que seu filho era falleido; segundo, uma sobrinha que fôra deshonrada por seu filho, sob promessa de uma reparação; terceiro uma boa e candida creatura que, na hora em que se planejava a morte do amante, lhe pedia que fugisse e a abandonasse, mas lhe não desamparasse a creança, se viesse a naseer; finalmente, uma esmola do sr. Arthur feita a sua prima que, ha poucas horas, prostrada a meus pés, me dizia. . . nem eu sei o que me dizia. . . devia ser talvez que viesse eu aqui tambem rogar-lhe que não tirasse a esmola a sua prima Dorothêa, que lhe não disputasse esse bocado de pão que ella come do que sobeja á grande fortuna do sr. Arthur.

E levantando-se, tremulo, com as lagrimas na voz:—Sr. Arthur, não tenho mais que pedir, senão que me perdôe esta rudêza de uma velha consciencia que



não pôde fechar-se, quando vai abrir-se o livro do supremo Juiz para lhe pedir contas.

O alferes apertou-lhe a mão com transporte, e, cofiando o bigode e a pêra:

—Pôde dizer-lhe que a doação de minha mãe está válida.

O egresso abraçou-o commovido, e o Alexandre entusiasmado:

—Bravo! bravo! muito bem!

—Uma reflexão, snr. frei Joaquim — ajunta Arthur.—Retiro amanhã para o Porto. Meu primo Alexandre receberá procuração para correr com todos os negocios da minha casa. No acto das parti-lhas, será auctorizado a renunciar em meu nome qualquer direiro questionavel á doação da terça. Entretanto, desejo vêr minha mãe antes de partir; mas preciso vêl-a só a ella na casa de Val-Redondo.



*

No dia seguinte, o egresso esperava Arthur á porta da casa de sua mãe. Entraram juntos com o Alexandre de Pinho. Um silencio de casa abandonado. Apenas á entrada de um vasto salão onde havia caixas de cereaes, estava a creada velha que vira nascer Arthur. Elle reconheceu-a :

—Olá! Guilhermina, dá cá um abraço, minha velha!

Ella atirou-se-lhe ao pescoço, a chorar.—Men querido filho, meu querido menino, em que desgraça vem achar esta casa! Tenho pedido a Deus que me leve; mas o senhor não quiz que eu morresse, sem o tornar a vêr...

Ouvin-se então um cantar abafado, ao longe, e o rumor trepido e cavo do balouçar de um berço. A Guilhermina despren-



deu-se dos braços de Arthur, e disse lastimosamente:—Lá está a desgraçadinha... É sua mãe a embalar o berço onde o menino foi creado...

E a voz da chorosa cantilena dizia:

*Não sei que quer a desgraça
Que atraz de mim corre tanto!
Heide soffrer e mostrar-lhe
Que eu d'ella já não me espanto.*

Arthur esentava. Parecia aterrado ou compadecido. Talvez remorsos. Seria tudo. Nas rugas da fronte sombria, a expressão da sua dôr não accusava um bom sentimento de compaixão, estreme do pungir da consciencia.

Cessára o baloiço do berço. O egresso entrou á alcôva de Balbina. Ella recebeu-o silenciosa, a recordar-se, a recompor aquellas feições quasi obliteradas na sua lembrança. Não o tinha visto, havia mezes. Julgava-o morto, e rezára por elle.



— Venho trazer-lhe o seu filho — disse o padre.

— Cuidei que m'o não trazia nunca — respondeu Balbina, recordando que lhe havia pedido o corpo do filho morto para o sepultar no seu jazigo, e acrescentou:— Quero fazer-lhe um officio de eincoenta padres e missas geraes.

O padre pegou-lhe da mão, e sahio com ella da alcôva. Arthur estava esperando entre o primo Alexandre que o animava e a Guilhermina soluçante com as mãos no rosto.

— Aqui está o seu filho, snr.^a Balbina — e apontava-lh'o. — Conheee-o? Aqui o tem vivo e gentil como era! — E pondo as mãos, o egresso orava: — Fazei o milagre, meu Deus! mandai um raio da vossa luz a esta alma escurrecida!

A louca, muito de manso, n'um passo receoso, como a ter mêdo de um fantasma, abeirou-se do filho. Elle avançou pa-



ra abraçal-a. A mãe recuava, a tremer, com as mãos abertas, convulsas, a defender-se do contacto do espectro. Depois, approximou-se outra vez, vacillante, muito tímida, e palpou-lhe o rosto com as mãos, uma em cada face, a acariciar-lh'as, sorrindo-lhe com meiguice, mas sem um gemido, sem um grito, sem lhe proferir sequer o nome. -

— Não me conhece, minha mãe? — perguntou Arthur apertando-a ao peito com extrema ternura.

Ella retrahin-se a fital-o, a fital-o, ora com um sorriso, ora com um assombro de pavor; mas não respondia.

Nas faces do filho rolaram então duas lagrimas. Era a primeira vez que chorava. Aquellas duas lagrimas eram dois diamantes, os unicos que sahiram n'um jacto de lama do voleão.

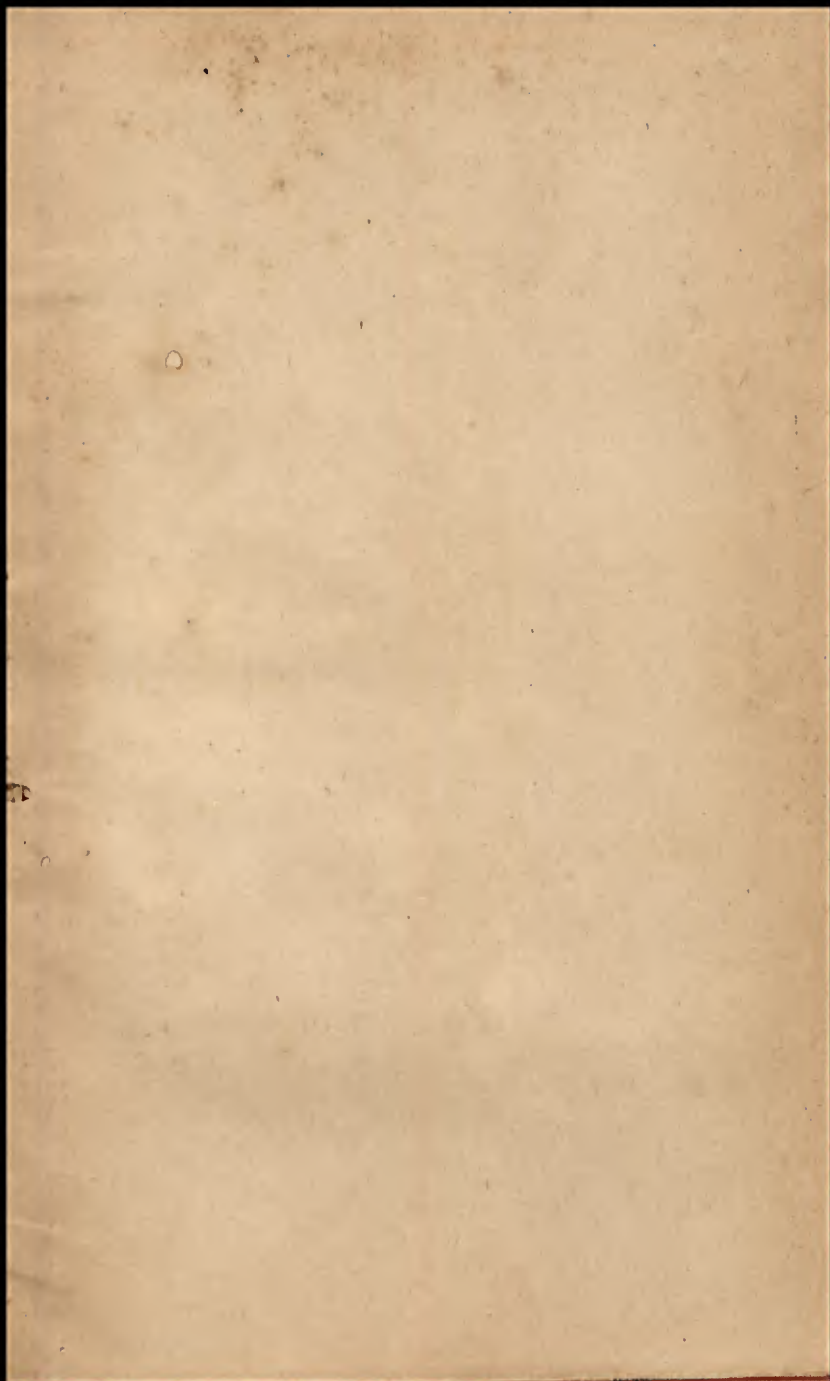
FIM



Propriedade dos editores

Porto — Imprensa Moderna





LIVRARIA CHARDRON

CARMELITAS, 144

THEOPHILO BRAGA

Historia popular de Portugal. <i>No prelo.</i>	
VISÃO DOS TEMPOS — Epopeia da humanidade (Edição integral), 4 vol.	2\$400
ALMA PORTUGUEZA (Rhapsodias da Epopeia de um pequeno povo:	
Viriatho, narrativa epohistorica	600
Frei Gil de Santarem, 1 v.	690
Os doze de Inglaterra, 1 v.	500
Gomes Freire. <i>No prelo.</i>	
HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA	
Introdução e Theoria da Historia da Litteratura Portuguesa, 1 vol.	700
Bernardina Ribeiro e o bucolismo, 1 vol.	700
Gil Vicente e as origens do Theatro nacional, 1 v.	800
Eschola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Theatro nacional, 1 vol.	800
Sá de Miranda e a eschola italiana, 1 vol.	700
Canções — Vida e epoea. <i>No prelo.</i>	
Canções e o sentimento nacional, 1 vol.	600
A Arcadia lusitana, 1 vol.	1\$000
Filinto e os Dissidentes da Arcadia, 1 vol.	1\$200
Bocage, sua vida e epoea litteraria, 1 vol.	1\$000
Garrett e o romantismo, 1 vol.	800
Garrett e os dramas romanticos, 1 vol.	1\$200
As modernas Ideias na litteratura portugueza, 2 vol.	1\$500
A patria portugueza, 1 v.	600
As lendas christãs, 1 vol.	700

EAÇA DE QUEIROZ

O erime do padre Amaro, 1 vol.	1\$200
Os Maias, 2 grossos vol.	2\$000
A Cidade e as Serras, 1 v.	800
O Mandarim, 1 vol.	500
O primo Bazilio, 1 grosso vol.	1\$000
A Reliquia, 1 grosso vol.	1\$000
Contos, 1 vol.	600
As minas de Salomão, 1 v.	600
Córrespondencia de Fradique Mendes, 1 vol.	600
Revista de Portugal, 4 gr. vol.	12\$000
A Illustre Casa de Ramires, 1 vol.	1\$000
Prosas Barbaras, 1 vol.	600
Cartas d'Inglaterra, 1 vol.	500
S. Christovam (inedito). <i>No prelo.</i>	
Cartas Familiares. <i>No prelo.</i>	
BOCAGE	
Paulo e Virginia.	300
GOMES LEAL	
Fim de um mundo.	800
JUSTINO DE MONTALVÃO	
Os Destinos	660
COELHO NETTO	
Sertão	600
A bicco de penna	700
Agua de Juventa	700
Romaneeiro. <i>No prelo.</i>	
BAZILIO TELLES	
Problema agricola	600
Carestia da vida nos campos	800
Estudos historicos e economicos.	600
Introdução ao problema do trabalho nacional	400
Do ultimatum ao 31 de janeiro.	800



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL

REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 4.084

Autor Branco, Camilo Castelo

Título Volcões de lama

Classificação ~~869.08~~ 869.08
~~B816o~~ B816o

TOMBO: 4.084

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000

VERREIRA BASTOS		Discursos, 1 vol.	500
Sciencia e philosophia.	600	America Latina. <i>No prelo.</i>	
Interesses nacionaes	700	JULIO BRANDÃO	
A crise.	700	Jardim da morte, 1 vol.	600
Poetas brasileiros	400	Pharmacia Pires, 1 vol.	500
Rumores vulcanicos	500	Maria do Céu, 1 vol.	400

